UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
MESTRADO EM HISTÓRIA, CULTURA E IDENTIDADE

BARBARA NAGAE

A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES SEM TERRA EM QUEDAS DO IGUAÇU – PR (1999-2014)

PONTA GROSSA
2017

BARBARA NAGAE

A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES SEM TERRA EM QUEDAS DO IGUAÇU – PR (1999-2014)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG, para obtenção do título de Mestre em História (Área de concentração: História, Cultura & Identidades. Linha de Pesquisa: Discursos, representações: produção de sentidos).

Orientadora: Prof.ª Dr. ª Alessandra Izabel de Carvalho.

PONTA GROSSA

2017

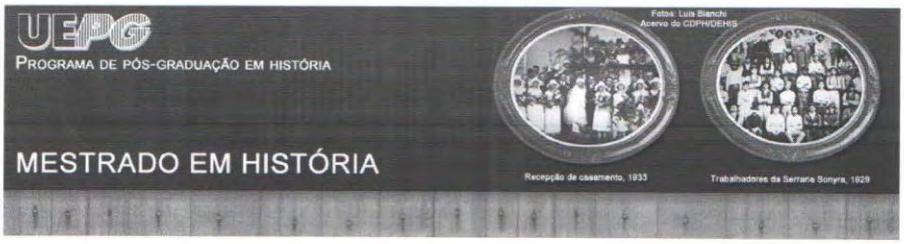
Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Nagae, Barbara
N147 A construção das identidades sem terra em Quedas do Iguaçu - PR (1999-2014)/ Barbara Nagae. Ponta Grossa, 2017.
161f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientadora: Profª Drª Alessandra Izabel de Carvalho.

1.MST. 2.Identidade. 3.Práticas. 4.Estigmatização e Educação. I.Carvalho, Alessandra Izabel de. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em História. III. T.

CDD: 303.484



TERMO DE APROVAÇÃO

BARBARA NAGAE

CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES SEM TERRA EM QUEDAS DO IGUAÇU- PR (1999-2014) .

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 29 de agosto de 2017, pela seguinte banca examinadora:

Profª. Drª. ALESSANDRA IZABEL DE CARVALHO (UEPG)
(Orientadora)

Prof. Dr. LUIS FERNANDO LOPES PERREIRA (UFPR)

Prof. Dr. ROBSON LAVERDI (UEPG)

Ponta Grossa, 29 de agosto de 2017.

AGRADECIMENTOS

“Damos graças e louvores, agradecemos independente das dores”.[1]

Agradeço ao MST, a cada Sem Terra deste país, dentre eles os companheiros de Quedas do Iguaçu, em especial aos entrevistados: Sônia Silva, Ademir César, Milton Rocha da Silva, Adecir Rodrigues da Silva, Claudemir Torrente de Lima, Ademir Barbosa, Leandro de Souza e Talita Carolina dos Santos; aos que ajudaram com o acesso aos arquivos: Claudelei de Lima e Lurdes Uliano. Aos companheiros das escolas do Assentamento: Márcia, Varlei, Eudes, Genoveva, Seu Adão, Eloa e aos estudantes.

Aos companheiros do Acampamento Maria Rosa do Contestado (a Roseli, ao Rodrigo e a Luana, em especial) e do Acampamento Dom Tomás Balduíno em Quedas do Iguaçu, que continuam firmes na militância.

À clareza, paciência e dedicação de minha orientadora Dr. ª Alessandra Izabel de Carvalho, que permaneceu acreditando e tornando possível organizar o caos. Ajudou-me a entender o que eu queria fazer e a fazê-lo.

Ao professor Dr. Luís Fernando Lopes Pereira e suas contribuições, principalmente no combate dos meus determinismos materialistas e na discussão sobre cultura.

Ao professor e meu co-orientador Dr. Robson Laverti que insistiu e instruiu-me a utilizar entrevistas, a dar voz a quem se deve, a sensibilidade desse texto se deve muito a isso e a sua contribuição tanto na pesquisa como em minha formação.

A todos os professores e professoras da Pós-Graduação em História da UEPG, em particular ao professor Dr. Antônio Paulo Benate, guru e amigo, e a Dr.ª Liliam Faria Porto Borges (UNIOESTE), cujo auxílio foi fundamental para compreensão da Educação Sem Terra.

A minha família: Ieda Moraes, Kengo Nagae Júnior, Hellen Lourynne Moraes Pereira de Lima e Anelise Boschetto. Sem vocês, me faltaria força e amor para conseguir, porque vocês são os “meus” e nunca perderam a fé.

[1] Música “Graças e Louvores” da Banda Ponto de Equilíbrio. Publicado via Youtube em 20 de mar de 2012.

A todos os colegas e amigos, galera de Quedas do Iguaçu, República Hippie Bloc, Dalhis, Bar da Tia, Família da Ocupa; em particular ao Thiago Bohatch que ajudou com conversas, pesquisa, apoio e amizade, e às amadas: Karen Barros, Rosangela Anhaia, Ieda Maria, Lucélia Rodrigues, Geovana Friesen, Fernanda Hicyna e Simone Saeki.

Gratidão!!!

Poeta Errante

Sou poeta errante
Vim de terras bem distantes
E hoje estou nesse lugar
Quando um dia aqui cheguei
Mil obstáculos enfrentei
Mas minha meta era lutar
Trazia na minha bagagem
Mil sonhos de coragem
E um coração para amar
Fui poeta peregrino
Como um ingênuo menino
Que não sabia o que era dor
Nos meus sonhos e utopias
Fazia nas noites frias
Das estrelas meu cobertor
Hoje durmo em uma cama
Da janela olho a lua
Mas o coração que tanto ama
Chora com os que dormem na rua
Nas ruas da BR
No meio do acampamento
Ainda posso ouvir o sem-terrinha e seu lamento
Ah! Se eu pudesse ir um dia lá no congresso
E lá gritar bem alto, confesso
Que o povo precisa de terra
Reforma Agrária é já
Chega de tanta luta
Chega de tanto esperar.

Sônia Paula Silva

Acampada e Assentada do MST

RESUMO

Quedas do Iguaçu é uma pequena cidade no interior do estado do Paraná. Dos 30 mil habitantes que residem no município atualmente (2017), há aproximadamente dez mil Sem Terras. Essa pesquisa é uma busca por compreender como um sem terra se torna um Sem Terra, ou ainda, como se constrói esse processo identitário em Quedas do Iguaçu. Que práticas os trabalhadores sem terra desenvolveram, como elas foram noticiadas pelo jornal Expoente, pelas autoridades locais e ainda que transformações foram conquistadas pelo MST durante quinze anos no município (1999 – 2014). Para tanto, algumas categorias e discussões tornaram-se fundamentais, e dentre elas destacamos: movimento social, memória, práticas, identidade, agroecologia, educação e estigmatização. Utilizamos fontes variadas: jornal Expoente, entrevistas com Sem Terras, imagens e produções/publicações do MST. Os Sem Terra conquistaram o assentamento Celso Furtado a partir das práticas vivenciadas nos acampamentos construídos em 1999 e 2003 e no processo de sua concretização se formaram os Sem Terra de Quedas do Iguaçu.

Palavra-chave: MST, Identidade, Práticas, Estigmatização e Educação.

ABSTRACT

Quedas do Iguaçu is a small town in the State of Paraná, of the 30 thousand in habitants, who currently reside in the municipality (2017), there are approximately ten thousand of landless rural workers. This research is a quest to understand how a landless person becomes a Landless person, how this process was representative in Quedas do Iguaçu, how were they received, what practices have they developed, how reported by the newspaper Expoente, by local authorities, and even if transformations were won by the Movement of Landless Rural Workers (MST), during those fifteen years in the municipality (1999 - 2014). To this end, some categories and discussions have become fundamental, we highlight: Social movement, memory, practices, identity, agroecology, education and stigmatization. We used varied sources: newspaper Expoente, interviews with landless person, images and productions / publications of the Landless movement. The settlement Celso Furtado is the result of the camps built in 1999 and 2003 and in the process of its implementation were formed the landless rural workers of Quedas do Iguaçu.

Keyword: Landless Movement of Rural Workers (MST), Identity, Practices, Stigmatization and Education.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Foto de Sebastião Salgado sobre Ocupação 1996.....32
Imagem 2: Mapa INCRA – Ocupações das Terras Griladas da Araupel.....33
Imagem 3: Foto de Claudelei de Lima sobre Ocupação 1999.....35
Imagem 4: Foto Capa Jornal Expoente do Iguaçu 1999……..…...47
Imagem 5: Foto da Escola Itinerante Chico Mendes 2003.....107
Imagem 6: Foto da Escola Itinerante Chico Mendes 2005.....109
Imagem 7: Foto do Colégio Estadual Chico Mendes 2007.....111
Imagem 8: Foto do Colégio Estadual Chico Mendes 2012.....112

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10
CAPÍTULO I - Capítulo I: MST e a Luta pela Terra.....15
1.1 – Aproximações teóricas sobre Movimentos Sociais.....15
1.2 Luta pela terra e o surgimento do MST.....21
1.3 O MST e a luta pela terra no Paraná.....25
1.4 Os Sem Terra de/em Quedas do Iguaçu.....29

CAPÍTULO II **:** Identidades Sem Terra em Quedas do Iguaçu: as práticas e as representações dos assentados e do Jornal Expoente.....39

2.1 Ocupação e acampamento.....39
2.2 ASSENTAMENTO.....59
2.2-1 ASSENTAMENTO NOTICIADO NO JORNAL EXPOENTE.....63

CAPÍTULO 3 - Identidades: Memórias e Experiência Histórica dos Assentados Sem Terra de Quedas do Iguaçu.....73

3.1 MEMÓRIA.....80
3.2 Práticas e Costumes na formação dos Sem Terra: Agroecologia Acampamento do MST em Quedas do Iguaçu.....87
3.3 O MST e a Luta por Educação do/no Campo.....92
3.3-1 Escola Itinerante.....100
3.3-2 Momentos da Escola Itinerante Chico Mendes.....106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....115
REFERÊNCIAS.....120

APÊNDICE.....127

Introdução

O início do caminho para a definição da temática desta pesquisa se deu pela percepção incômoda e latente que o Assentamento Celso Furtado, em Quedas do Iguaçu, apresenta certas peculiaridades que merecem ser analisadas. Essa compreensão ocorreu decorrente ao trabalho docente realizado no Colégio Estadual do Campo Chico Mendes e das vivências com os Sem Terra.

Ao chegar ao colégio, em 2008, estranhei a princípio as condições físicas da escola – salas de madeira sem forro e de chão batido – e em seguida o tom das conversas dos estudantes. Nessas conversas explicavam-me os motivos da escola ser assim. A resposta é que era um colégio do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Essa escola havia passado pelo processo de escola Itinerante a colégio estadual entre os anos de 2004 a 2007.

Mas eu ainda não entendia como uma escola podia ser da rede estadual de ensino, e utilizar estruturas tão precárias como as da escola Itinerante e ter vínculo empregatício estabelecido por meio de contrato com professores do Estado? Porque essa escola é diferente? Diferente como? O que significava uma escola do MST? O que é uma escola Itinerante?

Logo se evidenciou que a questão chave ali era o próprio MST. Como um movimento social e diante das necessidades – falta de transporte, deslocamento complicado, rigidez, preconceito com as crianças acampadas/assentadas, dentre outras – o MST faz sua própria escola, com características peculiares, marcada pela defesa da sua visão de mundo e, nesse processo, desenvolve uma pedagogia ímpar, a pedagogia da terra.

Em um primeiro momento o Estado manda alguns professores e subsídios ínfimos, após a oficialização do Assentamento a responsabilidade sobre a escola é transferida para o Estado e passa-se a utilizar o termo colégio. A estrutura física da antiga escola itinerante, que passou a Colégio Estadual do Campo Chico Mendes, permaneceu por mais de dez anos após assentamento. Mesmo com professores

contratados pelo Estado e cabendo ao mesmo a responsabilidade pelas condições estruturais da escola, a obra só foi concluída em 2017.

A legitimidade da escola itinerante ocorre através do colégio base das Escolas Itinerantes do Paraná, o Colégio Iraci Salete Strosak, localizado em Rio Bonito do Iguaçu. Esse colégio acompanha as escolas itinerantes, registros, etapas de aprendizagem e oficializa a transferência para os núcleos de educação no Estado.

Se o diferencial da escola era o MST, o que significava isso? O que é um movimento social? Como ocorreu o caso de Quedas do Iguaçu? E, mais especificamente, o que torna um trabalhador sem-terra, Sem Terra?

O projeto de pesquisa que levou a esta dissertação foi elaborado com base na minha trajetória como educadora e buscou responder a essas questões que a minha vivência junto ao Assentamento me colocou. Neste sentido, a problemática central aqui trabalhada pode ser resumida como um esforço para compreender a construção das identidades Sem Terra no Assentamento Celso Furtado em Quedas do Iguaçu. Essas indagações surgiram através do cotidiano e do trabalho desenvolvido na escola e diante da percepção de que o MST se transformava/formava de uma maneira diferente.

O recorte temporal da pesquisa situa-se entre o ano de 1999, quando houve a ocupação e a montagem dos primeiros acampamentos em Quedas do Iguaçu, até o ano de 2014, em que ocorrem novas ocupações na região. Esse recorte serve para pontuar a constituição de uma identidade coletiva que acompanhou e representou a trajetória de ocupação e assentamento em Quedas do Iguaçu, ou seja, as conquistas, tensões e contradições que marcam a sua historicidade.

Quando se discute a identidade dos Sem Terra, percorre-se um caminho que leva a uma imensa profusão de interpretações sobre o Movimento, assim foi necessário optar por algumas aproximações teóricas que elucidassem o fazer e os espaços em que se efetivam as suas práticas, algumas das quais pude observar *in loco*. Por isso, ao longo desses anos senti a necessidade de alguma forma, ser do Movimento Sem Terra, a fim de entender como se constrói a sua identidade social.

Então para melhor digeri-la resolvi olhar, perceber, experienciar toda a sua dinâmica de dentro de um barraco no Acampamento.

A minha experiência no campo foi marcada por períodos de permanência no Assentamento Celso Furtado, lecionando por sete anos no Colégio Estadual do Campo Chico Mendes, mas também pela convivência em acampamentos, participação em jornadas, marchas, reuniões e cursos de educação e formação Sem Terra. Essas atividades culminaram na estadia (até o momento) de aproximadamente 50 dias no Acampamento Maria Rosa do Contestado em Castro, no Paraná.

A experiência de olhar de dentro e olhar-se em um barraco é algo absolutamente transformador, as dificuldades, a organização do grupo e as práticas desenvolvidas na ocupação se nos apresentam em uma outra dimensão. Essa perspectiva trouxe novos elementos no sentido de me fazer elucidar/aproximar daquilo que compõe a identidade Sem Terra.

Pensar, analisar, vivenciar o MST é ponderar sobre o que é e como se dá um processo de estigmatização social. É refletir sobre quem trabalha no campo, aqueles que não são apresentados pela mídia, milhares de famílias que no Brasil são tratadas como inferiores, vistas como o outro lado, ou seja, os invasores, baderneiros, criminosos violentos, vagabundos. Esse tratamento que não é dirigido obviamente a qualquer um que trabalhe ou viva no campo. Mas ocorre com a maioria daqueles vinculados ao MST e que, o mais importante nesta discussão, não ocorre naturalmente, é construído – o estranhamento é natural, a estigmatização não.

O preconceito não se dá com os que detém posse de terras, mesmo que a posse seja questionada juridicamente, mesmo que a aquisição dessa posse tenha ocorrido de forma ilegal, violenta e criminosa, pois quanto mais terras maior o respeito e legitimação social. Esse entendimento não é criado unicamente pela conduta social dos sujeitos em questão, mas pela utilização do poder econômico para manipular aparatos ideológicos, como: mídia, política, religião, entretenimento; e aparatos coercitivos como: polícia, legislação, processos de criminalização, descaso e inferiorização.

É preciso ouvir, conhecer essa maioria camponesa para ser capaz de compreender os mecanismos desse processo de estigmatização e o peso deles na construção de sua identidade social. E mais, torna-se fundamental entender os mecanismos de defesa e empoderamento construídos através do poder coletivo, realizados por meio de práticas de resistência e de enfrentamentos, aprimoradas pelas aprendizagens, perdas e ganhos que o MST têm conquistado nos seus mais de 30 anos de luta. Pois se há algo que podemos pontuar desde já é que a sua identidade tem se construído na disputa que se efetiva nas dicotomias: campo (atraso) x cidade (modernidade), agroecologia (produção orgânica, ecológica, diversificada) X agronegócio (mecanização, latifúndio, monocultura transgênica, agrotóxico) e estigmatização X empoderamento Sem Terra.

A dissertação está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo discute-se os conceitos que nos auxiliam a compreender a dinâmica dos movimentos sociais e das práticas formadoras da luta pela terra do MST. Apresenta-se as práticas das ocupações de terra no Estado do Paraná, mais especificamente do acampamento/assentamento Celso Furtado.

No capítulo II analisaremos as entrevistas dos Sem Terra de Quedas do Iguaçu e estabeleceremos o diálogo entre essas falas e o jornal Expoente. Procurando perceber o processo formativo das identidades a partir das falas dos Sem Terra, para tanto, foram ouvidas várias pessoas, várias famílias Sem Terra, das quais nove foram registradas e seis utilizadas em citações (encontram-se no anexo) nesta dissertação. A valorização da memória e a perspectiva da História Oral, conferem sensibilidade e visibilidade a identidade Sem Terra, pois priorizam a subjetividade desenvolvida, expressa na fala de quem constrói e construiu as práticas, a memória e a sua própria história, no percurso dessa construção orgânica que é a Identidade.

Dialogamos concomitantemente com o principal veículo midiático da cidade, o Jornal Expoente, analisando que posicionamento é tomado perante a chegada e estabelecimento do MST, que tipo de discurso se produz, e como interfere na maneira como são vistos e se veem os Sem Terra em Quedas do Iguaçu.

No capítulo III buscamos analisar o que é proposto pelo MST, através das entrevistas, uma breve discussão sobre memória e a formação agroecológica e educacional no período do acampamento e assentamento. Destacamos a luta por educação do campo, presente nas falas dos Sem Terra na tentativa de perceber a construção da identidade dentro do movimento através da Educação.

Capítulo I: MST e a Luta pela Terra

1.1 Aproximações teóricas sobre Movimentos Sociais

A partir das questões propostas na vivência com os Sem Terra do Assentamento Celso Furtado em Quedas do Iguaçu sentimos a necessidade de compreender a dinâmica dos movimentos sociais, para além da caracterização de ação coletiva.

O conceito de Movimento Social é problemático, pois apresenta acepções variadas conforme o referencial teórico-metodológico utilizado na pesquisa. Evidencia-se através das leituras realizadas que as mais variadas ações coletivas são entendidas como tal e que essa discussão conceitual não está resolvida.

Cabe-nos, portanto, discutir alguns pressupostos que nos orientam na compreensão dos movimentos sociais a fim de reunir algumas categorias que nos auxiliarão no entendimento do MST e na análise dos Sem Terra em Quedas do Iguaçu. No transcorrer desta pesquisa, tais questões são retomadas, conforme vão emergindo, constituindo uma base teórica que nos serve para aprofundar o olhar sobre o tema.

No século XIX, a Sociologia, campo de conhecimento pioneiro na discussão conceitual de movimentos sociais, evidenciou uma mudança na maneira de analisar a realidade social, desvinculando-a das preocupações imaginativas, especulativas e metafísicas e alterando-a para uma forma racional e sistêmica de estudo da sociedade. Em parte, a institucionalização da Sociologia está relacionada ao crescimento da compreensão de divergências entre as classes e a eclosão de movimentos trabalhistas decorrente da segunda fase da Revolução Industrial e das alterações sociais proveniente dela.[2]

[2] Concomitante ao processo de industrialização, ocorre o de urbanização, por isso, nesse primeiro momento o conceito sociológico de movimentos sociais voltou-se aos operários, sindicatos e manifestações urbanas.

O indício de tal fato se dá a partir do entendimento que até o início do século XX eram considerados movimentos sociais apenas os sindicatos e as organizações trabalhistas.[3] Nos Estados Unidos da América o termo é utilizado como referência o funcionalismo de Émile Durkheim, que ambicionou entender as instituições sociais enquanto mecanismos coletivos de satisfação das necessidades vitais individuais, visão que mais tarde passa a expressar a preocupação de como as instituições sociais satisfazem estas necessidades sociais.

No período das guerras mundiais e nas primeiras décadas da Guerra Fria o termo cedeu lugar à efervescência da luta de classes na Revolução Russa e posteriormente na formação da URSS, de forma que a concepção marxista de classes se incorporou ao debate sobre os movimentos sociais. Da década de 1920 até meados da década de 1960 o predomínio conceitual sobre movimentos sociais foi construído através do antagonismo de classe em seu viés marcadamente econômico.[4]

Foi com o sociólogo francês Alain Touraine (1998)[5] que o termo adquiriu a partir da década 1960 consistência teórica. Para ele, os movimentos sociais poderiam ser classificados como movimentos societais, culturais ou históricos. De forma resumida, os movimentos sociais derivam fundamentalmente dos conflitos ao redor do controle dos modelos culturais.

Através da separação entre o universo econômico e o universo cultural acarreta-se a degradação tanto de um quanto de outro, já que da internacionalização do capital e de sua ideologia ocasionam-se conflitos que são, ao mesmo tempo, econômico-culturais, entendidos como movimentos societais pelo autor. Os movimentos societais abrangem um contexto cultural não apenas como protesto social e sua ação política, ou seja, apenas uma luta social, para Touraine eles são sempre um projeto cultural associado a um conflito social. O MST pode ser compreendido assim, sob a ótica da defesa cultural e econômica de um modo de

[3] GOSS, K. P. e K. PRUDÊNCIO. **O Conceito de Movimentos Sociais Revisitado.** Em Tese - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, 2004.
[4] Ibidem.
[5] TOURAINE, A. **Democracia, Igualdade e Diversidade. Igualdade e Diversidade: o sujeito democrático**. Tradução do original francês de 1997 por M. Florenzo. Transinformação,1998. p. 185-186.

plantar familiar, da cultura campesina e agroecológica em conflito com o modelo agroindustrial, do latifúndio monocultor.

Já os movimentos culturais são mais movimentos de afirmação do que de contestação, constituem-se com o objetivo de defender o sujeito contra uma lógica tecnocrática e mercantil que o capitalismo, enquanto modo de produção impõe. São caracterizados pela busca de direitos sociais, com maior ênfase, direitos culturais como identidade, coletividade, educação, dentre outros. Nesse sentido, o MST luta por esses direitos e com propostas concretas para a educação como a Pedagogia da Terra e a utilização de seus instrumentos de trabalho do campo (foices, facões, enxadas) em passeatas na cidade, como afirmação identitária de costumes do campo.

Nos movimentos históricos as populações se opõem às elites, pois ao povo cabe a construção das mudanças sociais. Com a globalização da economia, por exemplo, surgiram resistências que têm afetado a política desenvolvimentista de alguns governos. Governos estes que para manter sua representatividade elitista fazem uso do poder coercitivo do Estado. O MST tem construído discussões e práticas que o aproximam dos três conceitos de movimento social apresentados, mas movimento histórico se aproxima de forma ampla, das significativas alterações sociais conquistadas pelos Sem Terra, seja através da conquista do assentamento, na luta por reforma agrária, e, ou, em políticas como a educação do campo. Assim os Sem Terra contrariam a lógica da elite latifundiária e frequentemente são alvo de coerção do Estado e da mídia.

Nesse sentido, para compreender movimento social temos que compreender o sujeito, o ator social, ele deve ser o centro da análise, é ele que se afirma lutando, que constrói na prática o movimento social, em meio às configurações apresentadas no seu universo comunitário. Este sujeito se manifesta via movimento social em oposição a um poder opressor, geralmente em sociedades autoritárias onde as manifestações culturais são passíveis de penalidade legal.

Nesse contexto, Touraine aponta ainda que o sujeito aparece cada vez mais central e determinante para a análise dos movimentos sociais atuais, compreendendo-o como sujeito-ator privilegiado da ação em cada momento

histórico. Nesse sentido, as entrevistas realizadas com Sem Terra assentados de Quedas do Iguaçu nos aproximam da construção das identidades a partir das práticas e das memórias desse sujeito-ator.

> O sujeito não é o indivíduo (no sentido liberal do termo), pois ser sujeito significa ter a vontade de ser ator, isto é, atuar e modificar seu meio social mais do que ser determinado por ele. Portanto a liberdade do sujeito será construída em sua relação com o outro, na alteridade, mas não na subjugação, não na integração sistêmica acrítica, mas na busca do reconhecimento, na sua universalidade e na sua particularidade.[6]

Assim, para Touraine,[7] o sujeito social a se analisar é o próprio ator do movimento social com sua bagagem cultural, formada através de experiências múltiplas adquiridas da convivência em um coletivo; o sujeito cria uma identidade de grupo ao mesmo tempo que cria a sua própria, em virtude de suas especificidades.

Essa identidade de grupo é feita a partir de vivências coletivas e essas vivências são construídas através de práticas como: discussões em assembleias, organização interna nos acampamentos, práticas de luta por garantia e efetivação de direitos constitucionais, como Reforma Agrária, Educação e Democracia. Atenta-se que as práticas descritas acima têm por respaldo um ideal de democracia, pois os Sem Terra votam e organizam pauta, marcha, acampamento; através das reuniões e assembleias. Nessas é apresentado/discutido com todos os presentes as melhores alternativas para as demandas do coletivo. É uma gestão política-administrativa que se pretende ser do povo, pelo povo e para o povo.

Segundo essa análise dos movimentos sociais e seus conflitos travados em prol de direitos, a ideia de democracia representa a luta dos sujeitos, na sua cultura e na sua liberdade, contra a lógica hegemônica do sistema. É importante que os sujeitos protejam sua memória e que possam combinar o pensamento racional, a liberdade pessoal e a identidade cultural, garantidos através da luta pela democracia. Ou seja, a defesa da democracia torna-se uma constante luta contra o poder e a ordem estabelecida, uma luta contra a condição de ser mero trabalhador

[6] GADEA, C. A. e I. SCHERER-WARREN. **A Contribuição de Alain Touraine para o Debate sobre Sujeito e Democracia Latino-americanos.** Revista de Sociologia e Política(2): 39-45, 2005.
[7] TOURAINE, op cit. p. 15.

alienado/subjugado ao sistema. A busca pelas garantias democráticas seria uma das dimensões da construção do sujeito em ator-social, levando-se em consideração o seu contexto histórico.

Neste sentido é interessante notar que o MST se constituiu no fim da Ditadura Militar no Brasil. Mas se durante o período militar as manifestações populares foram reprimidas, abafadas e postas na ilegalidade, a saída da clandestinidade não isentou os Sem Terra de violentas repressões na década "democrática" de 1990.[8]

Gadea e Warren,[9] a partir da teoria toureineana, destacaram elementos para analisar o MST, tais como a presença específica dos sujeitos, sua memória, seu projeto de sociedade, uma cultura singular e determinadas atividades socioeconômicas que marcam a busca de um reconhecimento na esfera pública dos direitos fundamentais do indivíduo.

E, de fato, autores como Maria da Glória Gohn,[10] Eurípedes da Cunha Dias,[11] Claudemiro Godoy do Nascimento,[12] dentre outros, têm utilizado a abordagem de Alain Touraine para compreender os movimentos sociais brasileiros. Para Gohn, por exemplo, um movimento social é sempre,

> […] expressão de uma ação coletiva e decorrente de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural. Usualmente ele tem os seguintes elementos constituintes: demandas que configuram sua identidade; adversários e aliados; bases, lideranças e assessorias – que ao se organizam em articuladores e articulações e formam redes de mobilizações; práticas comunicativas diversas que vão da oralidade direta aos modernos recursos tecnológicos; projetos ou visões de mundo que dão suporte a suas demandas; e culturas próprias nas formas como sustentam e encaminham suas reivindicações.[13]

---

[8] Artur Zimerman pesquisa o recorte de 1964 a 2005 em seu texto: "**Governos democráticos e as vítimas da luta pela terra**" e aponta um percentual maior de mortes no período democrático, 62% das mortes entre 1985 a 2005 e 38% correspondente ao período da ditadura militar no Brasil de 1964 a 1984.

[9] GADEA, C. A. e I. SCHERER-WARREN, op. cit. p. 17.

[10] GOHN, M. G.**Teoria dos Movimentos Sociais - Paradigmas clássicos e contemporâneos.** São Paulo: Loyola, 1997.

[11] DIAS, E. D. C. **Arqueologia dos Movimentos Sociais**. XI Congresso Estadual de Sociólogos do Estado de São Paulo - ASESP. -. Antropologia: Brasília, 2001

[12] NASCIMENTO, C. G. D.. **Educação do campo na encruzilhada entre emancipação versus reino do capital: uma leitura filosófica.** Revista Nera **14**(18): 106-124, 2011

[13] Ibidem, p. 14.

Assim, podemos apreender a constituição do movimento social tendo como elemento fundamental a existência de elos identitários, em alguns casos provenientes da organicidade das lutas e necessidades coletivas que um sujeito de determinado grupo de pessoas constrói.

No Brasil a interpretação dos movimentos sociais realizada antes da década de 1970 era marcada por teorias marxistas excludentes, centradas no conflito entre capital e trabalho. Tal perspectiva não priorizava a análise cultural dos movimentos religiosos, indígenas, quilombolas e todas as rebeliões populares que ocorreram ao longo da história da colonização, da monarquia e da república no país, ou seja, não priorizava ou mesmo evidenciava toda uma gama de complexas composições étnicas, sociais e ideológicas daquilo que Dias[14] classifica como sendo "movimentos populares tradicionais". Este autor constrói então uma abordagem antropológica baseada em Foucault buscando uma teoria que abranja as significações que ainda estão encobertas e reprimidas nos discursos dos movimentos sociais.

Para Dias, às teorias dos movimentos sociais convergem para dois pontos: primeiro, revertem valores postos pela cultura política para se deixarem mediar por políticas culturais, cujos significados são recriados por aqueles que a implementam.[15] Segundo, afirmam que os movimentos sociais são feitos em campos não institucionalizados, cuja existência não está prevista na democracia liberal nem no Estado do bem-estar social.

Entre os movimentos sociais, Dias aponta que existem os movimentos populares tradicionais que, ao mesmo tempo em que buscam em instâncias governamentais suas demandas, também são construídos na prática de suas lutas. Segundo o autor,

> Os movimentos sociais tradicionais não podem ser vistos somente numa correlação de agregação com o poder institucional, como meras respostas a

[14] DIAS, E. D. C. **Arqueologia dos Movimentos Sociais**. Brasília : Antropologia, 2001.

[15] Complementa-se que as questões suscitadas ao chegar ao colégio do Estado, com características da escola Itinerante (na Introdução desta pesquisa) e a discussão da Política de Educação do Campo (capítulo 3), são reversões e recriações do Estado para as demandas dos Sem Terra.

> estímulos das instâncias institucionais e negar-lhes autonomia próprias [...] deve-se buscar no passado relações de poder bloqueadoras de liberdades, mas que, mesmo assim, não se tornaram obsoletas, pois ainda são apropriadas pelas relações sociais do presente e identificar nas estruturas submersas as experiências libertárias que devem ser resgatadas.[16]

Ou seja, os movimentos populares tradicionais não ficam imobilizados no passado e sua participação não é reduzida na sociedade brasileira. Para Dias, esses movimentos são o solo, a base de onde nascem as questões dos movimentos sociais modernos. Na década de 1980 surgiram novos movimentos tais como os movimentos dos desempregados e o das Diretas Já.

É na efervescência desse contexto que reside o marco inicial do MST, movimento que surgiu contrapondo-se ao processo de desvinculação do homem da terra gerado pela priorização da matriz urbana e industrial no setor produtivo e pela internacionalização mais efetiva do capital, levada a cabo na América Latina a partir das ditaduras militares.[17]

1.2 Luta pela terra e o surgimento do MST

A partir do século XX, o espaço agrário se altera com eventos e processos, tais como a Lei da Terra (1850)[18] a Lei Áurea (1888), o incentivo à imigração e a Proclamação da República (1889), que transformaram as relações de trabalho e possibilitaram a inserção de bases industriais no processo de desenvolvimento da economia brasileira.

---

[16] Ibidem, p.06.

[17] Vale frisar que essa discussão conceitual não foi realizada com intuito de "encaixar" o MST nas definições de movimento social de cada autor, é uma discussão realizada com o intuito de analisar o MST a partir de prerrogativas que ampliem e provoquem uma análise mais consistente e menos idealizada do movimento.

[18] Lei que alterou o sistema de posse de terras no Brasil, restringindo apenas a venda das terras públicas, favorecendo as grandes companhias colonizadoras e os latifundiários, que possuíam condições de compra e regularização dos documentos.

Müller[19] aponta que no Brasil existiram três padrões agrários. De 1870 a 1930, predominou o padrão latifúndio-minifúndio; depois houve, entre 1930 e 1960, maiores conexões entre agricultura e agroindústria; e, finalmente, de 1960 a 1980, passou a predominar o padrão agrário moderno, industrializado. Segundo Silva, é possível analisar a transformação no cenário agrícola brasileiro a partir

> (...) daquilo que poderíamos chamar de vários complexos rurais, grandes fazendas, grandes propriedades que tinham nível de consumo interno e produção de subsistência interna na propriedade, para aquilo que hoje se chama complexos agroindustriais. Então, é como se da agricultura daquele grande complexo rural fossem saindo partes dele e formando ramo da indústria que depois ligam novamente esses ramos da indústria, formando os complexos rurais. Hoje, a gente fala do complexo da soja, do complexo álcool ou complexo canavieiro, enfim, vários complexos.[20]

Esse padrão agrário desenvolvido a partir da década de 1980 tem relação com a industrialização/mecanização do campo, a assim chamada Revolução Verde, que significou a inserção de novos métodos na produção agrícola, métodos pautados em produzir mais em menos tempo e em gerar dependência em relação a multinacionais como Monsanto, DuPont Pioneer, Bayer, através do monopólio da venda de sementes, agrotóxicos e insumos no agronegócio mundial.[21] Esse processo é excludente pois nem toda população que produz no campo pode investir alto em complexos, ou seja, na produção industrial, com compra, utilização de máquinas e insumos.

O processo de mecanização do campo é responsável pelo empobrecimento de gerações vinculadas ao trabalho rural. Assim, no mesmo movimento em que esses trabalhadores perdem a possibilidade de retirar da terra a multiplicidade de gêneros necessários ao seu sustento e de sua família, também perdem a posse da

---

[19] ALVES, F.D; SILVEIRA, V. C. P **Territorialização Camponesa, Identidade e Reproduções Sociais: os assentamentos rurais na metade sul do Rio Grande do Su**l. Porto Alegre: revista de geografia agrária, 2007. p. 82-97.

[20] SILVA, Graziano da. O Desenvolvimento do capitalismo no campo e a reforma agrária. In: STÉDILE. João Pedro (Org.). **A questão agrária hoje**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS; 2002, p. 137-138.

[21] ANDRIOLI. Antônio Inácio. **Transnacionais e transgênicos**. Revista Espaço Acadêmico- UEM, 2009.

terra, na maioria das vezes engrossando as fileiras da miséria nas periferias urbanas. As relações capitalistas de produção são determinantes do ponto de vista social por proporcionarem, ou não, a efetivação do sujeito como ser social.

A partir de tais transformações do processo capitalista no campo e sua maior integração com a indústria, a agricultura deixa de estar separada do setor secundário e essa integração, necessária para a constituição do processo capitalista, decreta a inviabilidade crescente da pequena propriedade e da produção familiar no campo.

No Brasil, a maior expressão desses embates entre “os grandes e os pequenos” são os movimentos populares do campo, tanto pelo número de militantes quanto pela polêmica gerada por suas práticas. Entre as pautas da população camponesa destaca-se: luta por reforma agrária, educação do/no campo, construção de estradas e subsídios ao pequeno agricultor.

As experiências históricas de conquista de direitos sociais mostram que os movimentos sociais, ao longo do enfrentamento com elites políticas e econômicas, tais como latifundiários, coronéis, empresários, banqueiros e capitalistas em geral, conquistam liberdades expressas em práticas socioculturais que se efetivam através de leis e políticas públicas e contribuem na construção da identidade dos sujeitos envolvidos no processo. E, de fato, durante o período republicano várias revoltas e contestações de cunho social eclodiram no Brasil, como, por exemplo, Canudos (Bahia, 1896), Revolta da Vacina (Rio de Janeiro, 1904), Guerra do Contestado (Paraná e Santa Catarina, 1912 a 1916), Revolta dos Posseiros (sudoeste do Estado do Paraná, 1957), dentre outras que marcaram através de experiências e conquistas a história dos movimentos sociais.

O MST se autodenomina herdeiro dessas lutas, fato notável em suas cartilhas, nomes das escolas, tema das místicas e também através dos cursos de formação, onde as lutas campesinas anteriores são apropriadas como passado revivido no presente. A visão do camponês que lutou no Contestado, é sentida como um elo de continuidade da luta pela terra.

Foi no ano de 1984, mais especificamente, que se consolidou em Cascavel, região oeste do Estado do Paraná, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem

Terra, fruto da reunião de outros movimentos sociais menores cuja identificação social era a luta pela reforma agrária.

Durante a ditadura militar ocorreu um fluxo maior de incentivos creditícios e fiscais para a grande empresa rural, em detrimento aos pequenos proprietários familiares que, em grande medida, foram tragados pelas agroindústrias. A tese defendida por Caldart[22] é que o crescimento do MST está diretamente ligado ao processo de expropriação e expulsão dos trabalhadores do campo e da exclusão social de que foram vítimas quando se tornaram proletários urbanos e rurais.

É possível compreender o MST como sendo um movimento social a partir do economista e ativista social João Pedro Stédile, líder e fundador do movimento, que o caracteriza:

> Em uma definição mais precisa, então, são considerados sem-terra os parceiros, trabalhadores sem propriedade que produzem em parceria com o dono da terra, passando-lhe parte da produção; os pequenos arrendatários, que produzem em uma terra arrendada por um valor fixo; os posseiros, aqueles que vivem e trabalham em uma terra como se fosse sua, mas que não tem título de propriedade, podendo ser expulsos a qualquer momento; os assalariados rurais, os trabalhadores que vendem sua força de trabalho aos donos das terras, geralmente aos fazendeiros; os pequenos agricultores, módulo que varia segundo as regiões, de modo geral, considerando assim os que têm menos de cinco hectares de terra; e os filhos de pequenos agricultores, aqueles que não conseguirão se reproduzir como agricultores através da terra de seus pais, já que dividida entre todos os irmãos irá tornar-se de tamanho insignificante. Já na época do surgimento do MST isso situava os sem-terra em um universo aproximado de quatro milhões de famílias em todo o país. [23]

Percebe-se que há uma grande diversidade entre os sujeitos que se engajaram no MST. Grosso modo, pode-se delineá-los como trabalhadores do campo, ou ainda, sujeitos que têm (ou tinham) no campo a base de reprodução das suas condições materiais de existência, que se encontram desprovidos de toda ou ao menos parte das condições que lhes possibilite continuar o seu modo de vida e que vinham realizando migrações em busca de emprego e em prol da melhoria de suas condições.

---

[22] CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
[23] GORGEN, Frei Sérgio, A; STÉDILE; João, P. (Orgs.). **Assentamentos: a resposta econômica da reforma agrária.** Petrópolis: Vozes, 1991., p. 25.

Há uma correlação histórica da luta entre latifundiários e o MST com interesses e ideologias díspares. Uma minoria se apropria do bem, da terra, do tempo, da vida, uma apropriação que se dá na maioria das vezes por meio de privilégios. Assim, na organização do sistema capitalista brasileiro tem-se a maioria populacional sendo preterida, excluída, explorada e/ou desapropriada.

Há pressões e enfrentamentos na relação do MST com o Estado diante da demanda social relativa à terra. Os Sem Terra, ao percorrerem a caminhada de luta por reforma agrária, se compreendem como parte de um movimento social, o MST. Destaca-se sua capacidade de mobilização e organização para enfrentar os posicionamentos hegemônicos que socialmente os exclui, e que é diretamente representado por latifundiários. Nesse enfrentamento pela terra, o Estado é pressionado pela reivindicação popular de um lado (MST) e pela manutenção dos privilégios em um projeto de desenvolvimento excludente de outro (latifundiários).

O Estado serve, nesse sentido, para mediar e impedir o confronto, concedendo direitos mediante a pressão social, ao mesmo tempo em que impõe regras, diretrizes, leis que contemplam a manutenção da ordem por ele defendida. Ordem no sentido conservador do termo, quer seja, manter sobre controle as manifestações populares e manter os privilégios da oligarquia.

1.3 O MST e a luta pela terra no Paraná

O Estado do Paraná foi palco de uma grande desapropriação de terras na década de 1970, ocasionada pela construção de usinas hidrelétricas e pelo processo de mecanização do campo. A Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu, maior hidrelétrica do mundo, construída em parceria com o Paraguai, ocasionou a expropriação de aproximadamente 60 mil pessoas (40 mil no Brasil e 20 mil no Paraguai) de suas terras (8.272 propriedades rurais/urbanas no Brasil e 1.200 no

Paraguai), as quais se localizavam em oito municípios[24] do extremo oeste do Estado[25]. Segundo Bonin,

> Este processo obedece a uma mesma lógica do modelo agrícola modernizador, qual seja, a de abrir novos campos de aplicação do capital nacional e internacional no Brasil, além do seu objetivo explícito, que era criar condições para o desenvolvimento ampliado das atividades industriais e de serviços.[26]

No caso específico de Quedas do Iguaçu, a Usina Hidrelétrica do Salto Osório, construída também no rio Iguaçu no mesmo período, ocasionou a expulsão das famílias localizadas na área da construção e a inserção de parte dessas famílias em movimentos de luta pela terra, com destaque ao Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e ao MST.

Nesse período foi implementada, como já vimos, uma aceleração da mecanização do campo que promoveu a expulsão de muitos trabalhadores do campo. Assim, além da expropriação (causada pela construção das hidrelétricas), houve concomitantemente o processo de expulsão, o que gerou uma massa de trabalhadores do campo sem posse ou vínculo empregatício com a terra.

Na década de 1980, diante da grande expropriação e do considerável número de pessoas sem terra, a Comissão Pastoral da Terra, a Igreja Luterana, a Igreja Católica e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais fundam o Movimento Justiça da Terra que organizou, nesse momento, aproximadamente dois mil trabalhadores do campo (camponeses desapropriados de terras pela construção de hidrelétricas, pela mecanização do campo, pela predominância de latifúndios) para o estabelecimento de um acampamento no trevo de acesso à hidrelétrica.

Outros movimentos camponeses regionais representativos da demanda da terra no Estado surgiram nos anos de 1982 e 1983, são eles: Movimento dos

---

[24] Para a criação do reservatório foi necessário um alagamento expressivo, que atingiu as cidades de: Guaíra, Terra Roxa, Marechal Cândido Rondon, Santa Helena, Matelândia, São Miguel do Iguaçu e Foz do Iguaçu. In: "Território e Conflito"p.4

[25] MAZZAROLLO, J. **A taipa da injustiça: Esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu**. Curitiba; São Paulo: CPT: Loyola, 2003.

[26] BONIN, A. A. **Luta pela Terra no Paraná Recente.** In: Cenários de Economia e Política: Paraná. Curitiba: Prephacio, 1991.p.120.

Agricultores Sem Terra do Sudoeste do Paraná (MASTES); Movimento dos Agricultores Sem Terra do Norte do Paraná (MASTEN); Movimento dos Agricultores Sem Terra do Centro Oeste do Paraná (MASTRECO) e o Movimento dos Agricultores Sem Terra do Litoral do Paraná (MASTEL).

Em 1984, houve a formalização do MST em Cascavel, movimento social que se auto intitula autônomo e de luta pela terra, por reforma agrária e por igualdade social. No ano seguinte intensificaram-se os trabalhos de conscientização e formação de grupos de famílias para fortalecer e construir práticas visando a conquista da terra, como ocupações e acampamentos. Nesse período foi insignificante a efetivação de assentamentos, que são terras destinadas à Reforma Agrária e podem licitamente ter essa função caso sejam: terras griladas, latifúndio por exploração, fazenda improdutiva ou área devoluta.

Em 1985 ocorreu o 1º Congresso Nacional Sem Terra, com o lema: "Sem Terra não há Democracia". Expressando a sua luta pela democracia e pela terra, o MST participou do Movimento "Diretas Já", que pediam eleições diretas em oposição ao sistema de governança imposto pela ditadura militar.

Para Zimerman (2010),[27] "*com o término da ditadura militar ficou mais fácil se organizar, pois há maior liberdade política e menor controle, que é característico de um estado autoritário*". No entanto, aponta o autor, ocorreu um número maior de mortes de camponeses no período democrático do que no período ditatorial. As razões do aumento de mortes de camponeses em luta pela terra podem ser delineadas sabendo-se que, nesse período, são reunidas as representações dos ruralistas/latifundiários em organizações, com interesses divergentes, como a União Democrática Ruralista (UDR).

A UDR pautava-se principalmente em duas prerrogativas: "a defesa da propriedade como direito absoluto e o recurso à violência para assegurá-la"[28] Teve atuação na configuração apresentada por Ronaldo Caiado[29] para o Plano Nacional

[27] ZIMERMAN, A. (2010). **Governos democráticos e as vítimas da luta pela terra.** UNESP: Revista Aurora, 2010.p.2.
[28] Ibidem, p. 3.
[29] Ronaldo Caiado foi um dos fundadores da UDR, em 1985, médico e ruralista é hoje deputado pelo PFL- Goiás.

de Reforma Agrária (PNRA), ainda em 1985. Nessa conjuntura, de luta pela terra, o governo tem um papel fundamental pois o aumento da violência é autorizado/promovido através da autorização estatal. Ainda que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) devesse defender os interesses dos camponeses Sem Terra, naquele momento o PNRA favorecia as reintegrações de posse aos ruralistas.

Ao defender a reforma agrária, os Sem Terra se opunham ao modelo que era aplicado pelo INCRA no Paraná (órgão que era conhecido pelos Sem Terra como Instituto Nacional Contra a Reforma Agrária). Baseados em uma visão reducionista das terras e gentes do Paraná, tanto o INCRA como o PNRA estabeleceram que os problemas rurais no Paraná eram de regularização fundiária e pautavam-se no desenvolvimento da Colonização.[30]

Desde a sua origem, o MST reúne um grupo de pessoas que têm em comum a luta pela terra e, nesse sentido,

> A base social do MST é heterogênea do ponto de vista das categorias que o constituem (pequenos agricultores, filhos de pequenos proprietários, trabalhadores urbanos e rurais de uma, até duas gerações, a maioria dos quais nunca chegou a ser proprietário de terra), bem como distintas são as trajetórias de vida das famílias que optam pela luta em acampamentos e por meio de ocupações. São, porém, trabalhadores que possuem experiências semelhantes, entre as quais a migração e as situações de trabalho muito difíceis.[31]

Nas falas dos Sem Terra de Quedas percebemos essa recorrência, muitos retornaram do Paraguai e de outras partes do Estado do Paraná para as ocupações de terra, estavam em um constante deslocar, na busca por melhores condições de trabalho e de vida.[32]

---

[30] Programa de governo no qual ocorreu o deslocamento de populações do Sul para o Norte do país, sem as condições necessárias para transferência e subsequente produção.

[31] SHREINER, Davi Félix. **Memórias da luta pela terra: de sem-terras migrantes a ocupações coletivas**. Espaço Plural. Ano X. Nº 20. 2009. Pp 94 a 102.

[32] Retornaremos a essa discussão no capítulo três.

1.4 Os Sem Terra de/em Quedas do Iguaçu

Quedas do Iguaçu é uma cidade pequena e no interior do Estado. Os centros urbanos mais expressivos e mais próximos são Cascavel que fica a 120 km e Pato Branco, a 140 km. Até a chegada do MST, Quedas do Iguaçu contava com algo entre 20 e 23 mil habitantes. A colonização e o povoamento se deram principalmente por colônias de poloneses, italianos e, em menor número, alemães (os primeiros provindos diretamente da Polônia e os outros do Rio Grande do Sul).

A cidade tem uma população de maioria cristã, com predomínio de latifúndio, e comércio e indústria reduzidos. Como toda cidadezinha, as pessoas se conhecem intimamente, conhecem as famílias e frequentam os mesmos lugares.

No período de 1930 a 1932 foi assinado um convênio que recebeu o nome de Companhia Mercantil Paranaense S. A., realizado entre o governo polonês e o do Estado do Paraná para que se povoasse a região sudoeste com imigrantes poloneses. A colônia instalada em Quedas do Iguaçu recebeu o nome de Jagoda. O primeiro colonizador a vir com a família foi José Obara. A colônia Jagoda contava com farmácia, granja, armazém, matadouro, serraria e escola. Havia cerca de 80 famílias no local. O início da colonização do município ocorreu por meio da produção agrícola e da extração de madeira. A companhia colonizadora comprava as colheitas dos agricultores e as revendia em Laranjeiras do Sul. Tornou-se distrito de Laranjeiras do Sul e passou a ser município em 1968, vindo a ser denominado Quedas do Iguaçu, pela lei estadual nº 6126, de 14 de julho de 1970.[33]

Em 1972, a empresa Giacomet Marodin Indústria de Madeiras S.A, originária do Rio Grande do Sul, montou sede em Quedas do Iguaçu e iniciou a exploração de 102.004 ha de terras e florestas no sudoeste do Paraná. Parte dessa área foi considerada pública, em processos decorrentes das ocupações, há ainda um histórico de conflito pela terra e a degradação das matas nativas substituídas pela monocultura de pinus. Nos anos de 1997 e 1998, aproximadamente 25 mil hectares

[33] Disponível no endereço eletrônico http://www.quedasdoiguacu.pr.gov.br/ Último acesso em 19/03/2016.

do título Pinhal Ralo, em posse da Giacomet Marodin Indústria de Madeiras S.A foram desapropriados por ser considerada terra improdutiva,. as benfeitorias e a terra foram indenizadas e a ação gerou o assentamento de 1.550 famílias. nos assentamentos Marcos Freire e Ireno Alves, no município de Rio Bonito do Iguaçu. As terras do Assentamento Celso Furtado em Quedas do Iguaçu são terras referentes a fazenda Rio das Cobras;

> Na tentativa de resolver o conflito instalado, agora em Quedas do Iguaçu entre a Araupel e o MST, em 2003 o Incra buscou a compra de 23 mil hectares do título do Rio das Cobras, porém na análise jurídica da cadeia dominial, identificou-se a necessidade da nulidade do título, o que ocasionou a Ação nº 2004.70.05.005184-9, na qual a Justiça Federal determinou a posse provisória do Incra do imóvel onde, posteriormente, foi criado o Projeto de Assentamento Celso Furtado, com 1.107 famílias, em Quedas do Iguaçu. A importância econômica do assentamento Celso Furtado se demonstra em sua produção e renda que impulsionaram o desenvolvimento de Quedas do Iguaçu.[34]

Em 2015 foi reconhecida a nulidade do título Rio das Cobras em favor da União, cabendo à empresa Araupel (mudou o nome para Araupel em 1997)[35] a devolução das indenizações pelo uso de área pública.

Essa fazenda se expandia por aproximadamente sete cidades: Nova Laranjeiras, Laranjeiras do Sul, Saudade do Iguaçu, Espigão Alto do Iguaçu, Três Barras do Paraná, Rio Bonito do Iguaçu e Quedas do Iguaçu, a qual tinha como sede o escritório dessa empresa.[36]

É válido ressaltar que em alguns casos já havia camponeses cultivando essas terras que, por não possuírem a documentação, ou seja, os títulos de propriedade, foram expulsos do local gerando um número considerável de desprovidos de terra.

Segundo dados de Morissawa,[37] em julho de 1985, havia três acampamentos em Rio Bonito do Iguaçu, no sudoeste do Estado; em 1986 os acampamentos haviam duplicado e, em 1987, houve mais cinco ocupações no Estado. Em 1991, havia quatorze áreas com aproximadamente 2.500 famílias acampadas. Desde

---

[34]Disponível na página do INCRA: http://www.incra.gov.br/noticias/reuniao-para-mediacao-de-conflito-agrario-no-parana-termina-com-avanco-para-paz-no-campo.

[35] Em 1997 ocorre com o MST a ocupação das terras em posse da Madeireira Araupel.

[36] FABRINI, João, E; ROSS, Djoni; MARQUES Erwin Becker et.al. **Lutas e resistências no campo paranaense e o projeto Dataluta-PR**. REVISTA NERA. Nº 21, v.15. Jul.-dez./2012. p.40.

[37] MORISSAWA, M. **A História da Luta pela Terra e o MST**. São Paulo, Expressão Popular. 2001.

então, as reivindicações, as ocupações e os acampamentos passaram a configurar a paisagem do campo no Estado do Paraná.

Algumas dessas famílias que viviam anteriormente na fazenda Pinhal Ralo[38] a ocuparam em 1996 na tentativa de conquista de terra, sem nenhum tipo de apoio governamental ou de qualquer das esferas de poder.

> Em julho, haviam (sic) três acampamentos no sudoeste do estado, reunindo aproximadamente 1500 famílias, reivindicando a desapropriação da Fazenda Pinhal Ralo, de mais de 80 mil hectares pertencente à empresa Giacomet-Marodin, em Rio Bonito do Iguaçu.[39]

Diante do descaso e da omissão das autoridades em relação àquela situação, as lideranças do MST decidiram fortalecer e ajudar os acampados e organizaram um grande acampamento com aproximadamente 3000 famílias. O acampamento foi montado nas margens da BR 158, rodovia do trajeto entre as cidades Rio Bonito do Iguaçu e Laranjeiras do Sul.

Essa ocupação ocorreu em 18 de abril de 1996 e dela se originaram, em parte desse antigo latifúndio, os assentamentos Ireno Alves dos Santos e Marcos Freire. Essa ocupação foi considerada a maior da Regional Sul.[40]

[38] Uma das fazendas que fazem parte da área que se encontrava em posse da empresa Giacomet-Marodin.
[39] MORISSAWA, op. cit., p.?
[40] Ibidem, p. 177.

Figura 1: Ocupação 1996. Foto: Sebastião Salgado. In: SALGADO, Sebastião. **Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997: 122-23.

Ao observarmos essa fotografia sobre o momento da ocupação em Rio Bonito (1996) sentimos a força do trabalhador Sem Terra com seus instrumentos de trabalho rompendo as cercas do latifúndio. Mesmo que essa interpretação tenha uma grande simbologia dentro do MST e tenha adquirido maior visibilidade por ser do premiado fotógrafo Sebastião Salgado, não foi entendida dessa mesma forma pelos que não têm diálogo com o MST.

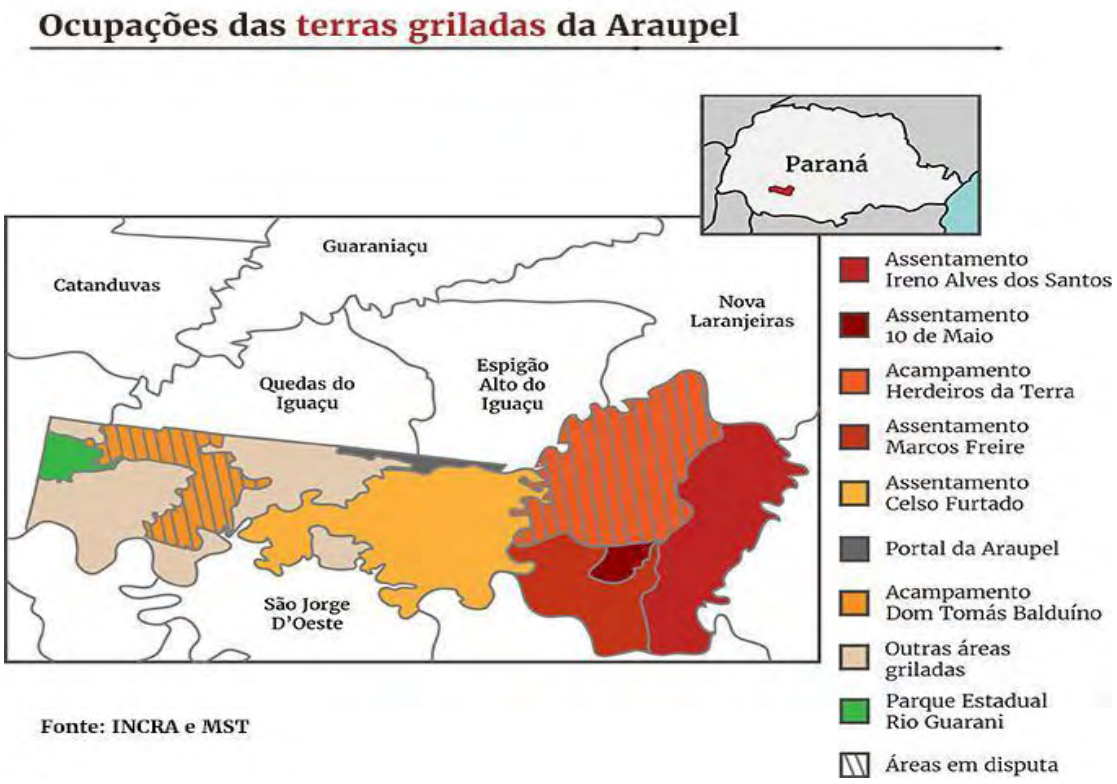
Esse conflito de olhares, percepções e interpretações faz parte da dinâmica social. Thompson ao analisar a "Venda de Esposas" nos esclarece que ao olharmos para um sujeito histórico diferente culturalmente de nós (seja pelo distanciamento temporal, espacial, étnico) temos tendência a compreendê-lo mal por não entendermos os símbolos, ritos, conhecimentos por ele representados, por nossos códigos serem díspares, e assim, corremos o risco de mal interpretar os costumes que vemos.[41]

Nas práticas Sem Terra acontece o mesmo. Práticas como carregar facões e foices em suas marchas e ocupações são vistos como representações violentas por quem não tem familiaridade com os costumes do campo e com suas ferramentas de trabalho. Adicionado a isso o fato de terem as faces rachadas de sol, bem como as

[41] THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

mãos e corpos brutalizados e envelhecidos prematuramente pela rudeza das condições de trabalho, e ainda por serem desapropriados, são outras condicionantes no estranhamento e posterior estigmatização de suas práticas e costumes. Mas para os Sem Terra, empunhar foices e facões é um ato também simbólico pois esses instrumentos são representativos para o trabalhador do campo (enquanto que para os latifundiários são as máquinas que os representam).

As terras em posse da Araupel correspondiam a cerca de 80 mil hectares, no mapa abaixo podemos ver a redefinição dessas terras:



No mapa, as partes em vermelho referem-se aos Assentamentos Ireno Alves dos Santos, 10 de Maio e Marcos Freire,[42] localizados no município de Rio Bonito do Iguaçu, como também a parte em vermelho traçada que corresponde ao acampamento Herdeiros da Terra.

[42] Os assentamentos correspondem a ocupação de 1996.

Em amarelo, no mapa, o terreno onde hoje está localizado o Assentamento Celso Furtado no município de Quedas do Iguaçu, fruto dos Acampamentos 1º de Maio (1999)[43] e José Abílio (2003). A área faz parte do maior latifúndio do Paraná, a fazenda Rio das Cobras que estava em posse da Madeireira Araupel, em Quedas do Iguaçu. Constituiu-se em 2014 um novo acampamento também em Quedas do Iguaçu, o acampamento Dom Tomás Balduíno (em amarelo traçado no mapa).

Os acampamentos José Abílio e o 1º de Maio montados em Quedas do Iguaçu, (prática responsável pela conquista da terra do assentamento Celso Furtado), foram estruturados em duas brigadas:[44] Mao Tse Tung e Padre Josimo, cada uma com aproximadamente 500 famílias. As tarefas de organização e de montagem foram divididas. O acampamento José Abílio foi construído próximo ao antigo silo da empresa e o 1º de Maio próximo às redondezas da Bacia.[45]

Quando os Sem Terra chegaram nesta terra para montar o acampamento, não havia água encanada, luz elétrica, saneamento básico e fazia muito frio, referência recorrente nas falas sobre os primeiros momentos dos acampados. As famílias montaram cada qual seu barraco e patente,[46] buscavam água para consumo em um rio próximo, a lenha era racionada e a luz demorou mais tempo para ser conseguida.

Durante o tempo em que permaneceram no acampamento, os Sem Terra construíram uma cozinha comunitária, um campo de futebol, uma rádio comunitária, as secretárias, a Escola Itinerante Chico Mendes e a Escola Itinerante Olga Benário.[47]

É importante considerar que o levantamento de recursos financeiros para a realização dessas construções se efetiva pelos próprios acampados. Em alguns

[43] Em 1999, aproximadamente 800 famílias, do montante de 3000 que acamparam na BR, ocuparam a terra localizada no município de Quedas do Iguaçu, o acampamento recebeu o nome de 1º de Maio e hoje integra o Assentamento Celso Furtado.
[44] Refere-se a um grupo de militantes e não de militares.
[45] Uma das onze comunidades que compõem o Assentamento Celso Furtado, sendo a Bacia a comunidade próxima ao antigo local em que fora montado o acampamento 1º de Maio. O Antigo silo da Madeireira Araupel nomeou a comunidade próxima ao acampamento José Abílio.
[46] Patente: construção de lona ou madeira, com aproximadamente 2metros cúbicos, formando um pequeno cômodo, utilizado como banheiro e fossa.
[47] Atente-se para o fato das nomenclaturas das brigadas e colégios, são sempre homenagens a lutadores e lutadoras que contribuíram as demandas sociais.

casos ocorreu a contribuição da Pastoral da Terra e do governo do Estado do Paraná.

Organizaram-se em equipes. As equipes e funções dentro do acampamento eram definidas a partir das afinidades diante das funções e do voluntariado ou, ainda, no coletivo. Assim, a decisão de quem faria a comida, buscaria a água, consertaria a ponte ou iria lecionar para as crianças era tomada no cotidiano do acampamento, a partir das definições dos grupos, os Sem Terras acampados estavam em constante contato uns com os outros, se sentiam parte constituinte e construtores dessa realidade coletiva.

Figura 2: Ocupação 1999. Foto: Claudelei Lima. Arquivo pessoal.

Essa foto foi tirada pelo Claudelei Lima que foi por muitos anos coordenador no Acampamento 1º de Maio (área da Bacia) e hoje é assentado. Claudelei é irmão do Claudemir Torrente, vereador de Quedas do Iguaçu.[48] Na foto percebemos

[48] Questões referentes a interface eleições municipais e representatividade Sem Terra serão aprofundadas no capítulo dois.

grande quantidade de barracos de lona, construídos bem próximos uns dos outros e percebemos a proximidade da cidade também.

O acampamento é feito estruturalmente de lona, madeira, galhos e barro, pois não é definitivo, é temporário e variável, dependendo do andamento do processo de Reforma Agrária. Tem-se a constante prerrogativa de sair ordem de reintegração de posse e os barracos terem de ser desmontados e o acampamento ser transferido. Assim, o barraco é transitório, ainda que possam e geralmente levam anos vivendo nele, a estruturação tem esse condicionamento. É válido considerar ainda que a pretensão não é reproduzir uma vila urbana, e, sim, que se conquiste um lote para cada cadastrado, onde poderão construir fixamente sua moradia.

Os Sem Terra de Quedas do Iguaçu permaneceram acampados por mais de sete anos, mesmo que em 2004 o INCRA tenha reconhecido a área como de assentamento. O planejamento, a oficialização, as divisões em lotes são alguns dos fatores que atrasaram o processo do assentar-se.

No decorrer do ano de 2004 foram disponibilizados aproximadamente vinte e três mil hectares de terra para reforma agrária. Essa terra destinada ao assentamento Celso Furtado estava em posse da Empresa Araupel S.A.,[49] fazendo parte do título Rio das Cobras, o INCRA através da Ação nº 2004.70.05.005184-9, pediu a nulidade do título e obteve parecer favorável da Justiça Federal.[50]

Como já exposto, esta empresa era nomeada Giacomet Marodin e abrangia cerca de 100 mil hectares. Pela sua extensão e abrangência dominava economicamente os municípios em que se encontrava.

Após quatro anos acampados, em 2004 iniciou-se o processo de assentamento de aproximadamente 468 famílias no Silo (Acampamento José Abílio) e posteriormente na Bacia (Acampamento 1º de Maio).[51] Cerca de 60% dos

[49] No município de Rio Bonito do Iguaçu foram criados os Assentamentos Ireno Alves dos Santos (900 famílias), o Marcos Freire (604 famílias) e o do Rio Perdido (58 famílias),em aproximadamente 25 mil hectares, do título Pinhal Ralo, que se encontrava em posse da Madeireira Araupel, a terra foi considerada improdutiva pelo INCRA e outras instâncias e a empresa foi desapropriada.

[50]Disponível na página do INCRA: http://www.incra.gov.br/noticias/reuniao-para-mediacao-de-conflito-agrario-no-parana-termina-com-avanco-para-paz-no-campo.

[51] Permanecem até hoje 37 famílias Sem Terra trabalhando e morando nas redondezas do colégio, a espera de seu pedaço de chão.

acampados no Silo não conquistaram terra, a terra que o MST havia conquistado para reforma agrária não era suficiente para todas as famílias.[52]

Ao analisar-se o assentamento é importante reter que ele é fruto das práticas e dos conflitos da luta pela terra e é organizado pelos próprios acampados. Através de discussões e reuniões eles organizam e elaboram o Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA).

Como consta nesse documento, o INCRA constrói o PDA juntamente com a Cooperativa de Trabalhadores em Reforma Agrária (COTRARA) e com as famílias que estavam acampadas na área, discutindo a viabilidade e as opções de plantio e do uso da terra. A COTRARA é a responsável pelo levantamento dos aspectos físicos, ambientais, sociais e econômicos da área e é quem elabora um diagnóstico participativo dos lotes a serem assentados. Foi criada em abril de 1997 e tem como propósito o desenvolvimento sustentável dos assentamentos de reforma agrária inseridos no Estado do Paraná. Ou seja, tem suas ações direcionadas a luta em prol dos direitos destes constituintes através de assistência técnica constante, viabilizando projetos de desenvolvimento sustentável, prestando-lhes orientação e acompanhamento, valendo-se de metodologias participativas.

Após ser realizado o mapeamento das terras a serem assentadas é que se definem quais são as metodologias mais indicadas para o amplo desenvolvimento do espaço. As ações técnicas devem compreender formatos ambientalmente estáveis, economicamente viáveis e socialmente justos.

No caso do PDA de Quedas de Iguaçu, é possível identificar o comprometimento e a participação dos grupos locais que opinaram, participaram, mobilizaram-se e principalmente determinaram as ações que vieram a agregar aspectos técnicos relativos à viabilidade e a promoção da construção de cidadania no campo.

Quando grupos sociais concretos se reúnem em uma prática social nova e organizada combatendo outras práticas sociais já naturalizadas por meio da exploração e da produção de desigualdades é necessário pensar e escrever a

[52] Nas tramitações legais cada parte desse enorme latifúndio é discutida, analisada e julgada por vez.

história por um novo viés. Porque esses grupos, dentre eles especificamente o MST, evidenciam um processo de transformação social resultante das lutas de seus sujeitos sociais.

Capítulo II: Identidades Sem Terra em Quedas do Iguaçu: as práticas e as representações dos assentados e do Jornal Expoente.

2.1 Ocupação e acampamento

Em 17 de abril de 1996 ocorreram dois momentos significativos e representativos da luta pela reforma agrária no país. Em El Dourado dos Carajás, região sudoeste do estado do Pará, foram assassinados pela Polícia Militar do estado 19 camponeses Sem Terras, o episódio ficou conhecido como o "Massacre de El Dourado dos Carajás"[53] e é símbolo de memória da luta pela terra dentro do MST. No mesmo dia, em Rio Bonito do Iguaçu, três mil famílias Sem Terras ocuparam o maior latifúndio da região sul do Brasil, a fazenda em posse da Empresa Giacomet Marodin, com cerca de 83 mil hectares.[54]

Em 1997 o MST conquistou o assentamento de 600 famílias (Assentamento Marcos freire), em 1998 mais um assentamento, dessa vez com 1501 famílias (Assentamento Ireno Alves), ambos em Rio Bonito do Iguaçu. Nota-se que não foram contempladas todas as famílias, são essas famílias remanescentes (aproximadamente 800) que realizam a ocupação em Quedas do Iguaçu, no dia 10 de maio de 1999. Dessa ocupação resulta o acampamento 10 de Maio, coloquialmente chamado de Bacia. Após quatro anos sem obtenção de progresso nas negociações para assentar-se, os Sem Terra de Quedas do Iguaçu buscaram auxílio dos companheiros do MST que ocupavam a PR 158[55] como forma de pressionar o governo.

Aproximadamente mil e quinhentas famílias, no dia 12 de julho de 2003, ocuparam uma nova parte do latifúndio, a área do silo da empresa, em Quedas do

---

[53] BARREIRA, César. **Crônica de um massacre anunciado: Eldorado dos Carajás**. São Paulo Perspectiva. vol.13 no.4 São Paulo: 1999. Filmes, documentários, místicas e temas de eventos relacionados a isso foram realizados nos últimos 21 anos. O setor de comunicação do MST fez um documentário **"El Dourado dos Carajás- 10 anos"**, disponível no endereço eletrônico: https://www.youtube.com/watch?v=FuoIKuOem8I

[54] Ocupação fotografada por Sebastião Salgado e brevemente apresentada no subcapítulo 1.4 **Os Sem Terra de/em Quedas do Iguaçu**, desta dissertação.

[55] A PR 158 liga os municípios de Rio Bonito do Iguaçu e Laranjeiras do Sul. Esse acampamento contava com famílias remanescentes do assentamento conquistado em Rio Bonito em 1997.

Iguaçu. O acampamento recebeu o nome de José Abílio dos Santos.[56]

A ocupação, a transferência do acampamento da PR 158 ao acampamento José Abílio dos Santos, cerca de setenta quilômetros de distância, ocorreu em uma noite fria, durou toda a madrugada e foi uma experiência marcante e ainda presente na memória dos assentados de Quedas do Iguaçu.

> Então, determinado dia, era meia noite, saiu o resultado, é uma longa história, mas a gente tentando enxugar um pouco, saiu o resultado e que eles iam tá ocupando a fazenda Araupel mais uma vez. É, eu me lembro que **era frio muito frio, geada, extremamente frio.** A gente embarcou num caminhão e **fomos pra ajudar ele a desmanchar o barraco, fazer a mudança, fazer o transporte**. É engraçado, que eu cheguei lá, a gente foi tirar a lona, tava empoçado, uma poça de água e tava praticamente congelada, né. E meu irmão não tinha, todo mundo desmanchando, naquela correria, e aquela água derramou nas costas dele **e ele simplesmente congelou. Mas não podia parar, tinha que continuar, então ele passou aquela noite toda molhado**, a gente veio dentro do ônibus, a minha mãe tinha feito bastante bolinho frito pra poder, a gente não sabia quando a gente ia parar e muito menos quando a gente ia comer, né. Então acabou que não coube todos nós num ônibus só, **a gente se separou da minha mãe**, minha mãe procurava nós, nós procurava ela. Ela com os pequenos e eu e ele num outro ônibus**. A gente veio, coube, teve caminhão que trouxe doze, treze barracos, ela veio enroscando no galho das árvore. Manhã gelada, frio mesmo**, a gente dormiu em pé, às vezes escapava a mão do ônibus**, porque o sono era muito forte, muito cansativo e a gente caia de quatro pé e levantava novamente**.[57]

Evidencia-se na entrevista de Ademir referências às dificuldades na desmontagem e transporte do acampamento. Referências ao frio, à geada e como foi sentida por seu irmão, ao cair-lhe sobre as costas, a água empossada que havia na lona do barraco, “ele simplesmente congelou”; as adversidades sendo contornadas pelas necessidades, pois não podiam parar, então “ele passou aquela noite toda molhado”. Desmontar o acampamento e transportá-lo, nessa madrugada fria, foi para os Sem Terra de Quedas do Iguaçu uma prova de resistência física: frio, fome (referiu-se aos bolinhos feitos por sua mãe), sonolência e cansaço.

---

[56] **Jornal Sem Terra.** Número: 236. Dez 2003/Jan 2004. Hemoroteca: Luta pela terra. http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemerolt&pagfis=4734

[57] CESAR, Ademir. Entrevista realizada em agosto de 2016. Entrevistadora: Barbara Nagae. Quedas do Iguaçu, 2016. 1 arquivo. Mp3 (19,18 minutos). Esta e as demais entrevistas utilizadas nesta pesquisa encontram-se transcrita na íntegra no apêndice dessa dissertação.

A ocupação foi organizada durante a madrugada, para evitar batidas policiais. Concomitantemente às dificuldades físicas, outras como insegurança, medo de conflito, da polícia, dos capatazes são reportadas nas entrevistas. O momento da ocupação é caracterizado por falas nesse sentido, configura-se, portanto, em um momento de apreensão, preocupação e resistência. Apreensão e preocupação com a iminência de conflito, com possíveis confrontos com guardas da empresa, com a possibilidade de utilização de forças policiais em caso de reintegração de posse, e de resistência pois "*ali ficamos por mais três anos"*.

> E **toda aquela tensão**, porque tinha toda a questão da fazenda, **dos jaús da fazenda, dos guardas.** E a gente tinha aquela tensão, porque todos os assentamentos, os acampamentos, antes de sair os assentamentos existia um **conflito**, assim como tem até hoje. E simplesmente, **geralmente, o lado que morria era o dos assentado, acampado, assentado.** Então a gente chegou nesse lugar chamado **silo**, um depósito grande da empresa Araupel, onde que era a granja que pertencia essa empresa. E ali ficamos por mais três anos.[58]

Ao ocupar a fazenda em posse da Araupel, em Quedas do Iguaçu, os Sem Terra enfrentam uma série de adversidades, visto que a empresa é a maior empregadora do município[59] e se utilizou desse fator para obter apoio de seus empregados e construir uma imagem pública negativa em relação ao MST. Assim, ao mesmo tempo que a Araupel não se dispunha a devolver as terras, seus funcionários também se preocupavam com a sua falência ou a transferência da empresa. Para construir essa imagem negativa utilizou do Jornal Expoente, de um discurso criminalizador, como o exemplo a seguir, do termo *invasão*, usado com conotação depreciativa para referir-se às ocupações:

> INVASÃO, de certo, possui um sentido construído em torno de alguma ilegalidade. Como afirmam os dicionaristas, denota algo contrário ao juízo de valor social, algo reprovável. De seu turno, a OCUPAÇÃO mitiga essa ilegalidade e nos põe a par de um sentido mais brando, é posse legalizada de algo; significaria ter a posse legal de uma coisa abandonada ou ainda não apropriada. Ocupação, aliás, possui até mesmo um sentido outro: o de trabalho, de labor, de emprego de força intelectual ou física para auferir renda ou para produção de algo." [60]

---

[58] Ibidem. p.37.

[59] Segundo censo do IBGE de 2010, há no município 8.289 pessoas empregadas. A empresa afirma em sua página online que contrata 8% da força economicamente ativa em Quedas do Iguaçu. Com base nesses dados, temos uma média de 660 empregos.

[60] ALMEIDA, Guilherme de. Disponível em: http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2697/Invasao-ou-Ocupacao. Consulta realizada em 02/05/ 2016.

Ocupar, etimologicamente, significa preencher espaço vazio e, no caso do MST, esse espaço é compreendido como passível de tornar-se assentamento se for constituído por terra grilada, latifúndio por exploração, fazenda improdutiva ou área devoluta. Direito conquistado no artigo 5º da Constituição de 1988 cuja aplicabilidade tem sido a luta do MST. Ocupar uma terra, que se encontra em posse de uma empresa que emprega parte significativa da população, é um enfrentamento, é um momento de tensão. É um momento fundamental da construção do sujeito Sem Terra, rico de experiências coletivas, pois

> Ao provocar uma *ruptura* fundamental com determinados padrões culturais hegemônicos, prepara o *terreno* para os aprendizados desdobrados das demais vivências. Talvez por isso seja também a forma de luta mais polêmica e a mais combatida pelos que defendem *o atual estado das coisas*, hoje como em outros momentos da história da humanidade.[61]

Ao analisar a formação das identidades dos Sem Terra no Assentamento Celso Furtado, em Quedas do Iguaçu, considera-se que o momento da ocupação, do acampamento e do assentamento se inter-relacionam a essa construção. Para tanto, o recorte temporal da pesquisa situa-se desde o momento da chegada dos Sem Terra à fazenda em posse da Araupel (1999) até dez anos após o assentamento (2014).

A fim de perceber de que forma são noticiados os Sem Terra pela mídia local, utilizamos o Jornal Expoente do Iguaçu, que é o periódico de maior tiragem do município. É de propriedade do Marcos Pina, socialmente inserido (possuidor de relações políticas e de empresas e comércio) em Quedas do Iguaçu. Destaca-se que em 1999 o Expoente era o único jornal da cidade e circulava pelo comércio e repartições públicas do município (Prefeitura Municipal, Câmara de Vereadores, Fórum, Colégios Estaduais, Delegacia de Polícia, Rádio Municipal, dentre outros), ou seja, tinha considerável visibilidade. Sobre as publicações do jornal, é válido considerar, que a obra não é resultado de apenas um escritor/redator, é antes resultante de acordos, trabalhos de edição, impressão, que envolvem um grupo;

[61] CALDART, R. S**.** op. cit. p. 22.

> (...) a publicação das obras implica sempre uma pluralidade de atores sociais, de lugares e dispositivos, de técnica e gestos. Tanto a produção de textos quanto a construção de seus significados dependem de momentos diferentes de sua transmissão: a redação ou o texto ditado pelo autor, a transcrição em cópias manuscritas, as decisões editoriais, a composição tipográfica, a correção, a impressão, a representação teatral, as leituras. É nesse sentido que se podem entender as obras como produções coletivas (...).[62]

O Jornal Expoente recebe para publicar matérias, para tanto, as matérias são construídas com discursos e linguagens dirigidas a representar tanto quem financia como quem o compra. Atenta-se que um dos patrocínios mais significativos é da empresa Araupel. A empresa, vereadores, deputados, comerciantes e outros (vistos como "autoridades" no município) utilizaram-se do Expoente para divulgar visões e construções negativas em relação ao MST em Quedas do Iguaçu.

Pesquisamos e selecionamos os quinze anos a que se referem nosso recorte temporal, na intenção de compreender como a ocupação/acampamento foi noticiada, que linguagem foi utilizada para informar os habitantes do município e de que forma essa comunicação foi sentida pelos Sem Terra.[63]

Sendo a linguagem constitutiva da prática social,[64] ao utilizá-la de forma depreciativa para referir-se ao MST, o Jornal Expoente criou uma tensão sobre o movimento que foi projetada de forma constante para os habitantes de Quedas do Iguaçu.

Em grande parte da comunicação midiática, tanto em Quedas como nas outras cidades brasileiras, há a predominância do termo *invasão* para designar a ocupação de terras pelos militantes do MST. A utilização da palavra i*nvasão* obscurece a concepção e os significados de uma reforma agrária ampla, ao mesmo tempo em que contribui para estigmatizar o movimento pois remete a ou induz um entendimento que a ocupação é um ato ilícito, sempre violento, um atentado contra

---

[62] CHARTIER; Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Editora Art Med, São Paulo: 2001. p. 90-1.

[63] O jornal tinha uma periodicidade quinzenal até 2010, ano em que lançou uma página virtual e passou a ter publicação diária

[64] WILLIANS; Raymond. **A política e as letras:** entrevistas da New Left Review.1979, p. 165

a propriedade particular ou pública e por princípio errado.

A mídia noticia os Sem Terra como invasores, representando-os assim como forasteiros ou os *de fora*. Essa denominação, remete a discussão de Norbert Elias e John L. Scotson em "Estabelecidos e outsiders".[65] Neste livro, os autores analisam a pequena comunidade da periferia urbana de Winston Parva, na qual se apresenta uma evidente divisão entre um grupo de estabelecidos, residentes há algumas gerações na comunidade, e um grupo mais recente, chamado pelos antigos moradores de outsiders. Tanto a divisão como a construção feita pelo estabelecido como superior ao outsider geram a estigmatização grupal.

> Em Winston Parva, como em outros lugares, viam-se membros de um grupo estigmatizando os de outro, não por suas qualidades individuais como pessoas, mas por eles pertencerem a um grupo coletivamente considerado diferente e inferior ao próprio grupo.[66]

No caso do Jornal Expoente, verifica-se esse discurso estigmatizante nas primeiras matérias acerca da ocupação organizada pelo MST, na Fazenda Rio das Cobras, na qual funciona a Empresa Araupel. A 1ª nota publicada em 28/01/1999 vinha com o título "Nova Invasão nas terras da Araupel".[67] Não houve abertura ao diálogo com os Sem Terra, não se ouviu o outro lado, divulgou-se apenas a visão dos que defendiam a Araupel.

Percebemos o posicionamento através das palavras: "*invadiram*", "*pertencentes a Araupel*" e "*invasão*", contrariando a nota em que se afirma que a Empresa não havia se pronunciado. Ainda que a Empresa não tenha, nesse momento, se pronunciado oficialmente, o Jornal Expoente representa a visão de que as terras são da Araupel e que o MST agiu na ilegalidade. Pois ao referir-se a Empresa lhe confirma, nas palavras utilizadas, a posse da terra e, em contrapartida refere-se às famílias como os que "alegam", conferindo dessa forma, incredibilidade

---

[65] ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders***:* sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

[66] ELIAS, SCOTSON, op. cit., p.23

[67] O título a "Nova invasão" alude a ocupação em Rio Bonito do Iguaçu em 18/04/1996 em terras em posse da Madeireira Araupel; no 1º capítulo desta dissertação à apresentamos transversalmente, com a fotografia Sebastião Salgado. Figura 1.

quanto a argumentação, de que as terras pertencem à União. Apenas a Araupel recebeu do Jornal Expoente, essa credibilidade improvada.

> **Nova invasão das terras da Araupel**
> Aproximadamente 250 famílias, na madrugada de 28/01, **invadiram** uma área de 600 alqueires de **terras pertencentes a Araupel S/A**, antiga Giacomet Marodin. O acesso para **a invasão** foi o caminho da linha Erval Bonito.
> Segundo populares do município de Espigão Alto do Iguaçu, o motivo da **invasão** foi **a alegação das famílias possuírem documentos** que a terra **invadida** é patrimônio da união. Até o fechamento desta edição a Araupel não havia se pronunciado sobre o episódio. Na próxima edição divulgaremos informações que deverão circular na imprensa. (Sem grifos no original)

O anúncio da divulgação de mais informações ocorre cerca de 100 dias depois, em 15/05/1999 e denotam a posição do Jornal Expoente, sendo o mesmo um jornal particular, cujo maior financiamento ou patrocínio é o da empresa Araupel (Informação na página inicial do jornal online).

> (Logo da empresa), ARAUPEL S. A, Fazenda Rio das Cobras, s/nº - Fazenda- CEP 85460000 Quedas do Iguaçu – PR – Brasil CGC 873080010-28 Inscrição Estadual 425.00389-68 E-mail: araupel@whiteduck.com.br
>
> Nota Pública
>
> Perplexos, comunicamos a 4ª invasão de terras, **nas áreas da ARAUPEL S.A.**, nos últimos três anos.
>
> **Nas duas primeiras invasões a Empresa cedeu e negociou com o Governo aproximadamente 27 mil hectares de sua propriedade, num esforço e gesto de quem muito contribuiu para "reforma agrária".**
>
> Em janeiro/99 ocorreu a 3ª invasão na área de preservação e plantio da erva-mate. Concedido o Mandado de Reintegração de Posse, a Empresa aguarda que o Governo Estadual faça sua parte.
>
> A 4ª invasão aconteceu no amanhecer deste dia 10 de maio, em áreas de Agricultura Mecanizada (Núcleo Agrícola) e áreas de reflorestamento, reserva legal e preservação permanente. O MST, anunciou amplamente que faria nova invasão em áreas da Empresa, o **Governo Estadual foi insistentemente alertado e não tomou nenhuma medida preventiva para evitar.**
>
> Hoje, os 53.000 hectares estão assim distribuídos:
>
> - Mata Nativa (preservação permanente e Reserva legal)

24.000 ha = 45%

- Reflorestamentos (Araucária, Pinus, Erva Mate e Eucaliptos)

21.000ha = 40%

- Agricultura Mecanizada

6.500ha = 12%

- Infra-Estrutura (Instalações, estradas, etc.

1.500ha = 03%

Pergunta-se:

1- A sociedade consciente acha que uma propriedade que contempla 85% de VERDE, deve ser entregue a muitos **depredadores da fauna e flora, muitos oportunistas e alguns poucos Sem-Terra de verdade?**
2- Os Governos Municipal, Estadual e Federal sabem que uma Indústria de base florestal necessita de ampla área para plantar árvores e muitos anos depois colher e plantar novamente?
3- A sociedade e Governos, sabem que **ARAUPEL. S.A,** gera milhares de empregos e milhões em impostos, preserva a natureza, produz, exporta e, **está ameaçada por esse estado de baderna desrespeito as leis?**
É preciso que o Governo tome urgentes e firmes ações para reverter esse caótico quadro.

ARAUPEL S.A

Uma nota pública da Araupel, na capa, ocupando ¼ da página (imagem da capa do Jornal Expoente abaixo, texto redigitado acima), na qual os Sem Terra de Quedas são chamados de “Depredadores da fauna e da flora (...) poucos Sem-Terra de verdade”. Através desses termos, percebemos que o Jornal mantinha continuamente uma representação negativa do MST, através da visão defendida pela Empresa, construindo uma representação da identidade dos Sem Terras como depredadores, desrespeitosos as leis.

xpoente
DO IGUAÇU

DAS DO IGUAÇU - 15 DE MAIO DE 1999 - EDIÇÃO 14 - R$ 0,80

Farmácia Santa Paula
Em frente a praça São Pedro
Fone-532-1487

r em Quedas do
idade bem próxima

ARAUPEL S. A.
Fazenda Rio das Cobras, S/N - Fazenda - CEP 85460-000
Quedas do Iguaçu - PR - Paraná - Brasil
CGC 87.102.810/0010-28 - Inscrição Estadual 425.00349-68
E-mail: araupel@whiteduck.com.br

NOTA PÚBLICA

Perplexos, comunicamos a 4ª invasão de terras, nas áreas da ARAUPEL S.A., nos últimos três anos.
Nas duas primeiras invasões a Empresa cedeu e negociou com o Governo aproximadamente 27 mil hectares de sua propriedade, num esforço e gesto de quem muito contribuiu para a "**reforma agrária**".
Em janeiro/99 ocorreu a 3ª invasão em área de preservação e plantio de erva-mate. Concedido Mandado de Reintegração de Posse, a Empresa aguarda que o Governo Estadual faça sua parte.
A 4ª invasão aconteceu no amanhecer deste dia 10 de maio, em áreas de Agricultura Mecanizada (Núcleo Agrícola) e áreas de reflorestamento, reserva legal e preservação permanente. O M.S.T. anunciou amplamente que faria nova invasão em áreas da Empresa, o Governo Estadual foi insistentemente alertado e não tomou nenhuma medida preventiva para evitar.

Hoje, os 53.000 hectares estão assim distribuídos:

• Mata Nativa (Preservação permanente e Reserva legal)	24.000 ha	= 45%
• Reflorestamentos (Araucária, Pinus, Erva Mate e Eucaliptos)	21.000 ha	= 40 %
• Agricultura Mecanizada	6.500 ha	= 12 %
• Infra-Estrutura (Instalações, estradas, etc.	1.500 ha	= 03 %

Pergunta-se:

1 - A sociedade consciente acha que uma propriedade que contempla 85% de VERDE, deve ser entregue a muitos depredadores da fauna e flora, muitos oportunistas e alguns poucos Sem-Terra de verdade?

2 - Os Governos Municipal, Estadual e Federal sabem que uma Indústria de base florestal necessita de ampla área para plantar árvores e muitos anos depois colher e plantar novamente?

3 - A sociedade e Governos, sabem que a **ARAUPEL S.A.** gera milhares de empregos e milhões em impostos, preserva a natureza, produz, exporta e, está ameaçada por esse estado de baderna desrespeito as leis?

É preciso que o Governo tome urgentes e firmes ações para reverter esse caótico quadro.

ARAUPEL S.A

Administração com ênfase em Análise de Sistemas, Pedagogia, Turismo, Educação Física e Hotelaria. Maiores detalhes na pág. 10

Cobertura do maior rodeio do CTG Pealando a Saudade
Pág 04 e 05

pág 10
ág 06

ASIL

ZONI
upermercado Franzoni
2-1185 Quedas do Iguaçu-PR

CHURRASCARIA
açador
Churrascaria - Choperia e Pizzaria

* No Dia dos Namorados 12 de junho, uma grande promoção Aguarde
* E não esqueça espeto corrido a partir de R$ 4,00 é na Lagoa
* Carnes variadas com atendimento estrela e toda sexta - Rodizio de Pizzas mais de 20 sabores, forno a lenha inclusive pizza de sorvete conte com Disk Pizza
FONE: 532-1517

Figura 5: Capa Jornal Expoente do Iguaçu, maio de 1999.Arquivo CEEBJA.

Todos os entrevistados, assentados Sem Terra de Quedas do Iguaçu, fazem referência ao preconceito e discriminação que sentiram e de que foram alvo através das mídias, autoridades locais e parte da população que já habitava o município. *"(...) passamos por discriminação na sociedade de Quedas de Iguaçu, nós ia na cidade de Quedas de Iguaçu com nossos bonezinhos vermelhos, nós éramos discriminados sim entendeu".*[68]

No discurso da Empresa Araupel, publicado na referida capa do Jornal

[68] SILVA, Milton Rocha da. Entrevista realizada em agosto de 2016. Entrevistadora: Barbara Nagae. Quedas do Iguaçu, 2016. 1 arquivo. Mp3 (26,21 minutos). Esta e as demais entrevistas utilizadas nesta pesquisa encontram-se transcrita na íntegra no apêndice dessa dissertação.

Expoente, percebemos que a empresa se posiciona como benfeitora,[69] no sentido de ter cedido parte de suas terras a fim de Reforma Agrária e cobra do governo estadual uma ação preventiva.

Durante o governo de Jaime Lerner[70] a repressão foi maior, de acordo com a entrevista de Adecir Rodrigues da Silva e de outros assentados. Percebemos que viajavam de madrugada para evitar as blitz da Polícia Militar e que quando ocorriam, eram humilhados, ofendidos, depreciados pelos policiais. O Governo mesmo sem uma decisão judicial se antecipou e promoveu as dificuldades ao seu alcance.

> Inclusive, no Espigão Alto Iguaçu a polícia começou a perseguir nós, foi a pé, no pedágio, perseguindo, o motorista não parou o caminhão em momento algum. E temendo também pela repressão da polícia e eles acabaram ligando pra polícia de Laranjeiras e eles fecharam o pedágio, nós passamos lá, tiraram nós do caminhão, abriram as sacolas, jogaram roupa no chão, jogaram tudo no chão. E aí xingaram muito, falaram que nós éramos um bando de vagabundo, que nós éramos sem terra, que nós ia invadir terra, e assim foi indo, palavras bem duras e mandou todos, cada um ficar de frente pra eles assim, mostrar os documentos, identidade pediu.[71]

Assim o governo estadual, no que conseguiu,[72] apoiou a empresa Araupel. O

---

[69] Dados do INCRA sobre a terra em disputa: "Na tentativa de resolver o conflito instalado, agora em Quedas do Iguaçu entre a Araupel e o MST, em 2003 o Incra buscou a compra de 23 mil hectares do título do Rio das Cobras, porém na análise jurídica da cadeia dominial, identificou-se a necessidade da nulidade do título, o que ocasionou a Ação nº 2004.70.05.005184-9, na qual a Justiça Federal determinou a posse provisória do Incra do imóvel onde, posteriormente, foi criado o Projeto de Assentamento Celso Furtado, com 1.107 famílias, em Quedas do Iguaçu. A importância econômica do assentamento Celso Furtado se demonstra em sua produção e renda que impulsionaram o desenvolvimento de Quedas do Iguaçu". In**:** http://www.incra.gov.br/noticias/reuniao-para-mediacao-de-conflito-agrario-no-parana-termina-com-avanco-para-paz-no-campo. Publicado em 02/12/2015 (Grifo nosso).

[70] Jaime Lerner foi o governador no período da Ocupação e Acampamento da Bacia em 1999, mandato em 1994 e reeleito em 1998.Segundo dados da CPT, ocorreram durante a gestão dele "*16 assassinatos de sem terra, 516 prisões arbitrárias, 31 tentativas de homicídio, 49 ameaças de morte, 325 feridos em 134 ações de despejo e 7 casos de tortura*".(In: http://www.justica.gov.br/seus-direitos/politicas-de-justica/cejus/publicacoes/publicacoes/dialogossobrejustica_solucoes-alternativas-para-fundiarios-agrarios.pdf). Em 2002 assume o governo Roberto Requião do PMDB, mesmo ano em que Lula, há uma noção política de que haveria maior abertura e menor repressão em relação ao MST, período do Acampamento do Silo em 2003.

[71] SILVA, Adecir Rodrigues. Entrevista realizada em agosto de 2016. Entrevistadora: Barbara Nagae. Quedas do Iguaçu, 2016. 1 arquivo. Mp3 (15,35 minutos). Esta e as demais entrevistas utilizadas nesta pesquisa encontram-se transcrita na íntegra no apêndice dessa dissertação.

[72] O órgão responsável pela questão fundiária é o INCRA, que é um órgão federal (sobrepõe-se aos estaduais), logo cobrar do governo estadual não resolveria a questão. Isso não representa ausência de participação do governo de Estado e seu posicionamento em favor da empresa.

Senador Álvaro Dias (PSDB) é outro exemplo, chegou a propor a questão no Senado, defendendo a Empresa Araupel.[73] Um delegado do município (delegado Ítalo) tentou resgatar uma lei da Ditadura Militar para reprimir o MST. A maioria dos poderes estaduais e municipais ficaram, sem questionar, a favor da Empresa Araupel.

A terceira notícia é um editorial do deputado estadual pelo Partido Progressista Brasileiro (PPB), Divanir Braz Palma, com o título: "O MST está acima da lei?". Palma avalia o MST como "entidade" que dissimula "seus propósitos", iludindo pessoas humildes com discurso de reforma agrária, que prega a "mudança de regime em nosso país", "subvertendo a ordem e impondo a sociedade um sistema arcaico", entendidos como referência do deputado ao socialismo e que teria sido "abandonado pela sua falência prática".

O MST está acima da lei?

> A demagogia aliada a permanente ação paramilitar, transformou o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em um entidade que não consegue mais dissimular seus propósitos. Quem encontrou na reforma agrária o discurso que iludiu milhares de pessoas humildes, hoje prega abertamente a mudança de regime em nosso País. Não servem mais a terra, o crédito e o apoio governamental. É preciso ir além, subvertendo a ordem e impondo à sociedade um sistema arcaico, de resto abandonado pela sua falência prática.[74]

Ao entender o MST como uma "entidade" com "propósitos" socialistas, e esses propósitos como "mudança de regime" o deputado confere a conotação ao movimento de subversivo à ordem, apaga a luta pela terra ou por reforma agrária e traça distorções quanto às identidades Sem Terra, se referindo a um grupo do MST iludindo pessoas, com a "demagogia aliada a permanente ação paramilitar" para derrubar o Capitalismo, obscurece o real propósito do movimento que é a reforma agrária. No MST, o socialismo, o comunismo, inspiraram ideologicamente e marcam politicamente a visão de coletivo, igualdade social, direitos humanos, dentre outros;

[73] Álvaro Dias publicou em 13/05/2014 com o título: "Invasão do MST ameaça cidade no Paraná". https://www.youtube.com/watch?v=eWqTda6PTM8.
[74] Divanir Braz Palma, Jornal Expoente, 21/09/1999.

mas não há um plano de golpe socialista, de tomada de poder de forma inconstitucional, violenta, pelo contrário, tais desenvolvimentos conferem maior participação política, momentos de autogestão, discussões e práticas de cunho democrático, como as assembléias.

> Não bastasse a arrogância de quem pretende criar "territórios" acima da lei nacional, ainda temos o vandalismo como forma de intimidação: o desmatamento de áreas de preservação, o desmanche de implementos agrícolas e o roubo de gado são constantemente noticiados pela imprensa. Será essa a reforma agrária pretendida pelo povo brasileiro? Certamente, não.[75]

Continuamente o Deputado faz menção a luta por reforma agrária de forma negativa e ilegal, agora refere-se a ela como "arrogância" por pretender criar "territórios" e a coloca junto às infrações referentes aos acampamentos. A infração que chama de "*desmatamento de áreas de preservação*" era, na verdade, plantação de pinus, árvore não nativa. Atrelado a isso, em se tratando de acampamentos com aproximadamente 7 mil pessoas, é fato que ocorreram diversas situações, como contratações clandestinas por parte de madeireiras locais para extração ilegal das árvores, e alguns Sem Terra se envolveram, a maioria como trabalhador braçal; outros envolveram-se em furtos e brigas mas isso nunca foi deliberado em assembleia e nem é proposta do movimento.

> (...) porque, porque dessas duas mil e trezentas famílias o trabalho do movimento é uma reciclagem de famílias, uma reciclagem de pessoas, então vem essa quantidade de pessoas pro movimento mas tem pessoas que não se enquadra, ela vem, ela vem colocando a forma dela ser, muitos roubam, muitos brigam, muitos bebem e tomam decisões precipitadas e essas pessoas são excluídas novamente pros seus lugares, entende, então você passa por essa reciclagem, (...).[76]

Na entrevista Milton relatou o funcionamento interno do acampamento, ele coordenou uma Brigada, foi responsável por promover formação, retirar do acampamento e selecionar as famílias que receberiam os lotes. Em sua fala,

[75] Divanir Braz Palma, Jornal Expoente, 21/09/1999.
[76] SILVA, Milton Rocha da. Op. cit. p. 42.

percebemos que nos acampamentos do MST é feita uma "*reciclagem*", um recurso para proteger as famílias acampadas. Quando cometem atitudes ilegais ou em desacordo com o regimento interno, os Sem Terras são expulsos do acampamento, *"excluídas novamente pros seus lugares".*

É basilar esclarecer que os acampamentos são orgânicos, eles acontecem e, assim, pessoas de diversas vivências são reunidas em situação de dificuldade financeira, quase sempre, há um grupo, algumas famílias passando fome e que, por vezes, roubam comida.

Em Quedas do Iguaçu registraram-se roubo de gado, nos instantes iniciais da ocupação, pessoas com fome que furtaram para comer, não para comercializar ou lucrar. Além disso, os acampados passam por reciclagem e formações para garantir a legalidade e a permanência da família no movimento.[77]

> Ao ultrapassar a linha que o separa de um movimento de reivindicação social e transformar-se em uma milícia cujo objetivo é consolidar-se nos grandes centros urbanos e, paradoxalmente, transformar-se em um entrave para o avanço da reforma agrária.
> O diálogo e a negociação, sempre presentes nas ações do governo, não encontram guarida em um movimento que se vangloria de ter "recuperado o argumento de que a reforma agrária somente avançaria com a luta de massas (sic), com mobilizações massivas, com ocupações, com a luta direta, com ação das massas". ("cartilha de ação do MST").
> O governo não vai se deixar levar pelo discurso da provocação e chegar ao confronto que só interessa a uma minoria radical e barulhenta. A incitação a violência é uma atitude irresponsável que pode redundar num lamentável derramamento de sangue, e que deve ser imediatamente abandonada.[78]

O deputado considerou que os Sem Terra promovem atraso à reforma agrária e novamente se refere a eles como *"milícia*", na sequência afirma que o MST promove "*discurso da provocação*" em relação ao governo argumentando com as práticas Sem Terra, entendidas aqui como afronta a lei. As lutas a que se refere, não são no MST vistas como ele insinua, não são lutas armadas, nem se propõe aos Sem Terra enfrentamento corpo a corpo, são lutas feitas através de ocupações, marchas, mobilizações e ações coletivas. *"O governo não vai se deixar levar pelo discurso da provocação e chegar ao confronto que só interessa a uma minoria*

[77] Não há estímulo ao roubo, ao contrário, se provado é passível de expulsão. Difundiu-se a partir do coletivo a solidariedade e concretiza-se em cozinhas comunitárias e doações aos mais necessitados.
[78] Divanir Braz Palma, op. cit. 44.

radical e barulhenta", essa frase remete ao MST e representa as práticas como incitação ao confronto.

Retomemos: o deputado compreende a reforma agrária no mesmo conjunto de infrações cometidas por alguns integrantes, depois criminaliza as práticas por adulteração conceitual e reúne esses argumentos para afirmar que o MST quer um confronto com o governo. Não temos como garantir, mas com tantos desentendimentos, mas pareceu uma ameaça, uma justificativa, para uma ação violenta do governo que uma leitura coerente sobre o funcionamento e as reivindicações do MST.

> A sociedade, organizada em poderes legitimamente constituídos, apóia a reforma agrária. Sua concretização, contudo, não pode afrontar a lei. O respeito aos preceitos constitucionais, a obediência ao desejo da maioria e a ação civilizada e ordeira são valores que não podem ser desprezados.
> A democracia e a lei não estão a serviço de alguns; a manutenção de uma e o respeito à outra são fruto da determinação de um povo que preza a ordem constitucional; e devem ser resguardadas por todos que valorizam a liberdade. O MST não pode ser uma exceção, sob pena de entrar para a história pelo caminho obscuro dos que se julgam acima do bem e do mal.(Divanir Braz Palma, é deputado pelo PPB do PR).[79]

Para o deputado o MST é uma ameaça, que nos remete às ideologias bipolares da "Guerra Fria". Ao dizer que o MST não valoriza a liberdade e que "*não pode ser uma exceção*", reforça seu argumento de que os Sem Terra são socialistas e querem alterar o regime; colocando-se ele (o deputado) e o "*povo*" no outro polo como os que "*valorizam a liberdade"* e prezam a ordem constitucional. O discurso ideológico do capitalismo é a defesa da liberdade, porém na prática não se trata da liberdade do povo, mas das corporações, ou seja, não é uma liberdade social é uma liberdade econômica, conhecida como Liberalismo.

A sociedade – ou melhor, os três poderes – apoia, segundo Palma, a reforma agrária. O que denota incoerência diante do posicionamento do seu texto, pois novamente faz menção a ações inconstitucionais por parte do MST, utiliza-se de algumas ações para descaracterizar a luta por reforma agrária. Demagogia política na defesa de uma visão idealizada de estado e acusação de o MST se julgar "*acima*

[79] No jornal consta que Divanir Braz Palma é deputado pelo PPB do Paraná, a referência é ao mandato dele de 1998-2002.Desde 2011 faz parte do Partido Social Democrático (PSD).

do bem e do mal" encerram a matéria.

O trecho acima representa o discurso do grupo hegemônico dos "estabelecidos" de Quedas do Iguaçu. Pessoas que habitavam o município anteriormente à ocupação do MST e que são o principal público do referido jornal.

São representados no Jornal Expoente: a empresa Araupel, políticos regionais, empresários, latifundiários, comerciantes, profissionais liberais, a classe média ou rica e urbana. São o público a que se destina o jornal, pois dele advém assinaturas e patrocínios, em geral reprodutores de valores tradicionais, conservadores e ignorantes quanto às referências simbólicas do campo. Numa correlação de forças direta, para esse grupo os chegados Sem Terra,

> Eles põem em risco as defesas profundamente arraigadas do grupo estabelecido contra o despeito às normas e tabus coletivos, de cuja observância dependem o status de cada um dos seus semelhantes no grupo estabelecido e seu respeito próprio, seu orgulho e sua identidade como membro de um grupo superior.[80]

No último editorial de 1999, também constatamos estigmatização e estranhamento gerados a partir das práticas dos Sem Terra. A reportagem aparece com o título "Declaração formal de guerra do MST". Neste texto as práticas como ocupação, marcha em estradas e o próprio material de formação são analisadas como atividades paramilitares, criminosas e violentas.

No mesmo jornal, uma página toda ocupada pela questão, temos a propaganda da empresa Araupel, "*estabelecida no município*". O discurso do deputado Divanir Braz Palma, é constituído pelos mesmos argumentos utilizados pela Empresa e por considerável número de quedenses nos anos seguintes, sendo que seus argumentos partem da distorção das práticas e da análise do MST a partir de infrações de alguns Sem Terra.

Assim, através do Jornal Expoente, seus editoriais e linhas defendidas por

[80] ELIAS, SCOTSON, op. cit. p. 40.

seus posicionamentos, parte da sociedade local, que podemos chamar de “a elite”, constrói uma representação de identidade Sem Terra como criminosa, remetendo a “*ameaça vermelha*”, o perigo socialista/comunista e o fim da propriedade privada.

Em outras reportagens percebemos a continuidade do processo de estigmatização das práticas Sem Terra, a exemplo dessa matéria do dia 26/04/2006. A notícia saiu na página policial em que se referem a ausência de pistas sobre o roubo na agência dos correios (reportagem acima da notícia sobre o MST) e sobre a apreensão de caminhões carregados de madeira ilegal (reportagem abaixo). A inserção das matérias sobre o MST entre títulos criminais, na página policial é um indício do processo de criminalização do movimento.[81]

A notícia é referente ao fechamento da agência do Banco do Brasil, ocorrido na segunda-feira pela manhã, pelos Sem Terra em manifestação contrária ao atraso do comprimento dos acordos feitos com o INCRA a partir do assentamento. O Jornal noticiou a vinda do Superintendente do Banco do Brasil José Amarildo Casagrande que “*apesar dos argumentos*” não obteve a retirada dos manifestantes. Nessa matéria, o fechamento da agência é notificado: “por dois dias seguidos a agência do Banco do Brasil ficou fechada para atendimento público”, mas os Sem Terra retiraram-se da agência, na noite de segunda-feira e na terça-feira após às doze horas a agência voltou a funcionar. Esse erro de cálculo quanto aos dias sem atendimento na agência bancária serve para ampliar a proporção de prejuízos e atrasos causados pela manifestação Sem Terra.

As primeiras matérias analisadas são de 1999 durante o período da ocupação e acampamento, a matéria de 2006 é do período do acampamento/assentamento. Vale ressaltar novamente que o INCRA já havia determinado as terras à reforma agrária em 2005, mas os Sem Terra ainda não haviam ocupado seus lotes. A próxima matéria é de 2014, ano em que ocorre uma nova ocupação do MST em Quedas do Iguaçu.

No decorrer dos anos, a prática de ocupar prédios públicos, pedágios, agência do Banco do Brasil (por ser federal) para cobrar responsabilidade na

[81] Embora este subcapítulo tenha o recorte temporal do acampamento (1999 a 2004), optamos por estabelecer um comparativo entre 3 diferentes momentos e abordagens que encontramos no Jornal Expoente, referente a prática de ocupar prédios públicos para pressionar o governo.

manutenção dos acordos, foi utilizada de forma difamatória na campanha contra o MST promovida pela empresa, porém, é interessante notar que quando o mesmo é promovido por outros trabalhadores que não os do MST deixou ser rotulado como crime, baderna, incomodação. Como exemplo, temos uma matéria já de 08/08/2014:

> As agências do Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal foram fechadas na manhã desta sexta-feira, 8, por **manifestantes a favor da manutenção dos empregos da empresa Araupel**. "Não está entrando cliente e nem funcionário em nossa agência. Até o momento **o manifesto é pacífico todos foram educados com funcionários e conosco", ressaltou o gerente do Banco do Brasil**, Elon Carlos de Souza. O vice prefeito Amarildo Lusitani, esteve também no local apoiando a paralisação das agências para Ele "a maioria da população está de acordo para uma solução rápida e pacífica para a situação". **Por outro lado, dados começam a preocupar empresários e funcionários do município**. Segundo o secretário Aparecido da Agência do Trabalhador, levantamento aponta para recorde de encaminhamento de seguro desemprego. **"Fechamos a agência em apoio a manifestação, já fomos a segunda em vagas de empregos da região, pulamos de 9ª para esta posição, hoje voltamos a despencar no ranking".** Em reunião na Câmara de Vereadores de Cascavel, representantes do INCRA, inclusive o superintendente, Nilton Guedes, Marcelo Nicolau, Ouvidor do Ministério do Desenvolvimento Agrário, diretor da Araupel, Tarso Giacomet, prefeitos de Quedas Edson Prado, e de Espigão José Zgoda, Polícia Militar e **MST**. Informações dão conta que neste momento a fábrica da Araupel está com suas máquinas paradas. A manifestação pode continuar semana que vem caso não haja entendimento nas negociações. Fotos – **Esta manhã as agências da Caixa e do Banco do Brasil foram fechadas por manifestantes a favor da manutenção dos empregos da Araupel**.[82] (Sem grifos no original).

A fala do gerente do banco sobre a prática de fechamento de agências bancárias e a abordagem do Jornal são diferentes das matérias referentes ao MST, ou seja, se para um grupo é um exercício de cidadania, para outro é vista como imprudência, incômodo e ainda crime. Percebemos a diferença no discurso sobre a mesma ação: quando realizada pelos Sem Terra (outsiders) é estigmatizada, mas quando praticada pelos estabelecidos se torna louvável, ou, como diriam Elias e Scotson:

> Dentre os aspectos mais reveladores da estratégia dos grupos estabelecidos figura a imputação aos outsiders, como motivo de censura, de algumas de suas atitudes usuais, as quais, no caso deles, frequentemente

[82] Jornal Expoente, 08/08//2014.

> são motivos de louvor.[83]

Evidenciamos que a condenação *a priori* do MST ocorre proveniente dos discursos do Jornal, das falas das figuras locais mais proeminentes em relação aos acampados/assentados e que se mantém ao longo dos anos pautada em novas estigmatizações, rotulações e depreciações do movimento. Concomitante a esse processo, desenvolveu-se a criminalização do MST em Quedas do Iguaçu. Nesse período, segundo Martins (2007),[84] o Estado do Paraná realizou o maior número de prisões de militantes da luta por Reforma Agrária (430 no total) entre os anos de 1997 e 2003.

> Decorrente de todo este mapeamento da construção social da criminalidade de um movimento social, saltou aos olhos papel da comunicação entre os sujeitos para a criação de "verdades" que assumem dimensões incomensuráveis capazes de criar expectativas normativas contrárias ao MST, que podem, a longo prazo, desembocar no sistema jurídico como criminalização da conduta participativa no movimento social dos sem terra.[85]

Martins[86] afirma que a criminalização do MST em Quedas do Iguaçu foi feita através da mídia e do Sistema Penal.

> É recorrente existência de prisões, ainda que ilegais, e de processos contra os trabalhadores envolvidos com a causa da terra. Há cerca de 30 pessoas, só no Acampamento 10 de Maio, envolvidas nestas prisões e processos penais. Na grande maioria das vezes o inquérito policial e os processos ocorrem contra as lideranças do movimento, sempre contra homens, mesmo quando não se consegue identificar a autoria de certos crimes, como em casos de crimes de furto (art. 155, CP). A notitia criminis é sempre oriunda de populares ou da mídia local, que divulga através da imprensa escrita alguns crimes e imediatamente os relaciona como movimento dos trabalhadores rurais sem terra. Não é incomum uma "fabricação" de depoimentos de populares. Via de regra, os principais crimes imputados aos integrantes do movimento são os contra o patrimônio: Dano (art. 163, CP); Alteração de limites e Esbulho Possessório (art. 161, caput e inciso II, CP);

---

[83] ELIAS, SCOTSON, op. cit., p.45.

[84] MARTINS, D. C. **A Criminalização dos Movimentos Sociais e a Luta por Terras no Interior do Paraná - O Caso de Quedas do Iguaçu**. Cascavel: Ciências Sociais Aplicadas em Revista. 2007. p.15-50.

[85] Ibidem, p.18.

[86] Ibidem, p. 49.

Furto (art. 155, CP) e Roubo (art. 157, CP).[87]

Entendemos que o grupo de estabelecidos exerce controle social a partir de cargos importantes, ocupados por eles como a mídia e o sistema penal, e a partir deles atue para criminalizar os outsiders.

> O movimento, principalmente nos últimos anos, com o destaque dado pelos meios de comunicação, tornou-se assunto nacional. Muitos estudos acadêmicos demonstram o quanto as abordagens da mídia convencional desmoralizam e criminalizam o MST. As representações expressas em alguns produtos massivos, embora não ditem as opiniões dos receptores, acabam por irrigar seu imaginário. Esses meios de comunicação muitas vezes são os únicos canais disponíveis aos cidadãos para obterem as informações sobre a luta pela terra. O movimento, assim, partiu para a contra-ofensiva, utilizando diversas ferramentas para divulgar seu pensamento, tanto para seus militantes, quanto para os que simpatizam com sua causa.[88]

Ao "irrigar o imaginário" em mídias de abrangência nacional, se constrói uma visão enviesada em relação ao MST e aos Sem Terras. Nesse contexto, o MST desenvolve uma mídia própria, inter-relacionada a outras, para expressar suas memórias e interpretações dos eventos. Dentre essa produção alternativa, algumas pesquisas têm suscitado debates ao acrescentar dados relevantes a essa relação mídia e MST. Essa produção alternativa encontra-se disponível no site do MST,[89] item "Publicações" subitem "Biblioteca Digital da Questão Agrária Brasileira" e que se divide em 12 tópicos que são**:** Livro, Artigo e ensaio, Dissertação e tese, Revista Sem Terra (47 exemplares 1997-2008), Jornais,[90] Caderno de estudo e Cartilha, Documento, Literatura e Cultura do Campo, Poesia, Cartaz, Videoteca e Páginas na Internet.

Em Quedas do Iguaçu, Martins[91] analisou 25 notícias do Jornal Expoente envolvendo o MST, no período de 1997 a 2004, sendo que 11 notícias são

---

[87] Ibidem, p. 28.

[88] SOUZA; Rafael Bellan Rodrigues de. **Mídia e Cenários Políticos e Culturais no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. Dissertação de Mestrado. Unesp: Bauru, 2006.

[89] http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca

[90] Jornal Sem Terra - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST (326 edições de 1981 a 2015), Jornal Terra Livre, União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, (Ultabs), Jornal Pastoral da Terra - Comissão Pastoral da Terra - CPT (Edições de 2005 a 2013) e Jornal Porantim - Conselho Indigenista Missionário – CIMI.

[91] MARTINS, op. cit., p. 49.

criminalizadoras, 6 são de caráter tendencioso e 8 fazem referência a visita do INCRA a cidade

> Conhecer esse processo é o principal mecanismo de evitar que integrantes de movimentos sociais na luta por novos direitos venham a ser estigmatizados como criminosos, não apenas nos tipos penais existentes hoje, mas que no futuro (talvez sonhado pela elite latifundiária) nunca se positive o tal "crime de participação em movimento social para obtenção de terras", que já tem seu protótipo em gestação no Congresso Nacional, sem que a maioria de nós se dê conta.[92]

Considera-se que tais matérias publicadas pelo Jornal Expoente interferiram na maneira como o MST foi visto em Quedas do Iguaçu, pois construiu-se um processo criminalizador que interfere no modo como esses mesmos sujeitos se percebem e como são percebidos, tornando-se, assim, alvo de estigmatização social, pois

> note-se que o estigma não atinge apenas aqueles que pertencem a "outras" etnias, já que atinge também a mulher, o operário, o camponês, os adeptos de outros religiões, o comunista. Trata-se de elaboração psico-social e cultural com a qual a "marca" transfigura-se em "estigma", expresso em algum signo, emblema, estereótipo, com o qual se assinala, demarca, descreve, qualifica, desqualifica, delimita ou subordina o "outro e a "outra", indivíduo ou coletividade.[93]

Símbolos do MST como as bandeiras, os bonés e as camisetas todas em vermelho, são compreendidos de forma distinta. Para os Sem Terra são símbolos de empoderamento, de representação da coletividade e defesa da soberania popular (cor representativa da esquerda); enquanto que para o grupo de estabelecidos de Quedas do Iguaçu simbolizam a baderna, a desordem e a ilegalidade. A formação política defendida no MST confere aos Sem Terra compreensões como exploração, expropriação e direitos humanos, não há formação paramilitar, nem se trata de baderna, ao contrário, o MST constrói organização.

---

[92] Ibidem, p.49

[93] IANNI, O. **Sociologia da Sociologia: o pensamento social no Brasil.** 3ºed. Revista e Ampliada. São Paulo, 1989.

A capacidade de convencimento é tão grande, agindo através dos mais variados meios, por exemplo, na mídia, nos boletins de ocorrência, que acaba difundindo e naturalizando essas concepções errôneas o que dificulta a luta e os torna além de excluídos, criminalizados.

2.2 Assentamento

Em 2004, foi realizado pelo INCRA uma análise da cadeia dominial do imóvel Rio das Cobras,[94] localizado em Quedas do Iguaçu e no mesmo ano é reconhecida a posse das terras a União. Depois de 5 anos acampados,[95] os Sem Terra conquistam o Assentamento Celso Furtado, (Código IBGE: 4120903), oficializado em 06/12/2004, com capacidade de 1095 famílias, das quais 1007 assentadas.[96]

O número de famílias assentadas foi inferior a metade[97], fator significante na memória dos assentados, pois muitos companheiros e companheiras de acampamento, que passaram pelas mesmas dificuldades, não obtiveram um lote de terra para assentar-se. A vitória em relação ao assentamento, a conquista das terras em posse da Araupel, mudaram a vida de aproximadamente três mil pessoas

[94] A citação a seguir explica o histórico das terras denominadas “Rio das Cobras”, onde hoje se localiza o Assentamento Celso Furtado: “O imóvel tem origem em concessões da época do Império a uma Companhia de estrada de ferro para a construção de ferrovia ligando São Paulo ao Rio Grande. Em 1931, diante da inércia da empresa, que não realizou as obras prometidas, o governo federal revogou todas as concessões. Em 1944, todavia, o estado do Paraná revalidou os títulos da empresa, mas, segundo o Incra, esse processo não tem validade jurídica. Na década de 1970, surge, da fusão de grupos do ramo madeireiro que atuavam no estado desde 1910, a Giacomet Marodin, que incorpora parte dos imóveis anteriormente explorados pela Companhia de estrada de ferro. Em 1997, a Giacomet altera sua razão social para Araupel S/A”. A alteração na razão social ocorreu posterior a ocupação de 1997 e a repercussão negativa decorrente dela. http://meucrimeelutar.com.br/2017/03/21/uma-terra-grilada/.

[95] Ocorreram duas ocupações em Quedas do Iguaçu, a do acampamento 10 de Maio (1999) e do acampamento José Abílio dos Santos (2003).

[96] http://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php.

[97] Em 2013 haviam 37 famílias que não foram assentadas e que permaneciam em barracos, ou moradias provisórias, nas redondezas do Colégio Estadual Chico Mendes, localizado na Comunidade Renascer que pertence ao centro do Silo e configurava-se no local do acampamento José Abílio dos Santos.

diretamente, mas quem não conquistou permanece nas falas dos assentados, conferindo a perspectiva de que a conquista foi parcial.

> (...) **é, ganhamos mas em partes porque quando nós chegamos na época de divisão dos lotes**, essas 2.300 famílias que já tinha começado, ela já só tava em 1.110 famílias, **só que só 40% dessas famílias foram beneficiadas, 60% dessas famílias ainda foram discriminadas**, no caso, ainda, não, quer dizer não comportou, não comportou essa quantidade de terra pra essa quantidade de família, então o que que fez, aí você teve que selecionar 40% de família agora você imagine se a parte de um coordenador de brigada, você ter 50 famílias e você ter que pegar 23 famílias e assentar 23 famílias, aquelas outras**, aquelas outras 27 famílias que sobrou, ela te detesta, ela te detesta porque ela lutou com o mesmo, com a mesma ênfase, com a mesma garra que aquelas outr**as,(...).[98]

Durante o processo de seleção das famílias, Milton nos revela as dificuldades de selecionar de cada 50 famílias apenas 23 que receberiam o lote, ele priorizou pessoas com dependentes, crianças principalmente, pessoas em situação de maior carência econômica e ainda, os mais atuantes dentro da organicidade do MST em Quedas do Iguaçu.

> (...) **mas sobrou** na nossa situação **pra que nós tomasse essa posição aonde foi favorecida as pessoas que tem filhos, aonde foi favorecida as pessoas mais sofridas, aonde foi favorecida as pessoas que mais precisava da terra no momento, as pessoas que mais se dedicavam pro crescimento do movimento né**, aí fomos, ganhamos a terra, só que não ganhamos completo porque ficou 27% né, **27 famílias de cada 50 famílias, ficou 27 famílias pra trás**, quer dizer **nós teríamos que continuar na luta, só que nós fomos pra cima da nossa terra**, as **pessoas ficaram revoltadas aonde houve a destruição do Silo, a destruição de mercado, aonde colocaram fogo em carro, houve a revolta,** a revolta desse percentual de 60% daquelas pessoas assentadas no Silo, 60% não foram beneficiada, então houve uma **revolta muito grande.**[99]

Percebe-se que o Sem Terra assentado Milton demonstra um sentimento de dívida em relação aos que não conquistaram a terra, pois "*nós teríamos de continuar na luta, só que nós fomos pra cima da nossa terra*", ele compreendeu a revolta dos

[98] SILVA, Milton Rocha da, op. cit. 42.
[99] Ibidem.

Sem Terra que não foram assentados, compreendeu o desespero das quase duas mil famílias que após anos acampadas não conseguiram o lote.

O assentamento expressa modificações no espaço e nas vivências dos Sem Terra, com o assentamento estas pessoas que conviveram e lutam juntas são separadas em lotes de cinco ou seis alqueires cada, distantes um do outro, além de terem recebido durante os quatro primeiros anos de assentamento esparsos auxílios governamentais.[100]

A assistência técnica ficou a cargo da EMATER que tem acompanhado o processo de produção do assentamento. Predomina o cultivo de milho, feijão e soja, tais produtos são vendidos para a Cooperativa Terra Cereais. Há ainda gado leiteiro no assentamento, o leite é vendido e entregue para os laticínios existentes no município.

Fatores como a inexistência de asfalto ou manutenção do cascalho nas estradas que ligam o assentamento a cidade tem dificultado o acesso e o transporte para escoar a produção ou mesmo para ir ao centro ou ao comércio local.

O transporte das pessoas do assentamento é realizado pela prefeitura municipal ao meio dia e às seis horas da tarde. Os estudantes que retornam de faculdades localizadas em Cascavel são transportados em um utilitário (Kombi) para o assentamento. Com exceção desses três horários, para ir à cidade resta apenas a carona através do transporte escolar. Ressaltamos que vivem no assentamento mais de três mil pessoas, o que corresponde a 10% da população, o descaso diante das demandas dos assentados os levaram a novas mobilizações, marchas e manifestações nos anos posteriores ao assentamento.

As famílias assentadas são oriundas de diversas partes do Estado do Paraná, cabendo destacar a representatividade de Rio Bonito do Iguaçu e Três Barras do Paraná. Há pessoas vindas de outros estados, principalmente do Rio Grande do Sul e de Mato Grosso do Sul e ainda de outro país, no caso do Assentamento Celso Furtado, do Paraguai.

[100] Apenas no ano de 2011, (sete anos após o assentamento), foi concedido através do Banco do Brasil e do INCRA um financiamento de cinco mil reais para o plantio e outros quinze mil reais para a construção da casa própria para cada assentado.

Durante o acampamento as famílias estavam organizadas em duas brigadas. Isto se altera com o assentamento, pois a partir da conquista da terra, elas se organizam em quatorze comunidades distribuídas em três grandes centros: o da Bacia, o do Margarete e o do Silo.

Após o assentamento a organização é dificultada pela distância e pelas atividades desenvolvidas em cada lote. As escolhas feitas pelos assentados tiveram caráter democrático e diferenciado, escolhas como: tipo de produção, financiamento, assistência técnica, sementes, pesquisa de mercado para os produtos e infraestrutura são determinantes para o entendimento dos assentamentos, visto que todas caracterizam decisões próprias.

A organização da produção desenvolvida após o assentamento pode ser individual ou coletiva dependendo da opção dos assentados. Quando a opção é individual o predomínio é pela agricultura familiar e o excedente é vendido na cidade. Quando se opta por uma organização coletiva desenvolvem-se cooperativas e/ou associações.

> Nesse conflito que emerge do processo de escolha entre formas individuais ou formas coletivas de organizar a produção, está na verdade em questão o perfil a ser assumido pelo assentamento diante da lógica capitalista onde se insere. Trata-se, grosso modo, de aceitar a exploração do mercado ou buscar alternativas de uma inserção mais autônoma nele. Aceitar a exploração significa buscar reproduzir no assentamento a mesma lógica de organização agrícola que gerou sua condição de sem-terra, tentando manter-se como camponês que trabalha de forma tradicional, seja pelo tipo de mão de obra que utiliza (familiar), seja pelo jeito de produzir (pouco uso de tecnologia) e pela restrição a atividades exclusivamente agropecuárias, tentando operar sem preocupação com o mercado o que, numa sociedade capitalista, quer dizer subordinar-se inteiramente a ele.[101]

É válido lembrar que a cooperação é uma das características mais marcantes do MST, tanto durante o acampamento quanto posteriormente no assentamento esta prática social é desenvolvida nos espaços e faz parte da formação coletiva dos Sem Terra.

A opção dos assentados do Assentamento Celso Furtado foi diversificada,

[101] CALDART, op. cit., p. 22. e p. 195.

algumas famílias escolheram o cultivo de produtos orgânicos sem uso de agrotóxico. Aquelas que receberam terrenos, com muitas árvores plantadas, organizaram coletivamente a venda da madeira. As demais famílias resolveram produzir sua subsistência através da agricultura familiar e da venda do excedente no centro urbano.

2.2-1 Assentamento noticiado no Jornal Expoente[102]

Em 2005 encontramos três notícias[103]no Jornal Expoente, referentes ao MST: no dia 31/01/2005 anuncia-se no título: "1º despejo de Sem-terra do ano ocorre em Espigão Alto do Iguaçu". Embora o assentamento tenha sido oficializado em dezembro de 2004, a primeira notícia do jornal não se refere a este fato, mas a outro, ao primeiro "despejo de sem-terra do ano", ocorrido no município vizinho (8km de distância). A referência a este fato em detrimento do outro demonstra que o jornal percebe como legítima a ação do despejo e não do assentamento.

A segunda notícia é do dia 13/08/2005: Plano de desenvolvimento Agrário, o INCRA anuncia o Assentamento com 990 famílias recebendo em média 8 alqueires, sendo que no Silo ficam 484 famílias. A implementação oficial deveria ocorrer em 08/10/2005. Destaca-se que é posto no jornal uma pequena nota, cerca de oito meses depois, em menção ao assentamento. Foram meses de silêncio em relação ao MST, visto que o desenrolar do processo e os argumentos dos Sem Terra não interessavam à imagem que o jornal vinha construindo sobre a posse das terras.

A terceira e última notícia de 2005 é do dia 1 de setembro e faz menção ao

[102] O Jornal Expoente do Iguaçu é gerenciado e de propriedade de Marcos A. Pina, sendo jornalista responsável, seu filho Pedro Pina Neto. O jornal existe desde o começo da década de 1990, localizada na rua juazeiro, número 1730, no centro de Quedas do Iguaçu. A página do Jornal online secciona-se em: Home: são as últimas notícias; Policial; Esportes: time de futebol da Araupel e os da prefeitura têm prioridade, política: em geral reportagens sobre políticos da região e suas obras; Educação; Notícias Gerais e o Acervo do Jornal Expoente, a partir de 2009.

[103] Nos jornais disponibilizados ao CEEBJA de Quedas do Iguaçu encontramos um lapso das notícias de 1 º de setembro até 1º de novembro de 2005, em novembro não se referem mais ao MST, portanto não conseguimos o mês de outubro, podendo ter ficado alguma matéria ou notícia sem ser analisada por dificuldade de acesso a fonte.

INCRA que tentava retirar 250 famílias do corredor onde encontram-se 700 ha de araucárias. Na mesma página, outra notícia acima dessa, anuncia que haviam ateado fogo na área de reflorestamento da Araupel no bairro Pindorama. Atenta-se para o fato de as matérias sobre o MST saírem geralmente envoltas a matérias criminais.[104]

A partir da oficialização do Assentamento os ânimos se amenizam, não que o MST tenha passado a ser aceito ou não mais criminalizado, mas a partir desse momento, torna-se questão de tempo que os assentados fossem reconhecidos como cidadãos e eleitores, parte dos números do município.

Em 02/02/2006 a polícia apreendeu caminhões carregados de pinheiros, a notícia não coloca o MST na matéria, mas pela cidade ouvia-se muito: “os sem-terra tão tirando tudo as árvores”. Tratava-se de uma área de plantio e colheita de pinos de uma madeireira, O que ocorre é que, na época do acampamento, muitas pessoas permaneceram em situação de necessidade, inclusive de alimento, alguns madeireiros oportunistas (não nos coube investigar e provar a identidade dos mesmos) contrataram na surdina alguns necessitados e retiraram grandes quantidades de madeira.

Não conseguimos, infelizmente, acesso às fontes do Jornal Expoente dos anos de 2007, 2008 e 2009. O proprietário do Jornal Marcos Pina se recusou a fornecer as edições e na cidade de Quedas do Iguaçu não há arquivo público. As matérias que tivemos acesso foram as preservadas pelo CEEBJA[105] (1999 a 2006) e a partir de 2010 são as do sítio do jornal online.

Caio Pompeia Ribeiro Neto[106] analisou a representação do MST em documentários e no Jornal Nacional nos anos de 1981 a 2009. Em sua dissertação encontram-se análises de algumas matérias a nível nacional envolvendo o MST no período em que não dispomos do material do Jornal Expoente para análise. Como

[104] Abordado na matéria do Jornal Expoente de 26/04/2006, comparativo das práticas no decorrer dos anos, subcapítulo 2.1 Ocupação e acampamento.

[105] Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos de Quedas do Iguaçu, o Diretor Clóvis Stormoski possibilitou consulta ao arquivo do colégio, no decorrer do ano de 2015.

[106] NETO. Caio, Pompeia Ribeiro. **O MST em documentários e no *Jornal Nacional***. São Paulo: USP, 2009. 113 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

conclusão o autor nos apresenta duas visões distintas construídas sobre o MST: a do Jornal Nacional, produzido na rede Globo de televisão, em que as apresentações predominam sobre violência, ilegalidade, imagens fortes, com ausência de referências a luta por Reforma Agrária, e a dimensão dignificante da conquista da terra, perspectiva apontada nos documentários produzidos pelo MST.

Passados 5 anos da oficialização do Assentamento, da ocupação dos lotes, os Sem Terra vivem um período de relativa paz, ou em outros termos, de não tão acirrada "desqualificação social". Entre os anos de 2010 e 2013,[107] as matérias sobre o MST foram apresentadas de modo menos estigmatizante ou criminalizante.

As matérias referem-se a temas menos polêmicos, tais como: a conquista do IFET (Instituto Federal de Educação Técnica), demandas do assentamento (luz elétrica faltante para alguns lotes, liberação de fomento), referência e entrevista a Joceli Borges, menina fotografada por Sebastião Salgado, dentre outras no mesmo sentido**.**

Destacamos que a oficialização do assentamento e a reorganização das famílias, após a conquista da terra, tornou os Sem Terra contribuintes fixos na cidade de Quedas do Iguaçu, ou ainda, junto com a conquista do lote, eles tornaram-se cidadãos. Essa mudança na condição dos outsiders para munícipes redirecionaram as relações sociais, comerciais, políticas ali presentes.

> Inversamente, quando os grupos outsiders são necessários de algum modo aos grupos estabelecidos, quando têm alguma função para estes, o vínculo duplo começa a funcionar mais abertamente e o faz de maneira crescente quando a desigualdade da dependência, sem desaparecer diminui – quando o equilíbrio de poder pende um pouco a favor dos outsiders.[108]

Nas primeiras eleições municipais, pós assentamento,[109] foram eleitos dois

[107] De 2010 a 2015, encontram-se 36 menções sobre o MST e 290 referentes a Araupel no sítio do Jornal Expoente. Subdividimos em 2010-2013 e 2014, devido a ocorrência do novo acampamento (2014) e a intensificação das notícias e da criminalização/estigmatização feita através do jornal.
[108] ELIAS, SCOTSON, op. cit., p.33
[109] Outubro de 2008.

vereadores Sem Terra partidários do Partido dos Trabalhadores (PT):[110] Claudemir Torrente de Lima[111] e Silvano Ribeiro, ambos se encontram no segundo mandato (2012-2016). Essa representatividade fortaleceu o movimento que passou a ter seus representantes na câmara municipal. Segundo Claudemir:[112]

> (...) eu estabeleci uma parceria no primeiro momento com o Deputado Federal Doutor Rosinha, depois, agora com o Deputado Zeca e conseguimos várias emendas né, desses dois deputados aí é, finalizando oito anos com oito patrulhas agrícolas entregues né, qual que é o objetivo dessa patrulha agrícola, é estimular a produção porque quem conseguiu um lote e os lotes são pequenos né, em torno de 4, 5 alqueires cada um, **primeiro pra comprar um trator o valor é alto né**?

A representatividade de dois Sem Terra na Câmara Municipal facilitou a aquisição de 10 patrulhas agrícolas (Silvano Ribeiro acordou duas), favorecendo o desenvolvimento da produção no assentamento. Sua presença ali rompe com a visão unilateral sobre o MST dentro do Paço Municipal de Quedas do Iguaçu, visto que os demais vereadores viam como problema o assentamento.

> (...) isso inclusive reflete com a maioria dos políticos no município, nós tivemos uma dificuldade muito grande durante esses oito anos quando o assunto era assentamento, as vozes que se ouviam, eram somente a minha e do vereador Silvano, os outros silenciavam e a gente sente na maioria dos

[110] O MST e o PT construíram parcerias e alianças no decorrer dos últimos 30 anos, surgiram na época da redemocratização e o PT é o partido que faz mais votos entre os Sem Terra de Quedas do Iguaçu. Sobre essa relação: "Por fim, da mesma forma que se pode falar numa bancada ruralista, é possível considerar a existência de uma bancada da reforma agrária, no Congresso. A edição de O Globo (23/04/2000) informa que Adão Pretto (PT-RS), eleito graças aos votos de militantes do MST e de pequenos agricultores, foi o deputado federal que realizou a campanha mais barata, tendo recebido apenas R$ 500 em doações. Deve-se lembrar, ainda, a existência do núcleo agrário do PT, constituído por 16 deputados eleitos com uma base rural e favoráveis ao MST. " COMPARATO; Bruno K. **A ação política do MST.** São Paulo Perspectiva: São Paulo,2001. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392001000400012.

[111] Em 2016 Claudemir Torrente de Lima candidatou-se a prefeito nas eleições municipais, seu irmão Claudelei Lima Torrente se retirou da direção do MST para concorrer a vereador, foi eleito em outubro. Claudelei foi preso por uma série de acusações em novembro, sendo grande partes delas referentes as práticas Sem Terra. Destacamos que foi o vereador mais votado no município. Foi empossado na penitenciária de Cascavel em janeiro de 2017. Na reportagem da rede televisiva Tarobá de 04/11/2016 com o título: "Operação Castra desmantela quadrilha do MST", podemos perceber através da entrevista do secretário de segurança do Paraná Wagner Mesquita e do comentarista da Rede Tarobá o estranhamento e criminalização das práticas Sem Terra. https://www.youtube.com/watch?v=MPaaHeupB2Q. Outra referência é a reportagem da Rede Globo, no programa Fantástico em 08/11/2016, estigmatização de práticas como "prestar serviço", "prestar guarita", "toque de recolher" são interpretadas como paramilitares. In: https://www.youtube.com/watch?v=qBOJtO7q8Ao.

[112] LIMA, Claudemir Torrente. Entrevista realizada em agosto de 2016. Entrevistadora: Barbara Nagae. Quedas do Iguaçu, 2016. 1 arquivo. Mp3 (30,23 minutos). Esta e as demais entrevistas utilizadas nesta pesquisa encontram-se transcrita na íntegra no apêndice dessa dissertação.

> políticos que vê o assentamento, um local é, aonde não se espera muita coisa e que, seria como um peso né, só sabem reclamar, dizer que depois que teve o assentamento aumentou o gasto com saúde, com educação né, com a estrada que é um outro município que ta se criando mas não enxerga o que foi trazido.[113]

Em 2014 o MST organizou uma nova ocupação em Rio Bonito e começou a organização de outra em Quedas. Várias notícias e manifestações promovidas tanto pelo MST[114] quanto pela Araupel trouxeram novamente à tona essa questão latente da luta pela terra e da criminalização dos Sem Terra.[115]

Em matéria do dia 23/07/2014, o presidente da Câmara de Vereadores de

---

[113]Ibidem..

[114]Ao iniciar a pesquisa sobre a Identidade Sem Terra, parti da prerrogativa errônea de que ocorria perda de identidade com o Assentamento. Essa visão tornou-se outra a partir da análise do MST no decorrer dos anos, pois mesmo com a mudança das práticas e com o mudança para o assentamento, a ida para o lote familiar e uma nova configuração de vivências diárias, a identidade não se perde, se modifica. Modificam-se as relações, pois durante o período de acampamento todos encontram-se bem próximos, os barracos são montados um ao lado do outro e as decisões são coletivas, com o assentamento as decisões sobre cada lote são individuais e os lotes são distantes um do outro; a luta é por isso mesmo, o assentamento é a conquista. A conquista do lote e essa nova dinâmica são necessárias, são resultantes dos anos acampados. Quando surgem outros assentamentos e/ou ainda em vários momentos, no transcorrer dos anos, conseguimos perceber as permanências identitárias na continuidade da participação em marchas, "fechamento de agência bancária" e no auxílio na organização do MST em novos acampamentos. Pensar hoje, em perda de identidade é complicado, pois com os novos acampamentos, montados em 2014 (Rio Bonito do Iguaçu) e 2015 (Quedas do Iguaçu) além de ter significativa adesão de familiares e conhecidos de assentados, contou ainda com vários Sem Terra assentados para a montagem, construção da escola, assistência baseada na experiência, dentre outros. Quando publica-se no Jornal Expoente do Iguaçu e em outras mídias regionais sobre o MST, as notícias percorrem o assentamento Celso Furtado e ouvia-se: "Ouviu a rádio hoje, viu o que o prefeito falou de nós?" "Vamos ter conversa com INCRA semana que vem", "Professora, tão falando de nós de novo", dentre outras. Já ocorreram casos de Sem Terra não se identificarem como tal em um primeiro momento, por medo e desconfiança e não por despertencimento. Não há como apagar os anos passados em um barraco e as transformações em suas vidas obtidas por meio da participação no MST. Se sabem assentados da Reforma Agrária pelo MST. Não se perde identidade, mesmo com terra, continuam sendo Sem Terras.

[115] A Gazeta do Paraná, jornal de circulação na região oeste do estado do Paraná cobriu os eventos promovidos em prol Araupel; o Portal de Notícias CGN com página online também se posiciona a favor da empresa e criminaliza o MST, (http://189.36.3.148/noticia/153945/quedas-do-iguacu-cidade-rebelada-contra-o-mst); o Blog ADHT: DefesaHetero.org segue a mesma linha criminalizadora, sobre a manifestação promovida pela Araupel, a secção e o título de matéria visam dar conotação de cidadania e coragem aos contrários ao MST; o título da secção é: EXEMPLO DE BRASILIDADE: "Quedas do Iguaçu: A cidade que ousou se levantar contra o MST"(http://defesa-hetero.blogspot.com.br/2016/04/exemplo-de-brasilidadequedas-do-iguacu.html#.WTjR9_krLIW. A construção dessa imagem dos Sem Terra continua a ser divulgada em diversas mídias no decorrer dos anos. As reportagens dessa nota referem-se aos anos de 2014, 2015 e 2016. Nesse ano de 2017 existem diversos conflitos em Quedas do Iguaçu, famílias acampadas, reavivamento da estigmatização e continuidade da criminalização.

Quedas do Iguaçu, Osni Soares da Silva, afirma que maior parte dos vereadores, autoridades locais, prefeito e jornalistas da região são contrários à nova “invasão”. Mas não nomeia as autoridades locais e nem os jornalistas da região. Quanto ao prefeito Edson Prado e a maioria dos vereadores, eles realmente prestaram apoio a Araupel, realizaram votações na Câmara para legitimar esse apoio e dialogaram com seus respectivos partidários na Câmara e Senado Federal.

Osni Soares se posiciona de forma diferente ao referir-se aos assentados do Celso Furtado pois “são agricultores de Quedas do Iguaçu”. Mesmo se mantendo contrário à “invasão” e temendo a saída da Madeireira e o desemprego proveniente, no decorrer dos anos pós assentamento, alguns cuidados são tomados ao referir-se aos assentados. Em 2014, é inegável a participação e contribuição de aproximadamente 10 mil Sem Terras.

> **A invasão por parte do Movimento Sem Terra (MST) em terras da empresa Araupel não encontra amparo em praticamente nenhuma entrevista de autoridades até o momento, até mesmo experientes jornalistas da região estão condenando o ato como criminoso e batem veementemente na tecla de “justiça**”. Na manhã desta quarta-feira, 23, o presidente da Câmara de Vereadores de Quedas do Iguaçu, Osny Soares da Silva, falou à uma rádio local e, em sua entrevista, estendeu sua posição sobre a invasão na Araupel. O vereador iniciou sua explanação sobre o caso lembrando que a Câmara de Quedas fez a sua parte bem antes da invasão ter início criando uma moção de apoio aos funcionários da empresa Araupel. “Quando se começou os comentários a respeito da invasão o vereador Vilmar Santos levantou na Câmara que ela deveria se manifestar, na forma legal, votarmos e discutirmos uma ideia, **se a maioria dos vereadores era favorável a manutenção dos empregos e da segurança da população, ou não. Graças a Deus nós tivemos a maioria dos vereadores favorável aos empregos que a Araupel promove em Quedas do Iguaçu. Alguns vereadores por razão de ideologia ou militância contra”,** lembrou. Osni também fez ressalvas que a abstenção de voto do vereador **Eradi (Carneiro), não teve relação com ser contra aos trabalhadores da Araupel, classificando como “injusta” a repercussão que o caso teve**. “As pessoas sabem que tomamos uma posição em relação a essa invasão”. Osni lembrou que as autoridades quedenses foram convocadas para reuniões, que descartavam a ocupação. “Tivemos reuniões e nos deram garantias de que não iria ocorrer a invasão. Nós acreditamos que não iria acontecer. Nós não estamos contra pessoas, nós estamos apoiando atitudes positivas. Estamos contra atitudes de invasão que venha a ferir a cidade a qual defendemos com unhas e dentes,” defendeu. “Está faltando tomada de atitude. Porque foi reunido autoridades estaduais e federais antes de invadirem, poderia ser previsto, agora, depois da invasão tem gente como se empurra um carro, uns se esforçando, outros só colocando a mão,” reclamou o presidente. Cobrando mais atitude das

> esferas estadual e federal o vereador salientou que se o caso fosse resolvido aqui, já estaria solucionado**. "Nos cobraram uma posição em relação ao presidente da câmara, quero dizer que se fosse depender do presidente da câmara e do prefeito de Quedas do Iguaçu isso já estaria resolvido",** garantiu. Por fim, Osni demonstrou preocupação com uma possível demissão em massa na empresa que acarretaria em prejuízos incalculáveis para a cidade. "Se acontecer um 'blackout´ nos empregos vai ser um caos social, vão ter que irem embora daqui, veja essa questão social, o desamparo por um problema que pode ser evitado pelas autoridades, é só respeitar a constituição é só fazer valer a lei, mas para isso tem que ter atitude**". O OUTRO LADO Osni fez questão de dar apoio aos já assentados de Quedas do Iguaçu, no caso o Assentamento Celso Furtado, o qual, segundo o vereador em breve levará Quedas do Iguaçu ao topo regional na produção leiteira. "A questão da invasão nesse terreno onde se produz madeira para o mundo e produz riqueza para Quedas é uma questão. Não podemos ferir o assentamento Celso Furtado e nem as pessoas de lá. Esse assentamento já realidade, produzem e gastam aqui no mercado, então, essa não é mais uma questão que está em discussão, já é realidade e já são agricultores de Quedas do Iguaçu. Em um curto espaço de tempo seremos a maior bacia leiteira da região",** projetou.[116] (Sem grifos no original)

Percebe-se, segundo Osni, que a maioria dos vereadores da Câmara Municipal de Quedas do Iguaçu estavam favoráveis "*aos empregos que a Araupel promove em Quedas do Iguaçu*", ou seja, defendem a empresa; enquanto que outros ''por razão de ideologia ou militância contra" foram contrários a empresa, o vereador refere-se aos vereadores do PT, citados anteriormente. Em Quedas do Iguaçu, aproximadamente ¼ da população é Sem Terra, os representantes do legislativo municipal, em sua maioria, representam a empresa e não um grande número de cidadãos quedenses. Classificam o posicionamento político dos vereadores assentados como ideologia ou militância. A luta democrática por garantia de direito e reforma agrária em terras da União não devem ser analisadas dessa forma, isso desqualifica as lutas e conquistas do MST e divide os trabalhadores do campo e da cidade. Coloca os Sem Terra como antagonistas que geram desempregos e tenta ainda manter em seu texto, certo "respeito" para com os assentados.

Nota-se um número maior de notícias envolvendo o MST motivado pelo novo acampamento de Rio Bonito que ocorreu em julho daquele ano, o "Herdeiros do 1º de Maio". A empresa Araupel desencadeou uma dura campanha na tentativa de mobilização da população quedense contra o acampamento. No Jornal Expoente "*O*

[116] Jornal Expoente, 23/07/2014.

OUTRO LADO" é, paradoxalmente, outro lado do próprio MST, então representado pelo Assentamento Celso Furtado e já meio estabelecidos.

Em 31/05/2014, o Jornal Expoente noticiou a manifestação ocorrida na Praça Pedro Alzide Giraldi em prol a Empresa Araupel. Segundo a matéria, participaram funcionários e população em geral. O redator segue utilizando o termo invasão ao noticiar a possível ocupação de 30 mil hectares e informar o cadastramento de mais de 2 mil famílias para o Acampamento do MST, em Rio Bonito.

O jornal anunciou ainda que boa parte do comércio aderiu e fechou as portas em apoio a empresa e que, segundo Tarso Giacomet (sócio da Araupel antiga Giacomet Marodin), a perda dessas terras impediu que a empresa gerasse 3 mil novos empregos e termina atentando que não houveram ocorrências policiais. Como podemos constatar, as reportagens voltam a assumir o papel de estigmatizante em relação ao MST, devido a nova ocupação.

> **Milhares de pessoas entre funcionários da Araupel e a população em geral protestaram na tarde desta sexta-feira, 30 contra uma possível invasão por parte de integrantes do MST** em uma área de 31 mil hectares de terra que fica ao lado do acampamento Sem Terra que já cadastrou mais de duas mil famílias. A manifestação teve início no portal da empresa Araupel, de onde os funcionários partiram em marcha até o centro da cidade acompanhados por um carro de som, caminhões e ônibus de empresas terceirizadas que prestam serviços. A chegada ao centro foi por volta de 16h30. Munido de faixas e cartazes, funcionários e populares marcharam aos gritos de "não a invasão". Enquanto as pessoas se concentravam em frente à praça central, caminhões, carros e ônibus cercaram todo o centro. **Boa parte do comércio fechou as portas em solidariedade ao protesto da empresa que é responsável por injetar milhões de reais mensalmente na economia quedense**. Presente no ato, um dos diretores da Araupel, **Tarso Giacomet** falou por vários minutos sobre as consequências de uma nova invasão e também o prejuízo que a empresa já arcou com as outras invasões que ocorreram no passado, que segundo ele, impediu a instalação de uma nova fábrica na qual hoje poderia estar gerando mais três mil empregos. Segundo Tarso, a empresa começa a se recuperar agora **e está preparando um investimento milionário em Quedas do Iguaçu**. Pela grandeza do manifesto a Polícia Militar designou para Quedas do Iguaçu várias viaturas do Batalhão de Choque que fizeram a segurança nos arredores da praça central. O ato ocorreu dentro da normalidade pacífica sem ocorrências policiais.[117] (Sem grifos no original).

A empresa Araupel em busca de que a população quedense a defendesse se

[117] Jornal Expoente, 31/05/2014.

refere à geração de mais 3 mil empregos, bem no período da nova ocupação, e relembramos ela está no município desde a década de 1970 e nunca chegou a empregar mil funcionários. Outro exemplo é a matéria do dia 22/07/2014:

> O site do oficial do MST publicou uma reportagem em que afirma a conquista do direito de **permanecer em terras da empresa Araupel** até que haja uma solução judicial sobre a ocupação feita pelo movimento Sem Terra. Segundo a matéria, a Secretaria de Segurança Pública do Paraná mediou a negociação entre o MST e a empresa Araupel para assinar um Termo de Ajustes de Conduta (TAC), e negociar uma solução pacífica sobre o pedido de interdito proibitório e de reintegração de posse da Araupel, assinado na noite do dia 17 pelo poder judiciário da comarca de Laranjeiras do Sul, é o objetivo que o MST deseja alcançar. **O texto ainda lembra o histórico do confronto entre Araupel x MST que começou em 1996 quando 3.340 famílias ocuparam a Fazenda Pinhal Ralo, pertencente à empresa. O MST também acusa a empresa Araupel de "propagandear" em desfavor ao MST jogando a população contra os invasores**. "Essas terras são uma das melhores do Brasil, e a Araupel apenas produz madeira para exportação. Queremos produzir alimentos nessas terras, e por causa das ilegalidades, elas devem sim ser destinadas à Reforma Agrária, para que possamos trabalhar e produzir alimento de qualidade ao povo brasileiro", explica Antônio Miranda, da Direção Nacional do MST. Em entrevista à imprensa o diretor da Araupel, Tarso Giacomet, fez um resumo da história da aquisição das terras pela empresa desde os tempos do Império de Dom Pedro II, e relatou segundo ele "equívocos" que causaram toda a polêmica envolvendo as terras da empresa. Giacomet garante que a empresa dispõe de documentação legal das terras. Focados no objetivo de tomar 100% das terras da Araupel, o tom de fala dos acampados segue sempre a mesma linha convicta de que as terras não devem mais ficar em posse da empresa "Temos milhares de famílias acampadas na região que querem terra para trabalhar e produzir alimentos. Enquanto isso, a Araupel se sente no direito de grilar terras e produzir madeira para exportação", argumenta Daniel Ferreira, da direção estadual do MST. **Entre reuniões e reuniões para se definir uma solução, a população quedense, em sua maioria, contra uma nova invasão, segue angustiada esperando uma definição do caso.** Enquanto isso, em ritmo acelerado mais de 2.500 famílias seguem a construção dos barracos.[118] (Sem grifos no original).

Percebe-se a referência à "acusação" do MST em relação a Araupel, sendo que a mesma realizou uma campanha juntamente com o comércio local, através da Associação do Comércio e da Indústria de Quedas do Iguaçu (ACIQI),[119] visando pressionar a retirada do acampamento da cidade. A matéria anterior representa isso, "comércio fecha as portas em apoio a Araupel". Para tanto, a empresa utilizou-se de

[118] Jornal Expoente, 22/07/2014.

[119] Sobre os posicionamentos, da ACIQI, no site há matérias sobre a questão. Em 28/10/2015 nova campanha foi realizada em prol da Araupel, na notícia a associação afirma que representando os empresários da cidade, propõe a paralisação neste dia e apresenta dentre as pautas a "Reintegração de Posse das Áreas invadidas da empresa; " in: http://aciqi.com.br/?p=1549. Consulta realizada em 07/12/2015.

funcionários, do apoio da Prefeitura Municipal, meios de comunicação (até propaganda na televisão), deputados que levaram a questão à câmara, dentre outros.

Na matéria as terras são apresentadas como “terras da Araupel”, reprodução direta do discurso da empresa. Há posicionamentos claros em favor da empresa ao se referirem que a “*população quedense, em sua maioria, contra uma nova invasão, segue angustiada*”, e termina dizendo que “*a construção dos barracos segue acelerada”.*

A população quedense não foi consultada, o discurso reproduzido é o da Araupel e dos “estabelecidos”. Assim, podemos compreender que existe novamente um processo de estigmatização em andamento, que é produzido e é violento.

Compreendemos que essa visão do Jornal Expoente deveria ser problematizada como fator de construção da identidade Sem Terra em Quedas do Iguaçu. Esse segundo capítulo é uma tentativa de mostrar esses mecanismos de estigmatização, através do Jornal Expoente e como contraponto as entrevistas dos assentados do MST e seus processos de formação.

Pois, se há o processo de estigmatização via Jornal e estabelecidos, por outro lado há a formação dos Sem Terra, um poder de autogestão e auto-organização expressos nos Acampamentos, na luta por reforma agrária, na conquista de assentamentos, de políticas públicas, na produção agroecológica e por condições dignas de permanência no campo.

É preciso considerar a singularidade da vida no campo e das práticas desenvolvidas para resistir às formas de qualificação pejorativa que lhe são dirigidas.

III. Identidades: memórias e experiência histórica dos assentados Sem Terra de Quedas do Iguaçu

A cultura se expressa na construção das narrativas dos Sem Terra de Quedas do Iguaçu, nas experiências históricas advindas de suas práticas sociais, seu ajuste simbólico e nas memórias selecionadas e compartilhadas. É no campo fluído dessas expressões descritas que se constrói sua Identidade.

O estudo da identidade nos exige compreensões presentes na própria configuração do MST, pois o movimento insere-se entre categorias materialistas históricas, ao confrontar o latifúndio, ao perceberem-se como expropriados e ao participarem de processos de conscientização política; as demanda também um entendimento cultural, pois são suas memórias, suas representações, sua subjetividade que constroem o coletivo.

> A particularidade do MST é que ele tem duas faces empíricas, o lado da luta política, percebido nos seus objetivos, nos princípios políticos e também nas suas estratégias de luta, que têm incorporado novos elementos ao discurso e a negociação política, e ao lado do cotidiano no acampamento e no assentamento. O primeiro nos remete à análise das estratégias de luta por reforma agrária e o segundo nos sugere discussões sobre o modo de vida do trabalhador e a viabilização cultural, econômica, política e social do assentamento. São duas faces que não estão dissociadas, mas que demandam categorias analíticas diferenciadas.[120]

Nessa pesquisa, buscamos compreender a questão da identidade[121] a partir de categorias que consideramos mais apropriadas, tais como: as práticas desenvolvidas pelos Sem Terra, desde sua inserção no MST, as memórias que permanecem e que tem referência coletiva e a experiência histórica que culmina na

---

[120]SOUZA, Maria Antônia de. **Educação e Cooperação nos Assentamentos do MST**. Ponta Grossa: UEPG, 2006

[121] Entende-se que a discussão sobre a identidade é polissêmica, podendo ser abordada por vários vieses e matrizes historiográficas. A identidade Sem Terra, poderia ser analisada como: identidade cultural, social, política, étnica, de gênero, dentre outras; mas priorizamos a questão da identidade social do grupo, por se tratar de um movimento social. Buscamos entender como eles se inserem, como eles se veem socialmente e a forma como as relações sociais acontecem em Quedas do Iguaçu.

consciência de classe.[122] Consideramos tais categorias como fundamentais para compreender a formação da identidade dos Sem Terra em Quedas do Iguaçu.

Thompson[123] aponta como experimentamos nossas vivências a partir de necessidades e interesses em relação às relações produtivas, (visto que garantem a manutenção da existência) e, ao mesmo tempo a partir dos significados culturais que essas experiências possuem, como são pensadas, memoradas e como adquirem relevância na construção da identidade.

Nesse sentido, a consciência de fazer parte de um coletivo não é dada, é construída a partir das experiências das pessoas, experiências vivenciadas em um contexto específico. Os Sem Terra de Quedas do Iguaçu estavam reunidos em um grupo que tinha uma determinada afinidade, a luta pela terra, mas isso não significava que no momento da ocupação em 1999 tinham todos eles total compreensão do que significava ser do MST.

No testemunho do Ademir temos: *"é, no início eu também tinha vergonha do próprio movimento, né?* ".[124] E se justifica referenciando o senso comum: *"essa*

[122] São significativas a essa discussão sobre Identidade, as contribuições de sociólogos como Stuart Hall, que analisa os "descentramentos" do sujeito social e as Identidades Culturais, as transformações e constituintes da Identidade, os pertencimentos culturais: étnicos, raciais, religiosos, nacionais, dentre outros, no contexto da Globalização; (HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.); e Zygmunt Bauman "A modernidade Líquida" onde percebe-se a construção de uma consciência pós-moderna diante de uma sociedade acelerada e líquida, invenções, escolhas constantes que resultam em identidades móveis. (BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.). Contribuições advindas da Psicologia Social como o estudo de Ciampa, a identidade aparece com caráter dinâmico, construída a partir das atividades e como metamorfose, "*Ciampa (1987) entende identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos*" (FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. **Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores**. Psicol. Esc. Educ. (Impr.) vol.15 no.1 Maringá Jan./Jun, 2011) e da História, com Edward Thompson com pesquisas como a "Formação da Classe Operária Inglesa (2004) " e "Costumes em Comum", dentre outros do mesmo autor, a contribuição dessas obras reside na análise da construção da identidade social a partir de vivências compartilhadas, da consciência de classe e de referências comuns. Ao elencar as categorias para análise da Identidade Social utilizamos as compreensões advindas dessas leituras e das entrevistas.

[123] THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p.182.

[124] CESAR, Ademir. Entrevista realizada em agosto de 2016. Entrevistadora: Barbara Nagae. Quedas do Iguaçu, 2016. 1 arquivo. Mp3 (19,18 minutos). Esta e as demais entrevistas utilizadas nesta pesquisa encontram-se transcrita na íntegra no apêndice dessa dissertação.

mentalidade que o Sem Terra é ladrão, é um vagabundo, é tudo de ruim que tem na sociedade. "[125]

Mesmo que os Sem Terra em um primeiro momento não possuíssem a consciência do coletivo, e apesar da imagem midiática que desqualificava os integrantes do movimento, algo que os identificava entre si era ter o campo como lugar comum de destino e também as migrações que boa parte dessas famílias faziam antes de serem assentadas.

Essas histórias em comum, ainda que aglutinadoras nessa formação inicial do coletivo, poderiam ter perdido sua força se não fosse uma série de práticas empregadas pelo movimento a fim de produzir um sentido para esse grupo que se formava. Reunir e ressignificar as experiências individuais das várias famílias em torno de uma mesma luta, ou de uma mesma bandeira, foi o que possibilitou a formação do coletivo concreto que é o MST.

O Ademir se refere ao companheirismo ao lembrar das ajudas mútuas em caso de necessidade entre os Sem Terra e completa**:** *"mas isso faz parte de um processo de formação que graças ao movimento, essa organicidade do próprio movimento, que traz pra gente essa formação".*[126] Essa formação a que se refere o entrevistado ocorre nas práticas das marchas, protestos, cursos, oficinas, jornadas, congressos, encontros, ocupações e, com ênfase maior, nas vivências de acampamento. É no acampamento que os trabalhadores sem terra se tornam Sem Terra.

As pessoas que passam anos acampadas são as que vivem o dia a dia da auto-organização, da experimentação de cargos e das funções que a dinâmica própria do acampamento requer. Quem está lá cotidianamente no acampamento sabe que tem de fazer parte de alguns setores e da coordenação e que corre o risco de reintegração de posse e ter que se retirar rapidamente. Para ser Sem Terra o trabalhador precisa aprender a viver com um coletivo, responder a ele, participar de

[125] Ibidem.

[126] CESAR, Ademir. Entrevista realizada em agosto de 2016. Entrevistadora: Barbara Nagae. Quedas do Iguaçu, 2016. 1 arquivo. Mp3 (19,18 minutos). Esta e as demais entrevistas utilizadas nesta pesquisa encontram-se transcrita na íntegra no apêndice dessa dissertação.

assembleias e reuniões, conhecer as dificuldades dos companheiros, ou seja, estar disposto a compartilhar a vida.

A prática do acampamento não é fácil sob nenhuma perspectiva, mas ao mesmo tempo enriquece e transforma como nenhuma outra. Na fala de Milton percebemos suas inseguranças quanto a acampar, cuja representação física é o barraco:

> O que que eu poderia fazer com a **minha família debaixo de um barraco**, nunca tinha visto é na minha mente a **minha família debaixo de um barraco de lona**, então tinha aquela preocupação e não só **debaixo do barraco**, como passando as provações do dia a dia, aquela quantidade de gente, pessoas vindo de **várias maneiras da sociedade discriminada na sociedade porque o movimento Sem Terra ela é formada de pessoas discriminadas da sociedade, são pessoas que moram em favela, são pessoas que estão desempregados, pessoas que ela não tá, a cidade não tá comportando essas pessoas, as pessoas sem saída vem e se enquadram no movimento e ali tinha essas quantidades de pessoas, aquele movimento grande** e minha família ter que pegar eu e a minha preocupação era essa porque não tem**, não tinha água suficiente, não tinha lugar pra lavar roupa suficiente, se quisesse tomar banho tinha que descer lá no rio, tomar banho de água fria, tinha que lavar roupa lá no frio, na água fria**, né e isso é uma quantidade de pessoas, é uma quantidade de pessoas então se torna um, uma quantidade de pessoas num lugar pequeno e **sem preparo pra recepcionar aquela quantidade de pessoas, né**.[127]

Apesar das inúmeras dificuldades que o acampamento apresentava – falta de água, luz, comida, dentre outras – ressalta-se a perspectiva de transformação e incorporação de um sujeito abandonado socialmente e não desejado em um modelo de sociedade para outra em que ele passa a ser empoderado, crítico, com noção de política e de coletivo, isso é fruto da formação Sem Terra. É onde reside a resiliência do próprio movimento. Ao ocupar, acampar, as pessoas passam a fazer parte de uma comunidade, a ter responsabilidade em suas ações não apenas em nível pessoal, mas no comprometimento com os outros integrantes desse coletivo.

Eu mesma vivenciei em vários e distintos momentos a prática da ocupação, e pode-se observar a construção dos regimentos em assembleias e as deliberações primeiras. Após a ocupação é realizada uma assembleia com as pessoas que participaram e definido um conjunto de regras que incluem desde horários de saída

[127] SILVA, Milton Rocha da. Op. cit. p. 42..

e entrada, normatização do uso de álcool, de espaços religiosos, até sobre a criação ou não de animais. Os acordos variam de uma ocupação a outra. Essas normativas encontram-se no Regimento de cada ocupação e sua definição ocorre a partir da aceitação e comum acordo por assembleia.

O processo de construção da dinâmica de cada acampamento ocorre através das práticas e elas são adaptadas por cada grupo a sua maneira, obedecendo os costumes, limitações, preconceitos, crenças, hábitos, criatividade, por fim, várias questões que respaldam a convivência comunitária do grupo. Por outro lado, há os parâmetros desenvolvidos pelo MST ao longo dessas três décadas, como por exemplo, as divisões em setores e a organização interna, que devem ser seguidos por todos os acampamentos. Esses parâmetros servem de orientação também quanto à produção agrícola/agroecológica, participação em momentos de formação (marchas, jornadas, encontros, congressos, ocupações, etc.). Esses momentos conferem conhecimentos sobre a luta pela terra, o ser camponês, a educação do campo, esclarecimentos sobre o agronegócio, a agroecologia e os direitos humanos.

A apreensão da realidade por tais lentes encontra-se nos lemas dos eventos organizados pelo movimento: “Jornada Agroecológica” (14ª) “Marcha Nacional pela Reforma Agrária” (2005), “Massacre de El Dourado dos Carajás” (2006), “Manifesto contra a Criminalização do MST” (2008), “Jornada Nacional de Lutas em defesa da Educação” (2009); “Jornada das Mulheres Camponesas” (2010); “ Campanha contra o uso de agrotóxicos” (2011); III Jornada Nacional da Juventude Sem Terra” (2012),[128] dentre outros.

As propostas do MST são sintetizadas em suas bandeiras e exemplificadas por um conjunto de práticas,[129] tais como: *Cultura*: desenvolvimento das artes e saberes do campo, por exemplo, mística,[130] oficinas de música, teatro, dança, dentre

[128] Essa Jornada é um momento marcante, foi quando a juventude Sem Terra ocupou as ruas de Curitiba e em cima do caminhão do som tocava a música “Que país é esse? ” (Legião Urbana), a animadora perguntava: que país é esse? E a Juventude respondia: É o país que eu vou mudar. Ver tantos jovens com essa proposta, com essa determinação, atinge o conformismo.

[129] Os títulos em itálico referem-se as bandeiras de luta do MST, definidos ao longo de sua trajetória, encontros e congressos, as considerações explicativas e os exemplos que citados, na sequência dos títulos, foram elaborados a partir das práticas que pôde-se observar na vivência desses espaços. Sobre as bandeiras de luta do MST: http://www.mst.org.br/quem-somos/

[130] É uma apresentação encenada, com duração aproximada de 20 minutos, sobre os temas do cotidiano (desde acontecimentos do acampamento como de outros, quando assassinaram os Sem

outros; *Reforma Agrária*: luta através das práticas como Ocupação e Acampamento e conquista do Assentamento; *Combate a Violência Sexista*: várias jornadas e grupos de debates são feitos nesse sentido; *Democratização da Comunicação*: rádios em acampamentos, jornais, cartilhas do MST, rede interna de repasse de informações baseada no deslocamento de membros e apoio de mídias independentes; *Saúde Pública*: dicas, cursos, oficinas em geral defendendo os saberes da medicina natural, como a auricular, e melhores condições e atendimento aos mais necessitados; *Desenvolvimento*: equidade social, divisão de riquezas e resultado do trabalho de forma coletiva visando a construção de uma sociedade mais igualitária; *Diversidade Étnica* : apoio às causas indígenas e quilombolas, intercâmbio com integrantes de movimentos da luta pela terra na América Latina e multiplicidade religiosa e artística; *Sistema Político*: durante a ocupação e o acampamento as decisões são tomadas coletivamente, com isso, se favorece a participação política direta; e *Soberania Nacional e Popular*: essa bandeira sintetiza o projeto social do MST, é efetivada com a manutenção das práticas acima: assembleias, cursos, diversidade, produção; esses elementos formam o Sem Terra e nesse processo o contexto é transformado.

Em Quedas do Iguaçu se efetivaram todas as práticas Sem Terra, ou seja, as bandeiras de luta do MST se tornaram parte da sua base formativa e constituíram a dinâmica interna dos grupos ali acampados.

> A experiência chega sem bater na porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerras, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas passam fome: os que sobrevivem pensam o mercado de outra forma. Pessoas são presas: na prisão meditam sobre a lei de novas maneiras (...) Dentro do ser social ocorrem mudanças que dão origem a uma experiência transformada: e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e oferece grande parte do material com que lidam os exercícios intelectuais mais elaborados.[131]

Terras em Quedas do Iguaçu, as místicas e as bandeiras no Estado foram essas), que podem apresentar: música, textos, poesia, expressão corporal e símbolos (geralmente frutos, sementes e flores). Cuja finalidade é comunicar e sensibilizar através da arte.

[131] THOMPSON, Edward P. **The poverty of theory and other essays**. London: Merlin, 1978, p. 200-201; citado em: **História e Experiência: Contribuições de E. P. Thompson à Pesquisa em Educação,** PERSPECTIVA, v. 21, n. 02, Florianópolis, 2003, p. 329-349.

Ao realizarem assembleias, construírem escola, rádio, fecharem agências bancárias, pedágios, os Sem Terra vão construindo experiências. Vão se percebendo como parte do MST e se engajando na construção do mesmo. Fatores como ser alvo de estigmatização da mídia, da polícia, dos latifundiários os fazem ver de outro modo a conjuntura social em que se inserem.

As vivências advindas da participação no MST agregam novos sentidos, a experiência transforma a consciência de seus integrantes, dessa forma, as práticas fazem parte do processo formativo da identidade Sem Terra. A prática de resistência advém de representações culturais, construídas na defesa de costumes em comum, ou seja, ainda que inseridas em um contexto de desigualdade social, a prática é uma representação cultural orgânica e transformadora.

No caso da experiência histórica, percebe-se as práticas como transformadoras e construtoras da consciência de classe. Dessa forma, a ocupação, as marchas, assembleias, a produção no acampamento e todas as diversas vivências que circundam a vida Sem Terra são efetivamente constituintes de sua consciência de classe e de sua identidade pois, como afirma Thompson, “a classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens, cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus”.[132]

É a partir das experiências, práticas, vivências que as pessoas passam a integrar um coletivo. Cada pessoa, no entanto, encontrará uma maneira própria de dizer sobre esse coletivo. “Nego”, ao falar sobre o MST, o compara a uma família:

> **O MST não mudou só minha vida, ele mudou a vida de vários familiares.** Até da minha família, que somos em oito irmãos, todos eles são assentados **pela família MST** e eu particularmente, **mudou minha vida** da água pro vinho, **porque eu morava na cidade e não me via mais na cidade. Eu sou filho da terra e vim pro MST contribuir e vou morrer contribuindo pro MST e espero que assim seja meus filhos futuramente**. (...) é muito gratificante que hoje a sociedade venha

[132] THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 10.

> **reconhecer a família MST, que não é uma família bandida. A família MST é uma família que vê a necessidade do pobre.**[133]

É possível perceber o orgulho e o compromisso do entrevistado com o movimento. Ao buscar resgatar o camponês pobre, o boia-fria, *"porque eu morava na cidade e não me via mais na cidade. Eu sou filho da terra(...)",* o MST cria experiências e essas experiências ficam na memória e nos projetos do futuro **"***e vou morrer contribuindo pro MST e espero que assim seja meus filhos futuramente***"**. Esse comprometimento com a "família MST" foi construído através das práticas, as práticas coletivas geram pertencimento ao grupo. As práticas e as memórias são formadoras de identidade.

A identidade pode ser compreendida como um conjunto referencial representativo da cultura de determinado grupo (modelos, padrões, costumes e práticas). Em sua condição de organicidade, pode se alterar conforme se dá o desenvolvimento e a transformação da própria experiência.

3.1 Memória

A partir das entrevistas dos integrantes do MST de Quedas do Iguaçu que participaram ao longo desse processo de 15 anos, que compreende desde a fase de ocupação a do acampamento, tentamos nos aproximar das premissas que contribuíram para a construção das identidades sociais que permeiam o Assentamento Celso Furtado.

Consideramos importante para essa pesquisa algumas considerações referentes à memória, visto que as pessoas selecionam e ressignificam suas experiências ao rememorá-las por ocasião da entrevista.

---

[133] BARBOSA, Ademir. Entrevista realizada em agosto de 2016. Entrevistadora: Barbara Nagae. Quedas do Iguaçu, 2016. 1 arquivo. Mp3 (17,15 minutos). Esta e as demais entrevistas utilizadas nesta pesquisa encontram-se transcrita na íntegra no apêndice dessa dissertação.

A memória é constituinte essencial da identidade social é construída por diferentes perspectivas conforme o lugar, o tempo e o grupo em que se legitima. Ela se altera com o tempo e com as novas experiências e é revivida ganhando novo significado.

> Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. [134]

Pollack argumenta que, em um primeiro momento, a memória parece ser um fenômeno individual, íntimo da pessoa. Porém a memória é também um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

> É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada (...) podem existir acontecimentos regionais que traumatizam tanto, marcam tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação. [135]

O lugar, ou lugares, de onde se lembra constitui um elemento fundamental para a memória do grupo, por fazer parte da herança de família ou, por exemplo, por ter sido onde se passou um acontecimento trágico que marcou profundamente a população local, mesmo a quem não viveu pessoalmente o episódio. Esse fenômeno Pollak nomina de projeção de memória, transferências.

O MST assimila para si o histórico de revoltas, contestações de cunho popular seja na luta pela terra tais como Revolta dos Posseiros (Sudoeste do Paraná), Canudos, Contestado e a luta dos seringueiros no Acre (1970/1980), sejam nas lutas

---

[134] POLLACK, Michel. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro. Estudos Históricos, 1992, p. 200.

[135] POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 2.

sociais, de vínculo socialista, comunista ou de partidos de esquerda. Nos nomes escolhidos para as brigadas, assentamentos, e vários espaços que são nomeados pelos Sem Terra, em geral homenageiam-se militantes, companheiros de luta que morreram na luta pela terra, pelo socialismo, tais como: Chico Mendes e Olga Benário, que nomearam as escolas em Quedas do Iguaçu e Maria Rosa do Contestado que nomeia o acampamento Sem Terra em Castro.

Não é difícil perceber/observar que a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado, registrado. Ela sofre flutuações em função do momento ao qual é articulada, pode ter intervenção política, quando se trata da memória nacional, ou de algum fato público. Esse elemento faz parte da estruturação da memória. Por isso é um fenômeno construído social e individualmente junto com o sentimento de identidade. Michel Pollak aponta que:

> A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem ser perfeitamente negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou grupo. [136]

Precisamente então, pode-se dizer que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais, opondo grupos políticos diversos. Michel Pollak também observa que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, faz parte da continuidade do sentimento de unidade que formam um grupo.

Há uma continuidade dentro do tempo, tanto físico quanto psicológico. E, portanto, cada memória constituída efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade da organização. Para a construção da memória consideram-se ambos os movimentos, primeiro a lembrança individual do fato e depois a influência na e da construção dessa memória coletiva.

Os assentados realizaram a prática do acampamento, da construção de escola, da autogestão e da organização nesse espaço. O assentamento adquire a

[136] Ibidem, p. 10.

função representativa das lutas e da memória. Memória da luta por uma escola do campo, da luta por terra, pela cidadania e pela dignidade.

> Então, com um assentamento, a gente conseguiu um lote, nunca é dado, não ganha lote com a reforma agrária, a gente conquista quando faz parte desse processo. Isso e o processo de convivência com as pessoas, eu sempre digo que isso é a faculdade da vida. Ela realmente forma o sujeito pra ser um sujeito humano, ela traz essa questão da humanidade, do companheirismo, porque todas as pessoas são iguais. Se teu vizinho tá passando fome, as vezes você também tá, você se ajuda, pega um pouquinho de arroz daqui, um pouquinho de feijão. Então, você tem aquele companheirismo, mas isso faz parte de um processo de formação que graças ao movimento, essa organicidade do próprio movimento, que traz pra gente essa formação.[137]

"A gente conseguiu um lote", "a gente conquista", essas frases representam o poder das práticas coletivas que lhes resultou em transformação social em um sentido amplo, de formação, empoderamento e conquista da terra. A identidade dos Sem Terra se delineia em memórias de práticas por eles desenvolvidas, em que lutas foram ganhas e outras foram perdidas, ou seja, em um processo dinâmico em que eles mesmos se transformam e são transformados.

> Então, eu acho que a faculdade, a melhor faculdade nossa ali, não foi a faculdade que eu fiz lá na Unicentro, não foi na Uniasselvi, não foi (referência a outra universidade), foi a vivência de 99 e continuo vivendo ainda, e eu aprendo todo dia com isso.[138]

A ocupação em 1999, o acampamento, se tornou uma experiência extremamente significativa para esse nosso entrevistado, o Adecir, algo que marca sua vida como antes e depois:

> (...) porque quando você faz parte dessa organização, do caso nosso do MST, você, qualquer lugar que você vai, você vê, as pessoas acampadas, você, entra no grupo, já se interage com eles, já tá, já sabe, interagindo, né. Aqui na cidade, você se encontra, já diz adeus já vai conversar, você continua a mesma coisa, né, saiu do acampamento, o assentamento, mas você não mudou tua identidade, teu jeito de ser, né. Aquela aprendizagem

[137] CESAR, Ademir. Entrevista realizada em agosto de 2016. Entrevistadora: Barbara Nagae. Quedas do Iguaçu, 2016. 1 arquivo. Mp3 (19,18 minutos). Esta e as demais entrevistas utilizadas nesta pesquisa encontram-se transcrita na íntegra no apêndice dessa dissertação.
[138] SILVA, Adecir, Rodrigues. op. cit. p. 43.

> ali foi pra sempre, uma formação que não tem, uma formação completa do ser humano.[139]

As práticas formativas se expressam através da camaradagem, solidariedade, sensação de empatia e pertencimento a quem delas fez parte. Você passa a olhar as dificuldades dos outros com maior compreensão, todo Sem Terra lhe é um companheiro de luta. Essa sensibilidade advém das práticas diárias nos acampamentos, das memórias construídas coletivamente através dos anos e do acúmulo de experiências.

Como já exposto, na sequência da ocupação das terras, desenvolve-se o acampamento, no qual se evidencia a necessidade de uma cozinha comunitária, uma escola, divisão de tarefas por setores,[140] formação de grupos, nomeação de coordenadores, construção de guarita, barracos, caixas d' água, dentre outros.

Essa formação inicial é passível de ser redefinida e aconselha-se que todos participem de diversos setores. Assim quem é coordenador ou coordenadora (coordena brigadas de até 50 famílias) pode ser por pouco tempo, às vezes as famílias não aceitam determinada coordenação e a trocam, às vezes a pessoa perde

---

[139] Idem.

[140] Os setores foram divididos, a partir das experiências e das necessidades de auto organização dos Sem Terras, discutidos em Congressos (cada 5 anos) e Encontros Nacionais (cada 2 anos), assim : Frente de Massa: fazem o "Chamamento" saem nas periferias urbanas a convocar os interessados a participar do MST; Formação: alguns Sem Terra são enviados pelo acampamento a qual pertencem a fazer cursos, jornadas, momentos de formação e retornar e repassar ao coletivo; Educação: responsável por colocar as crianças na escola, havendo dificuldade em estudar seja pela distância ou pelo preconceito que sofrem as crianças, cria-se a escola itinerante dentro do acampamento; Produção: acompanhar o desenvolvimento do plantio, coleta, colheita e demais interligações da produção agrícola; Comunicação: os Sem Terra produzem seus próprios jornais e rádios comunitárias; Gênero: promovem-se discussões, jornadas específicas, há atividades apenas para mulheres, poderia ser mais completa a discussão mas tem caminhado e empoderado as mulheres, exemplificando, no MST mulheres têm prioridades na conquista da terra; Direitos Humanos: defesa de todas as lutas por direitos humanos, participação nas mobilizações, discussões sobre o tema nos acampamentos; Saúde: Oficinas e cursos de medicina natural, utilização de chás, ervas, medicina auricular e demais saberes campais; Finanças: pessoal responsável pela coleta de dinheiro, (valor variável nos acampamentos entre de 10 a 50 reais), dinheiro utilizado para pagar luz, pagar viagem dos companheiros aos encontros Sem Terra, consertar bombas de água, dentre outros; Relações Internacionais: Interação das lutas camponesas, participam dos eventos convidados do Paraguai (Via Campesina) Argentina, México, Haiti (Brigada Dessalines pela Via Campesina), uma tendência mais latino-americana. Diante das necessidades novos setores podem ser criados, respeitando a dinâmica e especificidade de cada acampamento.

a disponibilidade para o cargo. Essas funções não são estáticas e obedecem a lógica interna do acampamento.

Promove-se a auto-organização, formação de grupos e escolha da coordenação desses grupos. Ou seja, conforme o número de famílias acampadas, elas são divididas em grupos que variam de 10 a 60 famílias, cada grupo escolhe seu coordenador, que ficava responsável por apresentar as dificuldades do grupo e repassar os comunicados dos setores.

Não há um prazo determinado de duração do acampar, pois isso depende de negociações com o governo, sendo que essas negociações podem se alongar. Quando se monta o acampamento é redigido, votado, discutido, elaborado um regimento para esse período, o do acampar. Há vários acampamentos pelo país e cada um deles faz seu próprio regimento. Os pontos do regimento têm conotação de lei dentro do acampamento, cabendo punições o não cumprimento.

Em alguns casos, quando violado o regimento, é feita reunião com os coordenadores e avaliada a gravidade da situação. Conforme o resultado da avaliação é atribuído uma punição, que pode vir a ser desde desonra pública em um julgamento comunitário, plantar e carpir nas hortas comunitárias em tempo maior que o regimental, expulsão, fazer plantões a mais nas guaritas, dentre outros.

A divisão entre o espaço público e o doméstico se confunde. O regimento tem peso de constituição no acampamento, quando não é mais taxativo do que a mesma. Há, por exemplo, casos de expulsão por adultério, por consumo excessivo de álcool, etc. Percebemos a defesa dos costumes, através da utilização de um regimento consuetudinário, que coloca questões morais como fatores de expulsão. Destacamos que o acordo de fazer valer o regimento é fundamental para organizar o grupo, mas eles tomam cuidado para não o engessar, pois o mesmo deve ser dinâmico e revisto quando for o caso.

> E isso é com muito orgulho que eu falo, porque a gente aprende a base da vida do sujeito é o aprendizado, é a prática e limpei muito banheiro. Limpava as salas de aula, varria, e até um dia, um rapaz que tava naquele momento achou que eu tava fazendo castigo, porque eu tava limpando lá. Tinha isso pra quem fizesse algo errado lá, pra manter a disciplina, o respeito pra se manter, pense na quantidade de pessoas, cada um com

> uma diversidade de cultura, realmente tem que se ter uma disciplina, que é uma, isso faz parte da própria organicidade do próprio movimento.[141]

Na entrevista do Ademir fez-se a referência à importância da prática na produção do aprendizado, às punições regimentais: “Tinha isso pra quem fizesse algo errado lá” e a argumentação sobre a necessidade, devido a diversidade cultural, de “se ter uma disciplina”. Em outras entrevistas fizeram-se menções a fatores como um grande número de pessoas de diversos lugares reunidas no acampamento e da necessidade de organizar e evitar conflitos internos. Quem desconhece essa organização acusa essas práticas de impositivas, paramilitares, conservadoras, dentre outros adjetivos depreciativos quanto a funcionalidade e constitucionalidade das mesmas.

No entanto, ao construir o barraco, ao debater os direcionamentos do MST em assembleias, ao decidir pelos itens do regimento e acompanhar o desenvolvimento da aplicação das decisões, ao trabalhar nos setores, os Sem Terra adquirem familiaridade com a prática de posicionamento político e de resistência a adversidade a partir de um coletivo.

Hoje, podemos considerar o MST como o maior movimento de transformação social que o Brasil já teve. A seguir, fala do Claudemir Torrente, sobre a transformação em Quedas do Iguaçu, conquistada pelos Sem Terras:

> (...) em 2000 Quedas do Iguaçu tinha uma frota de veículos de 4500 veículos, hoje tá já faixa de 15000 veículos e esse crescimento se deve em boa parte aos assentados que hoje tem poder aquisitivo e conseguiram comprar e o que isso significa? Significa **muito mais oficina mecânica, muito mais emprego** nessas mecânicas, muito mais postos de combustíveis vendendo é, muito mais IPVA, é uma das fontes de arrecadação do município é o IPVA e assim vai, assim segue em todas as áreas né. **O comércio hoje seguramente mais, em torno de 30% das vendas do comércio em geral é pros assentados e isso fez com que aumentasse né o volume de, o volume de vendas**, e precisa de mão de obra, precisa gerar mais emprego, é uma corrente né, então material de construção é a mesma coisa né só em casas foram em torno de**, é, em torno aí de 20 milhões de reais em construção de moradia mais 20 milhões em investimentos**, que boa parte disso também é material de construção, **imagine quanto isso girou né, nas lojas de materiais de construção da cidade, mas isso infelizmente hoje não é reconhecido porque a imprensa tem se dedicado a desinformar né,** a mostrar, dar a

[141] CESAR, Ademir. op. cit. p. 75.

> impressão que a cidade é totalmente dependente de uma empresa né, que é a empresa Araupel, e nós sabemos que a realidade né, da empresa Araupel o único recurso que fica no município é a folha de pagamento, que é o dinheiro que o funcionário ganha e ele vem gastar no comércio, o restante nada é aplicado aqui né, nada fica na cidade. [142]

As conquistas dessa brava gente contribuem com o município de Quedas do Iguaçu por meio do crescimento econômico, da maior arrecadação de impostos, do aumento do número de empregos, da diversidade de produção, dentre outros; e nos níveis estadual/federal em políticas públicas e reforma agrária, conquistas que têm conferido melhores condições de vida a milhares de camponeses.

Essas transformações ocorreram a partir das práticas de luta, de formação; práticas que se consolidam através das experiências vividas, da consciência de classe, da percepção de um inimigo comum, o latifúndio, e das memórias dessas vivências.

3.2 Práticas e costumes na formação dos Sem Terra: agroecologia e acampamento do MST em Quedas do Iguaçu

Os costumes do campo diferem-se dos da cidade, ocasionando desse encontro choques, confrontos, estranhamentos e também circularidade cultural. Os valores do campo foram suprimidos pós Revolução Industrial em prol dos costumes da cidade, da indústria urbana. A relação com o tempo, com a terra e com os animais alteraram-se de forma acelerada e ocasionaram resistências pelo desrespeito aos antigos costumes.[143]

No caso do MST, a inserção da mecanização do campo, as novas divisões do trabalho a nível global e o latifúndio monocultor com ampla utilização de agrotóxicos são alguns dos fatores que alteraram o modo como os camponeses organizavam a vida, o trabalho, o modo como viviam, seus costumes e práticas.

---

[142] LIMA, Claudemir Torrente. op. cit. p. 59.

[143] THOMPSON, Edward, P. **As peculiaridades dos ingleses**. In.: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998. v. 1. (Coleção Textos Didáticos)

> Normalmente quando se fala em modernização da agricultura pensa-se apenas nas modificações ocorridas na base técnica de produção, na substituição das técnicas agrícolas substituídas por técnicas 'modernas' [...] Modernização, porém, significa mais que isso. Ao mesmo tempo que vai ocorrendo aquele processo técnico da agricultura, vai se modificando também a organização da produção, que diz respeito às relações sociais (e não técnicas) de produção.[144]

A cultura camponesa, expressa nos costumes Sem Terra, é resistente em relação a essas novas relações tanto sociais quanto de produção, pois oferece resistência à hegemonização, opõe-se ao modelo industrial aplicado ao campo, com predomínio de latifúndios, mecanização e monocultura e possibilita a manutenção da agricultura familiar e da produção orgânica. Dessa forma, a produção orgânica,[145] agroecológica e familiar pode ser entendida como defesa de outra maneira de plantar, onde os costumes dos camponeses sejam respeitados.

> Para Assis e Romeiro (2002), a agricultura orgânica e a agroecologia não devem ser tomadas como termos sinônimos, isso porque a agroecologia é uma ciência com limites teóricos bem definidos. Uma ciência que procura inter-relacionar os conhecimentos de outras áreas com o objetivo de propor um encaminhamento para a agricultura que respeite os condicionantes ambientais a esta atividade econômica. Já a agricultura concerne a uma prática agrícola. Assim, a agricultura orgânica, como prática agrícola, não deve ser confundida com a agroecologia.[146]

A produção orgânica é uma prática presente nos acampamentos Sem Terra, respaldada pelos conhecimentos herdados e baseia-se em princípios agroecológicos. Nesse processo, ambos (assentados e ciência agroecológica) se encontram em oposição a inserção de um plano produtivo hegemônico desenvolvido por governos, bancos, latifundiários, industriais, capitalista nível *hard* em geral em

---

[144] NETO, Graziano, F. **A Questão Agrária e Ecologia: crítica da moderna agricultura**. São Paulo, Brasiliense, 1982, p.26.

[145] Darolt (2010) aponta que, na Europa, desde o final do século XIX, existia um movimento a favor da produção de alimentos que fosse mais natural. Esse movimento contestava o desenvolvimento industrial e urbano que havia na época. In: SANTOS, Felipe, B. **Agricultura orgânica como alternativa para a agricultura familiar e como parte de uma política de desenvolvimento sustentável no Ceará**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Pró – Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Mestrado em Logística e Pesquisa Operacional, Fortaleza, 2012

[146] Ibidem, p. 72

prol dessa aceleração, ideologicamente[147] conhecida como Revolução Verde, que priorizam a quantidade de produção e o lucro e não a preservação da natureza, da produção orgânica e da agricultura familiar.

Como a agroecologia é uma área de conhecimento voltada para oferecer alternativas viáveis e menos agressivas ao meio ambiente, e em práticas como a produção orgânica, se inter-relaciona com costumes camponeses, práticas existentes há longo período e que garantiam a manutenção da produção familiar.

> A modernização da agricultura privilegiou somente o aumento de produtividade agrícola como parâmetro para avaliar sua eficiência, desconsiderando o agricultor e o meio ambiente como partes do mesmo processo de desenvolvimento, gerando diversos problemas sociais e ambientais. Como contraponto surgiram movimentos de agricultura alternativos ao atualmente predominante, baseados em princípios agroecológicos, e caracterizados por diferentes correntes.[148]

Stédile compara a agricultura familiar ao agronegócio, pontuando as diferenças e analisando a perspectiva Sem Terra de produção:

> O agronegócio e a agricultura familiar são incompatíveis, enquanto proposta de formas de você organizar a produção de alimentos. Eles são incompatíveis, porque o agronegócio defende o monocultivo, nós a policultura. Eles usam venenos, cada vez mais, nós defendemos a agroecologia. Eles usam máquina, nós queremos usar pequenas máquinas e fixar a mão-de-obra no campo. Eles praticam técnicas agressoras do meio ambiente, nós defendemos técnicas em equilíbrio com o meio ambiente.

---

[147] "O conteúdo ideológico da modernização da agricultura, segundo Almeida (1997b, p. 39), incorpora quatro elementos ou noções: [...] (a) a noção de crescimento (ou de fim da estagnação e do atraso), ou seja, a idéia de desenvolvimento econômico e político; (b) a noção de abertura (ou do fim da autonomia) técnica, econômica e cultural, com o conseqüente aumento da heteronomia; (c) a noção de especialização (ou do fim da polivalência), associada ao triplo movimento de especialização da produção, da dependência à montante e à jusante da produção agrícola e a inter-relação com a sociedade global; e (d) o aparecimento de um tipo de agricultor, individualista, competitivo e questionando a concepção orgânica de vida social da mentalidade tradicional. A expansão da agricultura "moderna" ocorre concomitante a constituição do complexo agroindustrial, modernizando a base técnica dos meios de produção, alterando as formas de produção agrícola e gerando efeitos sobre o meio ambiente. As transformações no campo ocorrem, porém, heterogeneamente, pois as políticas de desenvolvimento rural, inspiradas na "modernização da agricultura", são eivadas de desigualdades e privilégios". BALSAN; Rosane. **Impactos Decorrentes da Modernização da Agricultura Brasileira**. Campo - Território: revista de geografia agrária, v. 1, n. 2, p. 123-151. 2006, p.125.

[148] ASSIS, Renato Unhares de. **Agroecologia no Brasil:** análise do processo de difusão e perspectivas. Campinas, SP: 2002, p.19.

> Eles querem lucro, nós queremos produzir alimentos saudáveis. Eles querem produzir commodities para entregar para as empresas transnacionais exportarem, nós queremos priorizar cooperativas, a Conab e o mercado interno. Eles concentram a renda. Nós distribuímos entre todos pequenos agricultores. Os proprietários do agronegócio moram na cidade, longe do campo. Os camponeses moram em cima de sua terra. Essa é a incompatibilidade de projetos de sociedade.[149]

Nessa análise aparecem as divergências entre os modelos de produção, e fica explícito o posicionamento do MST, em defesa da agricultura familiar, da agroecologia e da produção direcionada ao mercado interno.

A proposta agroecológica aparece como pauta do MST em Quedas do Iguaçu, na fala do Milton:

> Nós tivemos, tivemos formação pra agroecologia, né, nós é, vem pessoas de fora, trabalharam com a gente, mas, e tudo se tornou muito lindo, muito belo, até porque, eu até escolhi essa área, porque eu fui assentado em um lote participantes dos orgânicos né, eu sou já do lado dos orgânicos né.[150]

Em Quedas do Iguaçu, por ocasião do Assentamento, na hora de decidir o modelo a seguir na produção agrícola, algumas famílias optaram pela produção agroecológica[151] e tiveram uma série de dificuldades, como nos aponta o testemunho do Milton:

> (...) só que dentro de uma teoria é muito fácil, mas quando você parte para as práticas teria que ter um apoio, um apoio pra essas, não só em formação de teoria, mas em práticas, em práticas, apoio financeiros, eu, eu peguei nos orgânicos, eu plantei, eu plantei milho, eu não passei veneno, eu fiz na enxada, eu e minhas crianças nós fizemos na enxada, nós trabalhamos na enxada, quando fui vender na cooperativa os grãos era o mesmo preço do convencional né, era o mesmo preço do convencional, aí falei com o cara da cooperativa, inclusive e falei mas vem cá isso aqui é grão orgânico nós não passamos veneno e ele falou, ah, então você devia vender até mais barato porque vocês não tiveram tanta despesas. Então não vem uma formação agroecológica entendeu, a sociedade tem que aprender a recepcionar também o esforço do agricultor, então tem que ter o que, tem que ter um apoio, um apoio, tem que ter uma formação, tem que ter um

[149] STÉDILE (2011, online) in: SANTOS, Felipe Bezerra dos. **Agricultura orgânica como alternativa para a agricultura familiar e como parte de uma política de desenvolvimento sustentável no Ceará**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Pró – Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Mestrado em Logística e Pesquisa Operacional, Fortaleza, 2012

[150] SILVA, Milton Rocha da. op. cit. p. 42.

[151] No Acampamento Maria Rosa do Contestado em Castro- PR, do qual faço parte, a opção dos acampados foi de produção agroecológica.

> apoio, a população tem que vê esses produtos com um produto sacrificado, porque sacrifica o agricultor né, porque é muito simples passar veneno, você consegue é fazer um montante e a agroecologia, os orgânicos, você já não consegue aquela quantidade, você consegue a qualidade, a qualidade mas não a quantidade, enquanto não existir a formação do povo agricultor, enquanto não existir os investimentos nessas áreas e principalmente assim que a sociedade saiba valorizar o esforço do agricultor a gente vai ter dificuldade em crescimento orgânico, agroecológico né, porque, porque são produtos muito bons pra sociedade, todo mundo quer viver mais, todo mundo quer saúde mas pagar o preço pro agricultor é muito pouco.[152]

Mesmo tendo conhecimento de que a agroecologia produz um alimento melhor, os agricultores encontram limites práticos para a produção. Muitas vezes o produto não é valorizado, necessita de maiores cuidados e a produção é menor. Milton aponta ainda a necessidade de se formar um número mais significativo de agricultores na agroecologia, da sociedade valorizar esse trabalho e de investimentos nesse sentido. E devido à desvalorização do plantio agroecológico, lhe foi inviabilizado a continuidade desse plantio. Não apenas para ele. O assentamento tem atualmente um número insignificante de produção agroecológica. Embora existam entraves a essa produção, o princípio da agricultura orgânica condiz mais com as práticas da agricultura familiar:

> Corrente mais difundida, a agricultura orgânica é uma prática agrícola, e como tal construída socialmente. Verifica-se que o custo de conversão para a agricultura orgânica mantém relação inversa com o padrão inicial de produtividade, e que práticas agroecológicas são intensivas em mão-de-obra e favorecem a redução do risco financeiro da produção familiar, indicando maior adequação de sua difusão junto a este tipo de agricultor.[153]

Em “Costumes em Comum”,[154] Thompson aponta que os costumes, a legislação e os direitos comuns baseiam-se na jurisprudência, no costume sobre a letra. O costume oferece respaldo de significado ao ser entendido como defesa de um determinado padrão criado socialmente, legitimado no histórico de sua funcionalidade. Assim o costume só existe com um corpo de referências, que

---

[152] SILVA, Milton Rocha da. op. cit. p.42.
[153] ASSIS, op. cit., p.20
[154] THOMPSON, Edward. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras,1998.

identifica, justifica, se transmite à pessoa, no qual a pessoa sente representada suas crenças e identidade.

Alterações na relação com o tempo advindas do modelo industrial (não mais da natureza e sim do relógio), a disciplina do trabalho, o modo de produção agroindustrial desenvolveram um padrão hegemônico cultural que entra em disputa com os valores e costumes do campo.

Com o advento da Revolução Verde,[155] na década de 1970, no Brasil, grande parte do campesinato que prestava serviço na condição de "boia fria" foi destituída dessa função. Não é de se estranhar que concomitante a esse processo ganhava força a luta pela terra e os movimentos com essa bandeira.

O costume não é estático, é um campo de disputa, de mudança – codificado ou não, mantém-se continuamente em fluxo. A prática de acampar, de plantar, a mística, a agroecologia[156] e a medicina natural são passadas entre as gerações no campo, entre os camponeses, e, nesse sentido, representam a sobrevivência do costume. Essas permanências são reavivadas através das Jornadas, Cartilhas, Cursos e ações práticas produzidas pelos Sem Terra.

3.3 O MST e a Luta por Educação do/no Campo[157]

[155] "A partir de meados da década de 1960, vários países latino-americanos engajaram-se na chamada "Revolução Verde", fundada basicamente em princípios de aumento da produtividade através do uso intensivo de insumos químicos, de variedades de alto rendimento melhoradas geneticamente, da irrigação e da mecanização, criando a ideia que passou a ser conhecida". In: BALSAN, Rosane. **Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira.** Campo-Território: Revista de Geografia Agrária,2006. p.149

[156] A mística e agroecologia são conceitos atuais, destacamos que o camponês detém ou deteve secularmente conhecimentos relacionados tais como: não utilizar agrotóxico, plantar diversas culturas, fazer músicas e festas homenageando a colheita. Mesmo que o MST tenha 33 anos, as práticas camponesas fazem parte da cultura de seus integrantes e datam períodos anteriores.

[157] A inserção desse subtítulo explica-se a partir do vínculo estabelecido com o MST, que resultou no interesse pelo tema desta pesquisa, ter se originado do trabalho realizado no Colégio Estadual do Campo Chico Mendes, no Assentamento Celso Furtado, em Quedas do Iguaçu. As discussões sobre a educação têm um aprofundamento de informações e o histórico de sua construção pois é compreendida no MST como formadora, emancipadora e é produzida de forma autêntica. O que se traduz em ganhos concretos, tanto pedagógicos como em políticas públicas, sendo, portanto, constituinte de importante base formativa e consequentemente identitária dentro do MST, recorrente nas entrevistas, nas memórias e nas lutas.

Em relação à particularidade da demanda educacional do campo brasileiro destaca-se a importância da edificação de uma educação oposta ao modelo rural. Para diferenciar os conceitos de rural e campo, Pinheiro (2008)[158] afirma que é necessário considerar que a expressão “educação rural” está relacionada a uma postura de concepção positivista, mercadológica, competitiva, capitalista, na qual a política de educação direciona para uma formação pragmática, a qual instrui o indivíduo para desenvolver atividades no mundo do trabalho. Transforma a força de trabalho humana em objeto, coisa, mercadoria. É a "coisificação" e desumanização do sujeito.

A expressão educação rural foi empregada durante governo Vargas para delimitar tanto o espaço urbano como o rural e definir políticas públicas de ação para esses espaços geográficos específicos. No entanto, as práticas educativas implementadas para ambas as situações se constituíam em um único paradigma: o urbano.

Em termos educacionais, a Constituição de 1967 e a Emenda Constitucional de 1969 afirmam a obrigatoriedade das empresas agrícolas e industriais com o ensino primário gratuito para empregados e seus filhos menores de 14 anos. Isso explica porque no Brasil, até a década de 1970, a educação para o meio rural esteve sob o gerenciamento das iniciativas privadas.[159] Seguindo essa lógica, aponta-se que ao rural delegaram-se políticas compensatórias e paliativas, nas quais projetos econômicos e políticos da cultura capitalista se instauraram, demarcando o território do agronegócio, das empresas exploradoras de madeira, minério, entre outros.

Na história da política educacional brasileira, a atenção por parte do Estado com as populações e as escolas do campo inicia-se a partir do final da década 1980, mormente com a aprovação da Constituição de 1988, que teve como foco a educação como direito de todos.

No decorrer da década 1990, as manifestações por uma política educacional no campo adquiriram um significado maior. Os sujeitos sociais do campo,

---

[158] PINHEIRO, M. D. S. D. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira.** UFPA, 2008. In: www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/289.pdf.
[159] Ibidem.

pertencentes aos movimentos sociais populares, demarcaram sua atuação política em espaços públicos na luta pela educação.

No final dos anos de 1990, os sujeitos sociais do campo, em específico o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, intervieram e concretizaram a organização e a construção de processos educativos, entendidos como as práticas educativas, a formação política e a educação escolar. Com o acúmulo de experiência proporcionada por esses processos, transcorreram-se e ampliaram-se a luta e a conquista por políticas públicas de educação.

Diversos autores como Roseli Caldart,[160] Miguel Arroyo e Bernardo Mançano Fernandes,[161] Mônica Molina,[162] entre outros, percebem o I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), realizado no Distrito Federal em julho de 1997, como sendo um dos marcos iniciais da organização das discussões em âmbito nacional para uma Educação do Campo. Participaram do I ENERA representantes de instituições como a Universidade de Brasília, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

As discussões sobre o processo educacional nos assentamentos com a participação de representantes de Universidades contribuíram para criação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, efetivado por meio da Portaria Nº. 10/98 no dia 16 de abril de 1998, pelo Ministério Extraordinário de Política Fundiária. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) definiu a missão do PRONERA como a ampliação dos níveis de escolarização formal dos trabalhadores rurais assentados, devendo atuar como instrumento de democratização do conhecimento no campo, ao propor e apoiar projetos de educação que utilizam metodologias voltadas ao desenvolvimento das áreas de reforma agrária.

---

[160] CALDART, op. cit. p. 22..

[161] ARROYO, M. G. e B. M. FERNANDES. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999.

[162] MOLINA, M. C. **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

Este movimento deve ser analisado a partir de suas relações com os movimentos políticos. Ao perceber entre o Estado e o MST uma ligação efetivada na política social, entende-se que além de ganhos e avanços para os movimentos sociais, isto representa que as políticas sociais servem ideologicamente para amparar e minimizar o papel do Estado em relação à equidade social. Mesmo sem sair do papel, ou seja, sem ter sido realmente aplicada, a aprovação da política social representa que o Estado negocia e está cumprindo sua função social.

No estudo de Faleiros[163] encontram-se definições e considerações necessárias a respeito da constituição, dos objetivos e do papel de reprodução e manutenção ideológica que as políticas sociais proporcionam. Não se deve, no entanto, considerá-las apenas como uma distorção, ou mais uma estratégia do capital, sem levar-se em conta que a própria realidade e as lutas sociais impõem limites e demandam conquistas.

Ao pensar-se em políticas sociais, a exemplo o Assentamento, deve-se ressaltar que estas "(...) *constituem campos de tensão seja na sua formulação, onde se embatem projetos de concepção e objetivos distintos, seja na sua implementação. Não pensemos que a formulação de uma política social determinada esgote a sua tencionalidade*".[164]

Assim o Estado mantém a ordem social através da concessão, da manipulação de um pacto social que seja aceito. Porém, nesse mesmo movimento, de conflito social, têm-se as conquistas por parte dos Sem Terra que passam a construir uma memória de emancipação baseadas na luta social.

> A reorganização das forças sociais, as mudanças na política internacional, as conquistas internacionais dos trabalhadores, as condições internas dos capitalistas, as contradições internacionais, modificam a correlação de forças e as conjunturas para transformação e implantação das políticas

[163] FALEIROS, Vicente de Paula. **A política social do Estado capitalista: as funções da previdência e da assistência social**. São Paulo: Cortez, 1980.

[164] NETO, Luis Bezerra. **Sem terra aprende e ensina: um estudo sobre as práticas educativas e formativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST - 1979-1998.** Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1998, p. 72. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000135391.

> sociais. Estas não são estáticas, mas tática e estrategicamente utilizadas na dinâmica dos conflitos sociais.[165]

Dentre as lutas sociais e as conquistas advindas dessas lutas, destaca-se a luta pela Educação do Campo, que começou a delinear-se, vindo a favorecer o desencadeamento de diversas conferências tanto estaduais quanto nacionais, a partir da década de 1990. Segundo Vendramini, a Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em 1998, impôs uma nova análise sobre a visão da Educação do Campo: "*não mais educação rural ou educação para o meio rural, ao reafirmar a legitimidade da luta por políticas públicas específicas e por um projeto educativo próprio*".[166]

O ano de 1998 se constitui então como marco histórico, pois definiu um novo jeito de lutar e pensar a educação para a população brasileira que produz a vida no campo. Conforme Caldart,[167] o debate e a mobilização popular passam a dar/conferir uma materialidade ao conceito de Educação do Campo. O sujeito social inserido neste processo "(...) reafirma que o campo é espaço de vida digna e que é legítima a luta por políticas públicas específicas e por um projeto educativo próprio para seus sujeitos".[168]

Em termos de avanços na direção de se construir políticas públicas específicas para os povos do campo, ocorreu a formulação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Parecer n. 36/2001 e Resolução n. 1/2002 do Conselho Nacional de Educação). De acordo com Vendramini, é a partir das diretrizes que é definida a identidade da escola do campo, isto é,

> (...) pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no País. (Diretrizes operacionais para a educação básica do campo, 2002, p. 37). Neste sentido, em 2003, o Ministério da Educação instituiu um Grupo

[165] FALEIROS, op. cit., p. 85.
[166] VENDRAMINI, C. R. **Educação e trabalho: reflexões em torno dos Movimentos sociais do campo**.UFSC: Caderno Cedes 27, 2007 p.123.
[167] CALDART, op. cit. p. 22.
[168] Ibidem, p.15.

> Permanente de Trabalho Educação do Campo e, no ano seguinte, criou-se a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), contemplando em sua estrutura a Coordenação Geral de Educação do Campo.[169]

Devido aos embates decorridos das Diretrizes, houve a construção de uma política para a Educação do Campo que levou à aprovação do decreto Nº 7.352, de 04 de novembro de 2010, que se refere à política de Educação do Campo, assinado pelo então presidente da República Luís Inácio Lula Da Silva. Esse decreto é direcionado à população que reside no campo. Estão compreendidos no documento os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do seu trabalho no meio rural.

Ainda nesse decreto, tem-se a legitimação da Política de Educação do Campo que por meio das definições “população do campo” e “escola do campo” amplia a discussão e as potencialidades de sua implementação. Nele concretizam-se oficialmente a relação entre trabalho e educação, pois o trabalho no campo é uma das condicionantes para se utilizar a nomenclatura de escola do campo.

Nos termos do decreto delega-se ao governo federal a responsabilidade de criar e implementar mecanismos que assegurem a manutenção e o desenvolvimento da educação na área rural, a fim de superar a defasagem histórica de acesso à uma escola representativa do campo. Da perspectiva das populações do campo, trata-se de contrapor ao modelo ruralista e empresarial e atender à singularidade de cada população. Portanto, compreendemos a Educação do Campo como política pública construída, como sendo uma resposta à divisão social do trabalho em nível nacional (latifúndio) e internacional (agro exportação). Entender a educação do campo como uma política de Estado não a desvincula de sua origem no movimento social e, no limite, na luta de classes. De acordo com Vendramini,

> Consideramos que a educação do campo é uma abstração se não for considerada no contexto em que é desenvolvida, nas relações que a

[169] VENDRAMINI, op, cit. p.124.

> suportam e, especialmente, se não for compreendida no âmbito da luta de classes, que se expressa no campo e na cidade.[170]

Sobre essas proposições, Caldart[171] ao estudar a tríade política pública/campo/educação, a partir dos seus vínculos sociais de origem, percebe que isso implica na formação dos trabalhadores para lutas anticapitalistas, necessárias à sua própria sobrevivência, tanto na qualidade de classe, mas também como humanidade. A formação que inclui a afirmação de novos protagonistas para pensar/construir essa política implica considerar os próprios trabalhadores do campo como sujeitos construtores de seu projeto de formação.

Percebe-se, portanto, que a política para a Educação do Campo é o resultado da luta dos sujeitos históricos do campo. Compreende-se ainda que existem limites para a concretização dessas políticas, as quais nem sempre são convergentes com a lógica da estrutura do modo de produção vigente nessa circunstância histórica.

Na medida em que se estrutura e se constrói esse processo da política de educação do campo, no campo mesmo, é que veio a ser instituída pelo MST a Escola Itinerante que se contrapõe ao material, a ideologia e espacialmente os referenciais educacionais vinculados ao método tradicional, formal e urbano.

O MST em si é produtor de uma consciência social que, ao interrogar as estruturas sociais, também interroga a estrutura escolar, lugar por excelência de formação da cidadania. A educação formal, dada em escolas públicas, apresenta uma concepção pedagógica que não prioriza a igualdade social, a coletividade, a cooperação e o histórico de luta dos movimentos sociais. Prioriza uma educação voltada para o trabalho, em que o modelo tecnicista ainda é dominante.

> Educação do Campo vem se consolidando como uma categoria, ou, como apontam os documentos educacionais, uma modalidade educativa no interior do sistema. É mais apropriado falar em categoria, pois o conteúdo, o

[170] VENDRAMINI, C. R. **A Educação do Campo na Perspectiva do Materialismo Histórico Dialético.** Conferência proferida no II Encontro Nacional de Pesquisa em Educação do Campo. Brasília, 2008. P. 4-5.

[171] CALDART, R. S. **Sobre Educação do Campo**. III Seminário Nacional do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), Luziânia: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2007.

> significado e o movimento que a envolve produz novas práticas e compreensões sobre um determinado fenômeno educativo no Brasil.[172]

Na trajetória de luta por uma educação do campo surgem práticas escolares alternativas ao sistema de ensino oficial. Entre essas práticas situa-se a Escola Itinerante do MST. A Escola Itinerante nasce diante da necessidade das comunidades acampadas em garantir a educação para os sujeitos e seus filhos, e que, com muita força e mobilização, conquistam seu reconhecimento e se legitimam perante o Estado e a sociedade em que estão inseridas.

A Escola Itinerante do MST configura-se pelo movimento dos sujeitos sociais que integram o acampamento. Não é apenas estrutura física de paredes de lona, essa escola se estrutura sobre a luta e a força dos acampados que defendem uma educação efetivamente própria a sua realidade. De acordo com Weschenfelder e Tavares,

> Em sua luta pela vida, a escola ainda ocupa uma centralidade, pois as camadas populares, sejam do campo ou da cidade, reconhecem os nichos de possibilidades que a experiência coletiva da escola pode propiciar.[173]

Por isso, em 1988, o MST estabeleceu um Setor específico para discutir e repensar os desafios ligados ao direito à educação dos Sem Terra. Esse setor foi criado por ocasião de uma reestruturação interna dos setores do movimento[174]. Apenas três anos após a sua constituição, o movimento já estava organizado, devido à demanda dos acampamentos, para se pensar/construir uma escola. A escola de acampamento concretiza a luta travada pelas famílias militantes que incluem em seus projetos o direito à educação.

---

[172] MARTINS, Fernando, J. **Educação do Campo: processo de ocupação social e escolar**. In: II Congresso Internacional de Pedagogia Social, São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008.p.3 Disponívelem:<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092008000100006&lng=en&nrm=abn>. Acessado em: 23 /05/ 2011.

[173] TAVARES, M. T. G. WESCHENFELDER, N. V. **Educação Popular na Escola Pública:** Uma Utopia Ainda Necessária. ANPED, 2005. p.6 Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/28/textos/.../maria_tereza_tavares.rtf

[174] MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Escola Itinerante em acampamentos do MST. In: _____. **Caderno de Educação**. Nº. 13 – Edição Especial: Dossiê MST Escola: Documentos e Estudos 1990-2001. São Paulo: Expressão Popular, 2005. P. 16

Nos anos de 1989 e 1990, o setor de educação do MST priorizou a habilitação de professores que atuavam em escolas no campo. Em 1991 e 1992, evidenciou-se a campanha de alfabetização de adultos e implantou-se o curso supletivo de 1º grau, com ênfase na formação agropecuária, contemplando jovens que trabalham nas cooperativas dos assentamentos. Em 1993, deu-se início à formação de professores em oficinas de capacitação pedagógica.[175]

Percebe-se nesses dados a clara e constante preocupação do MST com a educação, porém, não com qualquer modelo de educação, mas sim uma que se desenha para povos do campo em suas necessidades primárias, que se posiciona a partir da demanda de conhecimento agrário.

3.3.1 Escola Itinerante

O processo que desencadeou a possibilidade de um movimento social efetivar uma escola, gerida e gestada por eles, inova no sentido de construir uma escola que represente os trabalhadores do campo e suas vivências, além, obviamente, do importante papel político que a Escola Itinerante desempenha na vida dos acampados, pois sua construção é o resultado da luta efetivada por eles.

Mediante tais proposições, a Escola Itinerante serve de experimento ao pensar-se em uma educação, em termos de Brasil, desvinculada da ideologia neoliberal. Conjectura-se que as discussões e planejamentos pedagógicos desenvolvidos por diversos pesquisadores, a partir das experiências e dos enfrentamentos dos Sem-Terra, têm proporcionado o diálogo entre teoria e prática, o que intensifica o processo de desvinculação.

Com base em nos estudos desenvolvidos por Isabela Camini (2009)[176], fica evidente que a diferença fundante em relação às escolas tradicionais é exatamente

[175] NETO, Luis Bezerra. **Sem terra Aprende e Ensina:** um estudo sobre as práticas educativas e formativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST - 1979-1998. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1998. Disponível:http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000135391

[176] CAMINI, Isabela. **Escola Itinerante:** na fronteira de uma nova escola. São Paulo: Expressão

o fato desta escola ser itinerante. Isso significa que a Escola Itinerante vai ao encontro do povo, se desloca e acompanha a luta, pode estar dentro de um acampamento ou na beira da estrada ou, ainda, em diversos lugares.

A Escola Itinerante surgiu em 1982, no Rio Grande do Sul, no acampamento denominado “Nova Ronda Alta Rumo a Terra Prometida”, localizado no município de Ronda Alta. A iniciativa partiu de duas professoras que, visando atender a demanda de 180 crianças em idade escolar, engajaram-se em conversas e audiências com a Secretaria de Educação, vindo a ser autorizada e construída a escola. Em muitos casos, as crianças não eram matriculadas em escolas urbanas em razão da distância, das péssimas condições de transporte e, em alguns casos, até mesmo por sofrerem preconceito e criminalização. É por isso que se deve garantir a afirmação da prática pedagógica da Escola Itinerante, pois ela é produto das necessidades dos povos do campo, além de a educação ser um direito constitucional a todos os brasileiros.

Caldart[177] destaca cinco fatores do processo de ocupação da escola, são estes: o contexto de precarização educacional brasileiro, a preocupação das famílias com estudo dos filhos, a iniciativa de educar de mães e professoras, o caráter massivo e popular da prática educacional e a própria organicidade do MST que defende a educação como etapa fundamental da emancipação do sem-terra.

Na Escola Itinerante Chico Mendes, esses fatores foram identificados, pois mães e professoras do MST iniciaram aulas diante da apreensão das famílias quanto à continuidade do ensino. Outro aspecto importante que vale retomar é que a educação é entendida como prioritária na formação e organicidade do MST.

> Por que surgiu a escola itinerante? Simplesmente por necessidade, porque na cidade, onde a gente não é reconhecido como cidadão quedense, então os jovens que iam pra cidade, **eles eram discriminados**, essa é a verdade, então surgiu essa necessidade de ter a escola itinerante, a escola dentro do próprio acampamento**, a primeira escola itinerante do Paraná**, em estágio de aprovação. Então, a gente passou por esse processo, depois fomos **educadores** de escola itinerante durante três anos, né. Quando surgiu a oportunidade de ser **coordenador da escola logo após assentamento,**

Popular, 2009.
[177] CALDART, op. cit. p. 22.

> **todos pelos pais, nunca fui indicado político, nada, nunca tive essa função de indicado político.**[178]

A fala de Ademir remete à discriminação a qual as crianças Sem Terra eram expostas na cidade, além do orgulho dele ao referir-se à obtenção de seu cargo de coordenador na escola por indicação dos pais dos estudantes e não por indicação política.

No Colégio Estadual do Campo Chico Mendes, localizado no Assentamento Celso Furtado, escutavam-se algumas falas nesse sentido: “que crianças sujas”, “olhe os calçados, pura terra”, “e os materiais? ”, “e aquelas sacolas? ”, “por que descem correndo desesperados do ônibus? ” E assim por diante. Os que discriminam, separam as práticas culturais de seu contexto e não compreendem os costumes pois desconsideram a vida diária no campo, a poeira, a inadequação do transporte e das estradas (ônibus em péssimo estado e estrada de chão, quando mais cascalhada) e, ainda, desconhecendo que vários desses estudantes vinham com uma roupa e traziam os uniformes em sacolas para se trocarem no colégio e por esse motivo desciam rapidamente do transporte procurando banheiros para higienização e a troca da roupa.

No MST uma grande bandeira é a educação, justamente por esse histórico de analfabetismo e de abandono da escola. Muitos Sem Terra não concluíram seus estudos e ainda se sentem inferiorizados em turmas normatizadas do Estado, onde são alvos do desconhecimento de seus costumes e consequente estigmatização. Ao longo dessas décadas o MST desenvolveu a Escola Itinerante, que foi pivô de conquistas como a política pública da Educação do Campo, da abertura da Universidade a demanda do campo (como os programas de alternância), dentre outros. Essas conquistas memoriam as práticas formadoras da identidade e possibilitam aos Sem Terra a continuidade dos estudos e a compreensão das conquistas advindas da militância,

> Onde abriu minhas oportunidades de sair fazer curso pra fora, e aonde **que eu comecei a estudar novamente, retornei os estudos, que era o que eu tinha planejado, voltar a estudar um dia. Mas isso já havia passado**

[178] CESAR, Ademir. op. cit. p. 74.

> **alguns anos no acampamento, 2004 ainda que eu fui voltar, retornar o estudo.** Daí comecei a estudar novamente e dentro do **acampamento aprendemos muito com essa questão da militância, da pertença ao movimento Sem Terra, não como a pessoa que não tem nada, não tem terra, e sim, uma pertença, identidade, de uma pessoa que se sente parte daquela organização, porque você vai aprender a lutar pelo direito das pessoas que necessitam, né**. Então, depois que você tem **esse espírito de militância**, você não consegue mais ver a elite como algo bom, pra pobreza, você consegue ver aquilo como o risco a pobreza, porque eles só vão existir se tiver a pobreza ali. Então você vai **começar a pensar mais nos pobres**, temos que chegar lá também, não podemos ficar só aqui.[179]

Esse "*espírito da militância*", que surgiu no acampamento e se legitima no pertencimento, no "*ser*" parte da organização, é traduzido em "*começar a pensar nos mais pobres*" e representa aqui a construção da identidade Sem Terra, em sua faceta mais genuína e social. Diante das dificuldades, se firma um compromisso coletivo, nas memórias das conquistas – o empoderamento frente a estigmatização e, então, o projeto social: "*não podemos ficar só aqui*". A partir do retorno ao estudo, das práticas no acampamento Adecir vai aprendendo a "*lutar pelo direito das pessoas que necessitam*".

Parte considerável dos Sem Terra não frequentou a escola no período convencional e desde o começo, em 1984, essa tem sido uma das grandes bandeiras do movimento. Há grande valorização da cultura escrita, seja na academia ou em qualquer meio de comunicação contemporâneo, mas entre os Sem Terra haviam dificuldades na apropriação da escrita (mudanças frequentes, ausência de escolas) e predominava a oralidade. Esse costume se representa nas músicas, cantos, discursos e uma série de tradições orais que permanecem existindo ao lado da escrita que é desenvolvida (maioritariamente) por um coletivo.

Com uma variedade de construções práticas, a escrita passou a ser coletiva. Quando não é escrita a várias mãos, é inegavelmente ouvida, discutida, pensada por um coletivo. Enquanto lecionei nas escolas do Assentamento, constatei por diversas vezes essa prática. Quando lhes era pedido produção de texto ou que escrevessem algum relato sobre o MST, os estudantes pediam para fazê-lo coletivamente, argumentavam que haviam passado por esse processo juntos e que

[179] SILVA, Adecir Rodrigues. Op. cit. p. 43.

juntos lembrariam mais coisas. Boa parte da literatura Sem Terra é produzida dessa forma.[180]

Outro diferencial que se evidencia em relação à escola pública e a itinerante é que a concepção de educação do MST pauta-se em diversas relações educativas e, ao referir-se aos docentes, utiliza o termo educador, mostrando assim a complexidade da prática educacional do movimento. Essa prática se efetua desde a construção do espaço físico da escola,

> E daí nós chegamos lá no acampamento, então já fomos organizando o barracão, já organizamos o local, lá já era tudo aberto, fomos mais pra frente desmanchemo as casa velha que tinha as madeira muito velha, nós mesmos, educadores, se reunimos com os pais, no chão, e nós mesmos construindo e chovendo, chovendo e nós construindo. Nós conseguimos dividir em quatro, cinco salas, no qual eu era o coordenador dessa escola, né.[181]

Nesse processo, acopladas às experiências e às novas demandas educacionais, delineia-se uma Pedagogia própria, inspirada, crescida e fomentada na luta pela terra. A Pedagogia da terra é o nome do processo educacional formativo que se faz no Movimento Sem Terra.

Para Caldart,[182] podem-se distinguir cinco processos de educação básicos que formam as matrizes pedagógicas do MST, são eles: Pedagogia da luta social; Pedagogia da organização coletiva; Pedagogia da terra; Pedagogia da cultura e Pedagogia da história.

Com a Pedagogia da luta social, os Sem Terra desenvolvem a aprendizagem de lutar para transformar. Com a Pedagogia da organização coletiva, eles entendem o fazer parte de uma coletividade, o que lhes confere força e emancipação na esfera social. A Pedagogia da terra critica a relação terra-homem em uma perspectiva mercadológica e relaciona educação e vida produtiva. A Pedagogia da cultura utiliza das experiências históricas e das práticas do MST para construir um referencial de

---

[180] Quando convidei alguns Sem Terra para a entrevista, vários deles trouxeram outros ou ainda, em entrevista na Praça (centro da cidade), ao passar Sem Terras que estavam desde a ocupação, o entrevistado chamou um companheiro que estava passando e pediu para ele dar-me entrevista.
[181] SILVA, Adecir Rodrigues. Op. cit. p. 43.
[182] CALDART, op. cit. p. 22.

vivências comum ao momento atual. Por fim, a Pedagogia da história que demonstra a continuidade de lutas pela terra ao longo do tempo.

> E as professoras que não estavam ajudando na construção, já iam preparando essa questão mais pedagógica, material pra trabalhar, planejamento. Se dividimos as tarefas e fomos trabalhar, era o nosso jeito de trabalhar mesmo.[183]

As Escolas Itinerantes fazem uso das pedagogias descritas acima e recorrente na entrevista como: dividir em tarefas, ajudar a construir a estrutura e a questão pedagógica, o "jeito" de trabalhar Sem Terra, e tem como missão a produção do conhecimento, tendo suas bases nos processos educacionais desenvolvidos no MST.

> A educação no MST acontece em todas as etapas, desde o recrutamento das famílias, no acampamento e durante a vida no assentamento. Os princípios filosóficos da Educação no MST estão assim constituídos: Educação para a transformação social, educação aberta para o mundo, aberta para o novo, educação para o trabalho e a cooperação, educação voltada para as várias dimensões da pessoa humana e educação como processo permanente de formação/transformação humana.[184]

A educação ocorre em todas as etapas, mas percebe-se diferenças no Acampamento, situação temporária que dura até a expulsão das famílias, no caso de perderem judicialmente, ou até conquistar-se a terra e no assentamento, caso seja reconhecido pelo INCRA como terra para Reforma Agrária.

Com o Assentamento as transformações se intensificam, as famílias vão para seus lotes e a vida passa a se organizar mediante as opções variadas tanto no plantio quanto na associação ou formação de cooperativas. Há mudanças significativas, mas existem permanências em função das práticas desenvolvidas na construção de identidade formada na memória das lutas e conquistas coletivas.

Nesse contexto das memórias coletivas, a escola se torna um espaço privilegiado para se tentar compreender a lógica de organização escolhida pelo grupo, é partir dela que as transformações são problematizadas e as noções de identidade individual e coletiva são trabalhadas e postas em prática. Para pontuar as

---

[183] Ibidem.

[184] MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Escola Itinerante em acampamentos do MST.** In: _____. **Caderno de Educação**. Nº. 13 – Edição Especial: Dossiê MST Escola: Documentos e Estudos 1990-2001. São Paulo: Expressão Popular, 2005, p. 161.

continuidades que o assentamento mantém em relação ao acampamento, parte-se em primeiro lugar da estrutura material e física da escola, onde ainda se percebe uma situação de precariedade com insuficientes, mal iluminadas e pouco arejadas salas de aula, condições existentes durante todo o percurso da itinerância e presente atualmente. Por outro lado, durante a Escola Itinerante não se utilizava ônibus para ir às aulas. Este fato é alterado visto que ao obterem a terra e ao residirem distante do colégio os estudantes dependem do transporte e de estradas que nem sempre existem ou contemplam a demanda. Assim, percebe-se que há demanda de políticas específicas para os moradores, ou ainda trabalhadores do campo que em relação ao urbano/industrial foram marginalizados, donde advém a luta por terra, educação e condições de permanência no campo.

Para Roseli Caldart,[185] ao construírem material e pedagogicamente esta escola os acampados realizaram a prática de educar-se e representar-se nesse espaço que adquire a função de perpetuar as lutas e a memória. Memória da luta por uma escola do campo, da luta por terra, cidadania e dignidade.

Ao propor e implementar a escola dentro dos acampamentos e assentamentos, o MST produz um novo sujeito social e cultural enraizado na história das lutas sociais, amparado pela coletividade do movimento e criador de alternativas educacionais complexas e inovadoras. Complexas porque compreendem a educação de uma forma mais ampla do que só restrita ao saber técnico ou, ainda, não atrelada ao modelo educacional burguês que apenas legitima ideologicamente as relações de dominação e confere à educação caráter de mercadoria. Inovadoras, pois se percebe que as práticas pedagógicas existentes na educação do MST são comuns aos espaços educacionais dos mesmos, enquanto que adquirem caráter de singularidade em relação à sociedade atual.

3.3.2 Momentos da Escola Itinerante Chico Mendes

[185] CALDART, Roseli Salete. **Movimento Sem Terra:** Lições de Pedagogia**.** Currículo sem Fronteiras, v.3; n.1, 2003.

No Acampamento José Abílio, organizado em 2003, próximo ao silo anteriormente usado pela madeireira Araupel, em Quedas do Iguaçu, foi construída a Escola Itinerante Chico Mendes.

No período compreendido de 2003 a 2005 a Escola Itinerante Chico Mendes era de lona preta, com 20 salas de aula sem assoalho, a energia elétrica utilizada era a do antigo silo e para obter água buscava-se em um poço próximo. As crianças estavam acampadas próximas a escola e a frequentavam sem necessidade de transporte escolar.

Imagem 5: Escola Itinerante Chico Mendes - 2003

Fonte: Arquivo do Colégio Estadual Chico Mendes

Ao materializar uma escola e transformá-la em um local de troca e produção

de conhecimento, os Sem Terra percebem a importância de fomentar práticas educativas na atualidade. Nesses primeiros momentos havia aproximadamente 57 educadores e 700 educandos distribuídos em três modalidades de ensino, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos.

Os educadores eram pagos pela SEED-PR (Secretaria Estadual de Educação). Porém, dos 57 que efetivamente trabalhavam, apenas 20 conseguiram contrato, ou seja, o provento era insuficiente e repartido entre todos, o que significava cerca de R$ 150,00 reais para cada educador.

Grande parte destes educadores cursava magistério no município de Quedas de Iguaçu, ou ainda, o curso Pedagogia da Terra – convênio entre o MST e a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

A profundidade das experiências coletivas reflete em novas conquistas, e a mobilidade se traduz na construção de uma nova estrutura material para a escola. Nos anos de 2003 e 2004 a Escola Itinerante Chico Mendes era de lona preta (foto anterior). Vários fatores dessa estrutura física vieram a desencadear a necessidade de uma nova estrutura para a escola, assim em 2004 os acampados construíram salas em madeira em um terreno um pouco abaixo e a uma distância de cerca de 500 metros da escola de lona.

Imagem 6: Escola Itinerante Chico Mendes - 2005

Fonte: Arquivo do Colégio Estadual Chico Mendes

No ano de 2005 a estrutura de madeira já havia substituído completamente a de lona, a razão da transformação foi a demanda crescente de crianças em idade escolar. Esta estrutura permaneceu até meados de 2007.

As condições estruturais se alteraram, mas as salas de aula permaneciam sem iluminação adequada, de chão batido que, por ocasião de chuva, transformava-se num lamaçal e quando havia Sol empoeirava o material escolar e as pessoas.

Em 2007 o Estado assumiu a responsabilidade sobre a escola que passou a ser chamada de Colégio Estadual Chico Mendes. A imagem a seguir revela a estrutura que foi utilizada de então até 2014. À esquerda ensino fundamental, séries finais e ensino médio e à direita as salas do ensino fundamental e séries iniciais. Destaca-se a falta de forro e a insuficiência de iluminação.

Imagem 7: Colégio Estadual Chico Mendes - 2007

Fonte: Arquivo do Colégio Estadual Chico Mendes

Imagem 8: Colégio Estadual Chico Mendes - 2012

Fonte: Arquivo do Colégio Estadual Chico Mendes

No de 2012 houve um edital específico para as escolas do campo, mas vale informar que durante a semana pedagógica, ou na formação continuada realizada pelos núcleos educacionais, não se tem oferecido respaldo a desconstrução da visão do modelo ruralista educacional ou ainda, pouco se tem feito para construir uma nova visão dessas escolas.

Esses momentos de discussão são realizados na cidade e não contam com a participação da comunidade e da historicização da luta por educação de qualidade e específica para o campo.

O exemplo de uma Educação do Campo que represente as pessoas do campo não o entendendo como atrasado deve ocorrer em várias formas: por

intervenções pedagógicas, práticas, técnicas e políticas. É preciso formar, educar os professores e funcionários não apenas cobrar que se formem.

A partir de tais considerações pontua-se que a Educação do Campo é urgente, necessária e é fruto de vitórias, mas também existem necessidades não supridas na sua efetivação.

Ao receber a terra e desenvolver uma escola própria o MST rompe com uma série de determinantes ideológicas e exploratórias. No entanto, o sistema permanece o mesmo e os assentados apresentam maior dificuldade de infraestrutura e defasagens causadas por anos de ausência estatal que não podem ser supridas sem a superação estrutural.

No processo de construção desta dissertação destacam-se algumas considerações relevantes as aprendizagens desenvolvidas durante a pesquisa. A primeira é referente à mudança de compreensão do campo como um lugar que deve ser isolado culturalmente, ou ainda, como atrasado em relação ao ambiente urbano. O campo precisa das mesmas tecnologias e de espaços coletivos para o desenvolvimento da socialização, do contrário tais ausências continuaram dificultando o interesse das pessoas continuarem a viver lá.

A segunda é sobre o MST e a transformação que se efetiva na luta por reforma agrária e soberania popular. Ao realizar tal formação é possível despertar o sentimento de identidade coletiva através da memória e das práticas sociais. Ambas se complementam.

Em terceiro lugar, o destaque conferido à educação demonstra a necessidade da especificidade desses sujeitos que, pela militância vivenciada, adquirem consciência política e força frente os enfrentamentos por eles travados.

Em quarto lugar, considera-se a transformação realizada em Quedas do Iguaçu pelo MST, pois felizmente possibilitaram a visibilidade necessária ao município frente ao governo federal. Assim, conquistaram-se novas escolas, o assentamento e distribuição de terra e verba, assegurou-se a existência de um Instituto Federal que deve estar funcionando daqui a uns dois anos.

Entendemos que tais conquistas não sejam as únicas, pois atualmente cerca

de vinte por cento do município é de famílias Sem Terra, nas eleições de 2008 e 2012 foram eleitos dois vereadores ligados ao movimento, ambos pelo Partido dos Trabalhadores. Na comunidade Margarete foi fundado em 2011 o Partido Comunista do Brasil, que ainda não possuía expressão em Quedas do Iguaçu.

Portanto, as lutas sociais e políticas ganharam força no município, os partidos de esquerda cresceram, ocorreram duas ocupações feitas pelo Movimento Sem Teto na cidade e há outro acampamento atualmente (2017) em Quedas do Iguaçu.

Na luta por terra os militantes do MST venceram e conquistaram melhorias na distribuição de renda e educação e representam a força da organização do coletivo que se expressa na continuidade da luta, na construção de memória e identidade, enfim, em uma transformação social que mesmo com a diminuição das práticas e da organização causadas pelo assentamento continua a ecoar novas lutas e organizações.

Considerações Finais

O recorte temporal que compreende este trabalho representa para mim apreensões e vivências minhas junto ao MST, as quais definiram alterações e construções metodológicas distintas em seu processo. No começo dessa pesquisa, eu me via acolhida pelo materialismo histórico e percebia o MST apenas como “luta de classes”. Ainda que não desconsidere a evidente motriz econômica na expropriação camponesa e a decorrente necessidade da efetivação da reforma agrária no país, entendo agora com mais propriedade que o MST é mais que isso. Ele não se restringe à análise produtiva, pois sua dinâmica interna revela que é também um fenômeno sociocultural.

Quem compõe o MST? Como o movimento consegue transformar camponeses e se transformar no mesmo movimento? Que validade tem as experiências individuais e coletivas para a construção da identidade do grupo? Buscamos então através da metodologia da observação participante, contribuição antropológica, entender um pouco mais o MST.

Tendo crescido em Quedas do Iguaçu, conhecia os vereadores, o dono do jornal, os prefeitos da época estudada, as autoridades citadas, que contribuíram para a estigmatização, além de ter amigos e familiares envolvidos em relações profissionais com a empresa Araupel. Quanto mais desenvolvia vivência junto ao MST e percebia diferenças e singularidades, mas me via no caminho avesso ao dos “estabelecidos”. Do incômodo diante da estigmatização promovida e das vivências desenvolvidas no MST é que se fez essa pesquisa.

O estudo de identidades coloca em cheque e em choque as identidades. Conforme experimentamos a construção nas mesmas formações, atribuímos significados ao conceito da alteridade. E dessa forma, fui construindo o meu pertencimento ao MST. Mas como eu poderia, sem vínculo com o campo? Tendo crescido, estudado e trabalhado sempre na cidade? Porque via as coisas de forma diferente do grupo sociocultural em que crescera?

A resposta a essas questões é a mesma. Estudar, pesquisar, vivenciar o MST não me tornou camponesa, ao mesmo tempo que não posso recorrer aos erros interpretativos de quem não o fez ou que possuam outros interesses, menos antropológicos.

As experiências e as memórias nesse processo de construção são intersubjetivações entre quem pesquisa e o que é pesquisado, ou seja, ao mesmo tempo que para entender a formação da identidade Sem Terra foi necessário a participação de forma tão intensa, a minha experiência lá, fez com que eu me percebesse Sem Terra. Embora não me tenha tornado efetivamente camponesa, o desenvolvimento de práticas e vivências, geram pertencimento, memórias e identidade Sem Terra.

Empresto a frase de Peter Burke: “a função do historiador é lembrar a sociedade o que ela gostaria de esquecer”, para dizer que queriam as autoridades de Quedas e a empresa Araupel esquecer dos homicídios na luta pela terra, queriam esquecer a quem pertencia a terra e estigmatizar quem realmente cumpriu uma função histórica.

Porém os integrantes do MST não deixaram esquecer, através de anos de acampamento, de mobilizações, marchas, através de conquistas para o município, como o assentamento e as conquistas educacionais.

Consideramos que as práticas rememoradas, a experiência histórica em momentos como a ocupação, montagem de barracos, assembleias contribuem de forma incisiva na construção da sua identidade.

Diante das adversidades encontradas, nos momentos mais difíceis, vemos a resistência e a solidariedade empoderando o coletivo. Resistência física: horas de transporte de um acampamento para outro, dias fechando estradas e pedágios, meses e anos de acampamento; resistência psicológica: diante da estigmatização, desenvolvem uma educação própria, com escola, a Pedagogia da Terra dentro do acampamento, informativos e formativos constantes, que explicam desde o histórico de luta pela terra, perpassando modelos de plantio, em destaque o agroecológico, até práticas de autogestão como assembleias e encaminhamentos coletivos.

A solidariedade expressa ao repartir conhecimentos, alimentos, auxílio com afazeres domésticos e de plantio, ao conhecer a situação dos demais acampados, ter empatia pela proximidade em que se vive nos acampamentos, estabelecer escambos dos mais variados e ajudar de diversas formas como no deslocamento para cidade, ligações telefônicas, água, remédio, dentre outras.

Um movimento popular camponês de luta que angaria direitos e conquistas significativas para os mais necessitados socialmente em nosso país, as aprendizagens e as práticas desenvolvidas por eles, se efetivam em tantas esferas constituintes da identidade que formam, num jogo de palavras, um “humano mais humano”. O que vi e aprendi com essas pessoas foi coragem na adversidade, humor e criatividade ao lidar com as necessidades, solidariedade, companheirismo, formação política, educação, empoderamento a partir do coletivo, troca de experiências, experiências coletivas, a resistência, dentre tantas.

Nesses momentos, nasce um compromisso, um pertencimento de cada Sem Terra em relação ao coletivo que ele constrói. Ao referirem-se ao MST, a alusão à *família MST* é constante nas falas. O que torna um sem terra um Sem Terra é o fato de ele pertencer a um coletivo, um coletivo do qual ele faz parte e que faz parte dele.

Ao chegarem em Quedas do Iguaçu os sem terra não eram Sem Terra e a cidade também era outra. As contribuições do assentamento, resultado dos anos de luta debaixo do barraco, se refletem em conquistas variadas, dentre elas destacamos o sentimento de pertencimento e de empoderamento coletivo a partir das práticas; transformação social e humana, seja na confiança e dignidade restauradas pelo respeito e pela solidariedade, seja pela capacidade de produzir alimentos, (tanto para saciar a fome como para garantir as necessidades básicas da existência); conquistas como Educação do Campo e o Instituto Federal com sede no município.

Nesse mesmo processo, o município se transformou, mesmo que a mídia e as autoridades tenham resistido através da estigmatização, houve ganhos representativos para Quedas do Iguaçu. O comércio aumentou, aumentaram o número de escolas e também de prestação de serviços. A desigualdade diminui e práticas de luta por garantias de direitos foram aceitas com o passar dos anos.

Antes, politicamente, a esquerda tinha pouca representatividade, atualmente o MST elegeu vereadores e fundaram-se partidos de esquerda na cidade.

Esse processo não aconteceu de modo linear, embora existam casos louváveis e o MST na minha cidade tenha tido um desenvolvimento com ganhos para o município, houve perdas e traumas que não são apagados das nossas memórias. Histórias de abusos infantis, assassinatos, descaso e abandono de menores são presentes nesse cenário. O coletivo MST é uma força gerada da reunião de um povo pobre e sofrido, e há problemas graves dentro de um acampamento/assentamento como em qualquer lugar. Ainda assim, nos cabe lembrar de alguns Sem Terrinhas que não aproveitaram a conquista da terra, por ter-lhes sido tirada a vida antes.

Quando as famílias estão em um coletivo, temos como ver as crianças diariamente e isso nos oportuniza entender suas dificuldades. Então se há ganhos e conquistas é bom lembrar que não são plenas, continuam morrendo adolescentes e crianças, frutos da miséria e do descaso, é claro que o MST vale a pena, mas há ainda muito a se fazer.

Em 2014 ocorreu uma nova ocupação e acampamento em terras também em posse da Araupel em Quedas do Iguaçu, com isso, reacenderam as chamas do conflito. Em abril de 2016, foram assassinados dois Sem Terras: Vilmar Bordim e Leonir Orback, por policiais militares, em uma área próxima ao acampamento Dom Tomás Balduíno.

Nessa disputa pela terra, nesse estado, tem sido uma prática comum matar Sem Terra. No estado em que surgiu o MST ainda predomina o latifúndio e a bala para defendê-lo, há ainda o desconhecimento e a estigmatização do Movimento.

Se há uma vitória do povo do Paraná é o MST, pois os indivíduos que o integram constroem um modelo de auto-organização, baseado nas próprias pessoas que o constituem e prezam pela equidade social, transformam de forma visível o local em que inserem, ameaçam a oligarquia e resgatam a dignidade aos mais necessitados.

Para encerrar esse texto e muito longe de se encerrarem os conflitos pela terra, brademos um dos gritos de “guerra” dos Sem Terra: “Pátria Livre: Venceremos”!!!

Referências Bibliográficas

ALVES, F. Dutra; SILVEIRA, V. C. Pires. **As transformações capitalistas na agricultura e a questão agrária**. Universidade Federal de Santa Catarina. (Artigo) consultado in: buscalegis.ufsc.br/revistas, Porto Alegre, 2007.

ANDRIOLI. Antônio Inácio. **Transnacionais e transgênicos**. Revista Espaço Acadêmico- UEM, 2009.

ARROYO, M. G.; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica** e **o movimento social do campo**. V. 2. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001

BONIN, A. A. **Luta pela Terra no Paraná Recente. In: Cenários de Economia e Política: Paraná**. Curitiba, Prephacio. 1991

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

_____. **Movimento Sem Terra:** Lições de Pedagogia. Currículo sem Fronteiras, v.3; n.1, 2003, pp. 50-59.

_____. **Elementos para a construção de um projeto político e pedagógico da educação do campo**. In: MOLINA, M.C.; JESUS. *Por uma educação do campo*: contribuições para a construção de um projeto de educação do campo. Brasília, DF: Articulação Nacional "Por uma educação do campo", 2004, p. 13-52.

_____. **Sobre Educação do Campo**. III Seminário Nacional do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), Luziânia: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2007.

CAMINI, Isabela. **Escola Itinerante**: na fronteira de uma nova escola. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990.

_____. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Editora Art Med, São Paulo: 2001. p. 90-1.

CURY, R. J. Carlos. ***Educação e Contradição***. Elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Cortez: Autores associados, 2000.

D' AGOSTINI, Adriana. **A Educação do MST no Contexto Educacional Brasileiro**. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 2009.

DIAS, Eurípedes da Cunha. **Arqueologia dos Movimentos Sociais**. In: 310. Série Antropologia - XI Congresso Estadual de Sociólogos do Estado de São Paulo – ASESP. Brasília: UNB, 2001.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 13ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1995. 215p.

FABRINI, João Edmilson; ROSS, Djoni; MARQUES, E. B.. **Lutas e resistências no campo paranaense e o projeto Dataluta-PR**. REVISTA NERA. Nº 21, v.15. Jul.-dez./2012.

FALEIROS, Vicente de Paula. **A política social do Estado capitalista**: as funções da previdência e da assistência sociais**.** São Paulo: Cortez, 1980.

FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. **Sobre o conceito de identidade**: apropriações em estudos sobre formação de professores. Psicol. Esc. Educ. (Impr.) vol.15 no.1 Maringá Jan./Jun, 2011.

FOERSTE, Erineu. **Pedagogia da Terra**: um Estudo Sobre a Formação Superior de Professores do MST. UFES **GT:** Formação de Professores/ n. 08 Agência Financiadora: PRONERA/Ação Educativa.

GADEA, C. A; WARREN, I. Scherer. **A Contribuição de Alain Tourane para o debate sobre o sujeito e a democracia latino-americana**. In: Revista de Sociologia e Política, nº25, UFPR, Curitiba, 2005, p.39-45.

GATTI, Bernardete. **As pesquisas sobre formação de professores**. Educação Municipal, Brasília, v.1 n. 2, p. 67-72, set. 1987.

GORGEN, Frei S. A; STÉDILE; João Pedro (Orgs.). **Assentamentos**: a resposta econômica da reforma agrária. Petrópolis: Vozes, 1991., p. 25.

GOERGEN, P. L. Prefácio. In: DIAS SOBRINHO, J. **Dilemas da educação superior no mundo globalizado:** sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento? São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos.** 5ª. Ed. São Paulo: Loyola, Abril de 2006.

GOSS, K. P; PRUDENCIO, Kelly; **O conceito de movimentos sociais revisitado.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC vol. 2, nº 1 (2), janeiro-julho 2004, p. 75-91

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 páginas, tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

IANNI, Octávio. **A Sociologia da sociologia Latino-americana**. 1ºed. Editora Civilização Brasileira S.A, Rio de Janeiro, 1971. Republicada em 1989 como: IANNI, Octávio. **Sociologia da Sociologia: o pensamento social no Brasil**. 3ºed. Revista e Ampliada. São Paulo, 1989.

MARTINS, Daniele Comim. **A Criminalização dos Movimentos Sociais e a luta por terras no interior do Paraná – O Caso de Quedas do Iguaçu**. In: Ciências Sociais Aplicadas EM REVISTA. UNIOESTE - CAMPUS MAL. CÂNDIDO RONDON - V. 7 Nº 12 - 1º sem 2007 - P. 15-50 - ISSN 1679-348X

MARTINS, Fernando José. **Educação do Campo: processo de ocupação social e escolar**. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 2008, São Paulo. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.Disponívelem:<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092008000100006&lng=en&nrm=abn>. Acessado em: 23 /05/ 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre Educação e Ensino.** 2ªed. São Paulo: Moraes, 1992.

_____. **Crítica da Educação e do Ensino.** Lisboa/Portugal: Moraes Editores, 1978.

_____. **Manifesto do Partido Comunista.** Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. **A Ideologia Alemã (teses sobre Feuerbach).** São Paulo: Centauro, s/d.

_____. **A Ideologia Alemã (I – Feuerbach).** 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOLINA, Mônica Castagna. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

MORAES, Maria Célia Marcondes De; SHIROMA, Eneida Oto; EVANGELISTA Olinda. **Política Educacional**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

MORISSAWA, M. (2001). **A História da Luta pela Terra e o MST**. São Paulo, Expressão Popular.

MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Escola Itinerante em acampamentos do MST**. In: _____. Caderno de Educação. Nº. 13 – Edição Especial: Dossiê MST Escola: Documentos e Estudos 1990-2001. São Paulo: Expressão Popular, 2005, p. 185-198.

_____. Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às escolas. In:Caderno de Educação. Nº. 13 – Edição Especial: Dossiê MST Escola: Documentos e Estudos 1990-2001. São Paulo: Expressão Popular, 2005d, p. 235-263.

NASCIMENTO, Claudemiro G. **Alain Touraine e os Movimentos Sociais**. Disponível:http//www.nossaversao.pro.br/liturgia_detalhes.php?numero=49. Consulta realizada em 12/05/2011.

NETO, Graziano, F. (1982). **A Questão Agrária e Ecologia**: crítica da moderna agricultura. São Paulo, Brasiliense.

NETO, Luis, Bezerra. **Sem terra aprende e ensina**: um estudo sobre as praticas educativas e formativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST - 1979-1998. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1998. Disponível:http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000135391.

NETO, José Paulo. **O Materialismo Histórico como instrumento de análise das políticas sociais.** In: NOGUEIRA, Francis Mary Guimarães (Org.). Estado e Políticas Sociais no Brasil. – Cascavel: EDUNIOESTE, 2003. P.11-28.

PEDAGOGIA DA TERRA. **Projeto**. Universidade Estadual da Bahia. Salvador: UNEB, 2003.

PEREIRA, E. M. Aguiar. **A Universidade da Modernidade nos Tempos Atuais.** Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 14, n. 1, 2009, p. 29-52.

PINHEIRO, M. D. S. D. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira.** UFPA, 2008. In: www.anpae.org.br/congressos antigos/simposio2007/289.pdf.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Esta conferência foi transcrita e traduzida por Monique Augras. A edição é de Dora Rocha.

_____. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 2.

RABELO, Josefa, J**. A Pedagogia do Movimento Sem Terra**: Para onde aponta o projeto de formação de professores do MST? Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará. Programa de pós- graduação em Educação, 2005. P. 127.

RICOEUR, P. **A memória exercitada**: uso e abuso. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, São Paulo, Editora Unicamp, 2007.

_____. História e tempo. **In: A memória, a história, o esquecimento.** Campinas, São Paulo, Editora Unicamp, 2007.

RIZOTTI, Maria L. Amaral. **Aspectos econômicos e políticos determinantes da política social.** Londrina, 1999 Disponível em: www.ssrevista.uel.br/c_v1n2_aspectos.htm. Acessado em 20/05/2011.

ROSS, Djoni; FABRINI, João Edmilson. **Assentamento Celso Furtado**: da conquista da terra às formas de resistência do território camponês. Revista Pegada – vol. 13 n.1, 2012.

SANTOS, José Vicente Tavares dos**. Conflitos agrários e violência no Brasil: agentes sociais, lutas pela terra e reforma agrária.** Pontificia Universidad Javeriana. Seminario Internacional, Bogotá, Colombia. Agosto de 2000.Disponiblehttp://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rjave/paneles/tavares.pdf.

SHREINER, Davi Félix. **Memórias da luta pela terra**: de sem-terras migrantes a ocupações coletivas. Espaço Plural. Ano X. Nº 20. 2009. Pp 94 a 102

SILVA, Graziano da. O Desenvolvimento do capitalismo no campo e a reforma agrária. In: STÉDILE. João Pedro (Org). **A questão agrária hoje**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS; 2002.

TAVARES, M. T. G. WESCHENFELDER, N. V. **Educação Popular na Escola Pública: Uma Utopia Ainda Necessária**. ANPED, 2005. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/28/textos/.../maria_tereza_tavares.rtf

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-14.

_____. As peculiaridades dos ingleses. In.: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). **E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998. v. 1. (Coleção Textos Didáticos)

_____. **Costumes em comum.** Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

TOURAINE, A. (1998). **Democracia, Igualdade e Diversidade. Igualdade e Diversidade: o sujeito democrático**. Tradução do original francês de 1997 por M. Florenzo. Transinformação **11**(2): 185-186.

VENDRAMINI, Célia Regina. **A escola diante do multifacetado espaço rural**. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 145-166, jan.-jun. 2004.

_____. **Terra, trabalho e educação. Experiências sócio-educativas em assentamentos do MST**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

_____. Caderno Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 121-135, maio/ago. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

_____. Texto da pesquisa intitulada : **Assentamentos do MST e Identidade Coletiva,** vinculada ao projeto Agricultura familiar: reestruturação social e capacitação humana e financiada pelo Plano Regional Sul CNPQ– UFSC. **GT**: Trabalho e Educação/nº 9,2008, pg.1-5.

VERDÉRIO, Alex. **A Formação de Educadores e Educadoras do Campo em Cursos Formais**. Seminário de Pesquisa PPE – UEM. Maringá, 2010.

UFES. **Resumos das monografias dos alunos da pedagogia da terra;** primeira turma. Vitória: UFES, 2003

ZIMERMAN, A. **Governos democráticos e as vítimas da luta pela terra.** Revista Aurora, 2010.

Sites Consultados:

http://www.mst.org.br
http://www.mec.gov.br
http://www.inep.gov.br
http://www.ibge.gov.br
http://www.incra.gov.br
http://www.lfti.com.br
http://www.anped.org.br
http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/047

ENTREVISTAS:

BARBOSA, Ademir. Entrevista realizada em agosto de 2016. Entrevistadora: Barbara Nagae. Quedas do Iguaçu, 2016. 1 arquivo. Mp3 (17,15 minutos). Esta e as demais entrevistas utilizadas nesta pesquisa encontram-se transcrita na íntegra no apêndice dessa dissertação.

CESAR, Ademir. Entrevista realizada em agosto de 2016. Entrevistadora: Barbara Nagae. Quedas do Iguaçu, 2016. 1 arquivo. Mp3 (19,18 minutos). Esta e as demais entrevistas utilizadas nesta pesquisa encontram-se transcrita na íntegra no apêndice dessa dissertação.

LIMA, Claudemir Torrente. Entrevista realizada em agosto de 2016. Entrevistadora: Barbara Nagae. Quedas do Iguaçu, 2016. 1 arquivo. Mp3 (30,23 minutos). Esta e as demais entrevistas utilizadas nesta pesquisa encontram-se transcrita na íntegra no apêndice dessa dissertação.

SILVA, Milton Rocha da. Entrevista realizada em agosto de 2016. Entrevistadora: Barbara Nagae. Quedas do Iguaçu, 2016. 1 arquivo. Mp3 (26,21 minutos). Esta e as demais entrevistas utilizadas nesta pesquisa encontram-se transcrita na íntegra no apêndice dessa dissertação.

SILVA, Adecir Rodrigues. Entrevista realizada em agosto de 2016. Entrevistadora: Barbara Nagae. Quedas do Iguaçu, 2016. 1 arquivo. Mp3 (15,35 minutos). Esta e as demais entrevistas utilizadas nesta pesquisa encontram-se transcrita na íntegra no apêndice dessa dissertação.

Apêndice[186]

Adecir Rodrigues[187]

BN: Eu sou a Barbara tô fazendo uma pesquisa sobre identidade Sem Terra, você poderia se apresentar e comentar um pouco sobre o seu envolvimento com o movimento.

ARS: Então, eu sou Adecir Rodrigues da Silva, tenho trinta e três anos e já faço parte desse movimento do MST desde 1999. O que me levou a acampar seria primeiramente a necessidade de melhorar a situação na questão que tava difícil na época, 98, um pouco antes de 99, na situação financeira da família decaiu muito, a pobreza já era difícil, então, o governo já era complicado, de viver nessa época devido a própria renda ser muito baixa pra quem não tinha condições de arrumar um emprego melhor e ter uma profissão. Nesse ano, eu era bem jovem, né, 98/99, quando resolvi parar de estudar, infelizmente tive que parar de estudar porque não tinha dinheiro pra comprar os livros didáticos que foi quase que obrigado na época, no colégio. Todos que tinham o livro didático na sala é tinham condições de estudar e eu não poderia encostar com ninguém na carteira, o que me levou ao constrangimento também eu acabei desistindo de estudar, eu parei de estudar e diante da situação que tava acontecendo, eu ouvia falar muito do movimento, resolvi me acampar, resolvi por decisão própria, mesmo sendo, tinha quinze anos, acho que dezesseis na época, mais ou menos essa idade que eu tinha. Eu falei pra minha família to indo acampar e saí, pegamos a noite, eu sabia da informação de um caminhão que vinha pra Laranjeiras do Sul, fomos até o caminhão, lá se reunimos com mais algumas famílias e embarcamos no caminhão e viemos, né. Inclusive, no Espigão Alto Iguaçu a polícia começou a perseguir nós, foi a pé, no pedágio, perseguindo, o motorista não parou o caminhão em momento algum. E temendo também pela repressão da polícia e eles acabaram ligando pra polícia de Laranjeiras

[186] Realizei nove entrevistas e no texto utilizei cinco, pois algumas falas são similares ou ainda, porque abrem para novas questões. Para além dessas entrevistas gravadas, escutei várias memórias ao longo desses quinze anos. Essas cinco entrevistas que seguem são, para mim, uma preciosidade, são de companheiros Sem Terra, amigos com os quais tive a oportunidade de muito aprender.

[187] Usamos as iniciais do nome e sobrenome do entrevistado e da entrevistadora para facilitar a inserção e localização da fala.

e eles fecharam o pedágio, nós passamos lá, tiraram nós do caminhão, abriram as sacolas, jogaram roupa no chão, jogaram tudo no chão. E aí xingaram muito, falaram que nós éramos um bando de vagabundo, que nós éramos Sem Terra, que nós ia invadir terra, e assim foi indo, palavras bem duras e mandou todos, cada um ficar de frente pra eles assim, mostrar os documentos, identidade pediu. No caso, eu que era de menor, ele pediu que eu sentasse do lado e ficasse esperando lá. E depois liberou. Liberou e então chegamos no acampamento. Não tinha, como eu fui no rumo, não tinha barraco, não tinha nada ainda. Nessa noite passamos acordados e daí fomos se ajeitando, compramos a lona de um pessoal lá, arrumamos uns pedaços de lona, e fizemos um barraquinho bem simples, era aberto na frente. Enfim, passou alguns dia, eu comecei a trabalhar nas redondezas, no assentamento do Celso Furtado e depois veio minha família. Eu trabalhei alguns meses e minha família veio também acampar na BR 99. É, daí, foi noventa e nove, 10 de maio eu não estava no acampamento, no dia da ocupação, eu estava trabalhando no assentamento Ireno Alves, o Marcos Freire se não me engano e não fiquei sabendo da ocupação. Eu fiquei sabendo no outro dia que tinham ocupado, então no dia da ocupação eu não vim junto no comboio de caminhões que vieram ocupar. Vim uma semana depois, tava um boato que tinha polícia pra todo quanto é lado aqui na cidade, não tinha como passar, não tinha como ir de maneira alguma. E eu fiquei três dias perdido no assentamento Ireno Alves esperando uma carona pra vir pra cá, de medo de vir de ônibus, né. Então eu tinha o seu Termino que era um senhor assentado, que tinha dado emprego pra mim, que eu trabalhava pra ele por mês e por dia um pouco Então, eu acertei com ele, ele me deu um dinheiro e eu peguei uma carona com um caminhão da COAG, um caminhão fechado. Eles me deram carona, entra aí, junto com as compras, que a gente vai lá praqueles lados – (4:20 - 4:21 não identificado) –mas pra mim, rodamos tanto que não sabia nem onde a gente tava mais. Lá tinha um casal esperando o ônibus que ia descer pra COAG lá do Marcos Freire, onde supostamente ia sair o caminhão da noite. E fui, fui, cheguei lá, nada de caminhão, aí a noite pousei num rapaz lá que deu pouso, ofereceu pouso, já que eu tava sem lugar pra dormir, me deu pouso lá. Pousei, aí noutro dia voltei pra COAG novamente e fiquei até a noite, era meia noite chegou um caminhão lá, acho que um prefeito, não sei quem de Saudade, que arrumou um caminhão para trazer o pessoal que estava lá pra cá. Aí chegamos aqui a noite, pousei na guarda,

já ali, porque nem sabia aonde morava minha família, nos barracos. E chegamos no acampamento dia 10 de maio, que tinha se constituído, naquele, no dia 10 de maio. Aí, cheguei ali, fui conhecendo, fui aprendendo a como que era o movimento dentro acampamento, já sabia um pouco da BR, mas não tanto, conheci daí o pessoal da direção, o Cachorro, o Claudemir, fui fazendo amizade com eles, que foram conhecendo também, minhas atitudes no acampamento. Onde abriu minhas oportunidades de sair fazer curso pra fora, e aonde que eu comecei a estudar novamente, retornei os estudos, que era o que eu tinha planejado, voltar a estudar um dia. Mas isso já havia passado alguns anos no acampamento, 2004 ainda que eu fui voltar, retornar o estudo. Daí comecei a estudar novamente e dentro do acampamento aprendemos muito com essa questão da militância, da pertença ao movimento Sem Terra, não como a pessoa que não tem nada, não tem terra, e sim, uma pertença, identidade, de uma pessoa que se sente parte daquela organização, porque você vai aprender a lutar pelo direito das pessoas que necessitam, né. Então, depois que você tem esse espírito de militância, você não consegue mais ver a elite como algo bom, pra pobreza, você consegue ver aquilo como o risco a pobreza, porque eles só vão existir se tiver a pobreza ali. Então você vai começar a pensar mais nos pobres, temos que chegar lá também, não podemos ficar só aqui. Lá as mobilizações participei também, nesse período, inclusive na ocupação de 2003, eu fiz parte também, saímos de lá meia noite e fomos a pé, o pessoal caído naquele rio lá era muito frio. É um frio, pra vocês terem uma ideia, quando eu cheguei em cima na granja, do Campo Novo ali, eu batia na blusa assim e caia pedrinha de gelo já, porque deu um geadão naquela época, deu uma geada. Eu não sei se vocês fizeram parte desse dia, mas foi uma geada muito grande. E chegando ali, já veio o povo lá do outro lado e foi ocupado, mas um pedaço do latifúndio que era Araupel. E lembro também que fiz parte de um período de itinerância da escola itinerante. Que a escola Itinerante começou a funcionar em 2004 também, que ela começou a acontecer aqui no Paraná, aqui no Paraná, no acampamento primeiro, no Silo primeiro, foi lá no Silo e depois na bacia. E nesse período que eu comecei a estudar, fazer o magistério, eu fiz parte, também, de um movimento itinerância da escola, quando a escola, quando foi ocupada uma nova fazenda, que era a Rio Grande, que saiu agora, a Três Elo que é o nome dela, que saiu o assentamento agora. E nós descemos lá e também não tinha escola, tinha uns barracões e eu,

professor Charles, quem mais? O professor Jornandes, esse pessoal que desceram juntos.

BN: Que ano isso?

ARS: Isso foi 2005 se não me engano, 2004/2005. 2004 começou a itinerante e 2005 já fomos fazer a primeira itinerância da escola. Em 2005, se não me engano. E daí nós chegamos lá no acampamento, então já fomos organizando o barracão, já organizamos o local, lá já era tudo aberto, fomos mais pra frente desmanchemo as casa velha que tinha às madeira muito velha, nós mesmos, educadores, se reunimos com os pais, no chão, e nós mesmos construindo e chovendo, chovendo e nós construindo. Nós conseguimos dividir em quatro, cinco salas, no qual eu era o coordenador dessa escola, né. E as professoras que não estavam ajudando na na construção, já iam preparando essa questão mais pedagógica, material pra trabalhar, planejamento. Se dividimos as tarefas e fomos trabalhar, era o nosso jeito de trabalhar mesmo. Depois de certo período, né, saímos, foi 2006, se não me engano, que nós saímos daquela fazenda, porque quando foi o período que saiu o assentamento, acho que setembro, não tenho recordação muito bem do mês. Saímos de lá e retomamos pra Bacia, o antigo acampamento, só que daí todo mundo estava se espalhando e já era, já foi mais um período assim de mudança. Daí mais itinerância de novo, que daí se dividiu as comunidade, e foi um período bem difícil, né, porque aí era correr atrás de aluno perdido, atrás de documentação, o município acabou assumindo e aquela correria também, foi, nós tinha que correr atrás disso, nós tava na escola, nós corremo. Eu lembro que quantas vezes de moto, eu e o professor Varlei saímos de moto, dia de chuva, meu deus o que sofremos. Mas coletamos todos os documentos, colocamos num saco plástico, amarramos, e chegamos aqui na secretaria de educação, na casa dela, porque era um final de semana e nós tinha que entregar no prazo. Chegamos ali, não sabia se nós era ser humano ou um homem de barro que tava chegando, tanta lama que nós estava aquele dia. Mas cheguemos com os documentos ali. Até hoje ela fala pra nós, do dia, da primeira vez que eu fui dar os documentos para a secretaria de educação, a situação que nós estava lá. Mas era, não tinha estrada de cascalho, era puro barro e nós tinha que dar um jeito, né. E conseguimos e daí depois, eu comecei, eu terminei o magistério, né, já comecei a fazer história por influência de um professor, também de história, que fez história em uma faculdade a distância.

Antes de acabar história, já passei no vestibular, fizemos educação no campo, né. Que acho que é um dos períodos mais importantes da aprendizagem, esse período de você no campo. Embora não seja reconhecido hoje, pelo governo, né, ou pela secretaria de educação. É, foi uma coisa muito valiosa em termos de construção do ser humano ali, da formação da pessoa e me ajudou muito. E o que tá me ajudando muito hoje nas escola é essa formação, porque é uma formação que você, alguns falam de fragmentação, mas eu digo o contrário, uma formação completa. Porque você, da área que você está você discute várias disciplinas, qualquer coisa. Então quando o professor tá falando um conteúdo, eu já sei discutir aquilo lá, porque eu estudei fala de artes, fala de educação física, de língua portuguesa. Então, você consegue ter essa dinâmica maior, de conseguir dar conta disso, né. Você não fica bom em tudo, mas você fica é, bom um pouco, em cada coisa você fica bom. Vai conseguindo discutir isso. E passei no concurso, depois do estado, não consegui assumir devido ao diploma de educação no campo que não é aceito, é uma injustiça até hoje. E hoje, eu trabalho na escola do assentamento, trabalho na Renascer, na Bacia, trabalho no Projeto 4, e nunca perdi essa resistência de lutar contra o sistema, né, que se impõe a vontade de um povo que quer lutar, que quer ter sua dignidade garantida ali.

BN: O Projeto 4 se refere ao Tomás Balduíno? Isso, do- Você tá ajudando a construir lá as escolas? Tá participando?

ARS: Nós ajudamos, ajudamos, sim, porque nós tamos trabalhando pelo processo do PSS lá, mas até quando eu cheguei lá, eu já conhecia uma boa parte da luta, a gente conversa com eles, o Adecir já conhece essa luta, já pode ajudar nós, então, entra ideias, com os alunos eu converso muito com eles, eles pedem muito. É são essas coisas que eles não conhecem muito ainda, pra eles é novo, pra mim não é novo, né. Pra mim eu tenho experiência pra falar. Então, á a diferença de você ter a teoria e a prática é muito grande. Tanto é que saiu muito rápido essa escola aqui, né, essa escola do Tomás Balduíno brotou assim, acho que tem a ver com todas as práticas que você já, exatamente, e daí discutir planejamento, com horário de conhecimento, que é uma coisa muito difícil das pessoas compreender como funciona, ela não é complicado, mas é algo novo. Tudo que é novo assusta, né? É um paradigma, uma quebra de paradigma e pra acontecer isso, tem que quebrar esse paradigma do velho, da disciplina pra alcançar a área, né. Aí a gente discutiu

muito sobre a questão dos complexo agora trabalhando ali, já tamo fazendo planejamento e ai você consegue contribuir com isso. Mas a minha formação hoje, não só formação enquanto ser humano, mas também formação profissional só se deu, e eu tenho essa garantia, esse trabalho que eu faço, nos locais que eu passei até hoje, ninguém reclamou pra mim do meu trabalho. Mas os elogio que eu levo assim, é graças a esse período que eu passei. Então, eu acho que a faculdade, a melhor faculdade nossa li, não foi a faculdade que eu fiz lá na Unicentro, não foi na Uniasselvi, não foi (referência a outra universidade), foi a vivência de 99 e continuo vivendo ainda, e eu aprendo todo dia com isso.

BN: E assentou quando, quando que vocês foram assentados na Bacia?

ARS: Foi 2006, né? 2005, 2006, não sei. E claro, foi um período muito sofrido, acontece bastante coisa na vida da gente, né, coisa que você não espera, imprevisível que acontece. Mas essa pertença de luta assim, eu nunca esqueci. Até hoje tava comentando, tava comentando assim, que nossa, você perceber as pessoas, que elas mudam muito, elas mudam e elas às vezes tão na organização, tão, que nem estão acampadas e quando saem do assentamento elas transformam a outra pessoa que não defende, né. Eles mudam a mentalidade dela, né. Essa pessoa não tem uma formação, ela não conseguiu compreender o processo, não conseguiu amadurecer nesse processo, e você se sente parte, porque quando você faz parte dessa organização, do caso nosso do MST, você, qualquer lugar que você vai, você vê, as pessoas acampadas, você, entra no grupo, já se interage com eles, já tá, já sabe, interagindo, né. Aqui na cidade, você se encontra, já diz adeus já vai conversar, você continua a mesma coisa, né, saiu do acampamento, o assentamento, mas você não mudou tua identidade, teu jeito de ser, né. Aquela aprendizagem ali foi pra sempre, uma formação que não tem, uma formação completa do ser humano.

BN: É isso mesmo, muito obrigada, muito obrigada.

Ademir Barbosa. “Nego”.

BN: Barbara, entrevistando Ademir, por favor nos conte um pouco sobre o seu envolvimento com o MST.

AB: Então vamos lá, eu sou o Ademir Barbosa, eu venho de muitos e muitos anos de vida pela terra, lá no meado de 85, minha família era uma família muito pobre. Viemos, a minha mãe junto com o meu irmão são uns dos primeiros colaboradores do MST, onde viemos acampar no Salto do Lontra na beira da BR. De lá pra cá nós viemos pro assentamento onde é o assentamento Rio Perdido, de lá nós fomos transferidos pro município de Lindoeste, e lá fomos assentados. Eu já pequeno pra debaixo de uma lona. E eu vejo hoje, Barbara, o MST como escola para os nossos filhos. Eu rodei o mundo, voltei pro MST, por motivos próprios que a juventude busca procurar outras formas de sobrevivência, eu fui militar por 5 anos, fiquei na cidade por muitos anos. E eu vi o MST como uma forma de como uma escola para meus filhos, que era uma escola que vinha do sangue, que todos os meus familiares são formados, são assentados, criaram os filhos com muito orgulho, graças a essa escola do MST. E eu me senti o prazer de voltar a praticar o movimento. Que o movimento do MST é um movimento social onde há grande chance das grandes cidade ser desfavelada. Onde o pessoal mais pobre que não tem condições de ter, conquistar um pedaço de terra é vindo acampar junto com a família MST. Então lá no meados de 1995 eu fui pro exército, fiquei na cidade, não me via mais na cidade, como pra viver, vim pro assentamento Celso Furtado em 99. Em 2009 quer dizer, me desculpa. E hoje eu vivo muito feliz com minha família, com minha menina, com quinze anos, ela tá longe da cidade, longe de drogas, longe de tudo quanto é coisa. Tenho meu filho com 4 anos, onde nasceu, se criou e vamos enfrentar muitas batalhas pela frente com a grande burguesia que não aceita o MST como entidade. Hoje o MST é uma entidade uma das maiores do brasil tira o pessoal da linha de

pobreza pro uma linha mais favorável, que dá condições de cada pai de família que tenha seis, sete filhos hoje sustentar com o produto da terra. Onde nos assentamentos é cultivado o plantio de milho, mandioca, feijão, arroz. Produtos, leite. Onde tenha seu próprio subsídio, como a carne de porco, galinha, tendo um bezerro pra matar e quase todo mês. É uma grande oportunidade pra todos os pais de famílias viver muito bem no campo, onde se concentra muitas famílias aqui no assentamento Celso Furtado. O assentamento Celso Furtado hoje são mil e cem famílias que produz muito pro pessoal da cidade. Mas o MST é uma escola pra sociedade, quando se forma o MST em uma cidade, a prefeitura ganha, o comércio local ganha, todos os sentidos que você vê. É o MST que tá formando jovens aqui pra cidade, é o MST que proporciona formação. Onde nós temos uma burguesia aqui que é contra, que bate contra os Sem Terra. O MST é muito massacrado na região. Mas nós temos nossos filhos que futuramente vão vir formar novos acampamentos, novas formação, eu quero ter o prazer de ver um filho meu sendo um acampado nessas terras do grande latifúndio que se chama Quedas do Iguaçu, que tá concentrado a maior riqueza do estado do Paraná na mão de uma família só. Então nós queremos dividir isso com nossos filhos e futuramente os filhos de todos os assentados, que é a produção que mantém a cidade grande. Então, Barbara, é muito importante uma pesquisa sua dessa maneira, onde vai mostrar pra sociedade o que que é a família MST, entendeu, pra mim é um orgulho tá dando essa entrevista pra ti aqui aonde concentra a maior riqueza do estado do Paraná, que se chama assentamento celso furtado, o maior assentamento da américa latina, é com prazer que venho te dar essa entrevista e espero que seja de bom proveito pra você e seu estudo.

BN: Brigada. Nego, mais uma coisa, que que o MST mudou na sua família, assim?

AB: O MST não mudou só minha vida, ele mudou a vida de vários familiares. Até da minha família, que somos em oito irmãos, todos eles são assentados pela família MST e eu particularmente, mudou minha vida da água pro vinho, porque eu morava na cidade e não me via mais na cidade. Eu sou filho da terra e vim pro MST contribuir e vou morrer contribuindo pro MST e espero que assim seja meus filhos futuramente.

BN: Muito obrigada, mesmo, pela luta, pelo assentamento, por essa entrevista.

AB: Eu acredito que eu tenha contribuído muito pro seu desenvolvimento nessa pesquisa. Então, Barbara é muito gratificante que hoje a sociedade venha reconhecer a família MST, que não é uma família bandida. A família MST é uma família que vê a necessidade do pobre, vê junto com o presidente Lula as necessidade do pobre então nós temos que (pausa).

BN: Nego você é candidato pelo PCdoB a vereador de Quedas e isso é uma coisa que já era um sonho antigo, como surgiu assim?

AB: Eu sou candidato hoje pelo PCdoB, é um sonho antigo meu porque o PCdoB é uma, também é outra família que tem pesos e medida, nos, assim, o PCdoB é quase a família MST, porque o PCdoB é um partido socialista que quer que você tenha a mesma medida, o que um tem o outro tem, assim nós vamos defender as barreiras e todas as coisas que ha pela frente. Então se a caso for eleito, eu vou defender o MST em qualquer tribuna que for. Então, nós temos um grande exemplo, eu venho da escola do professor Paulo Porto, que é vereador em Cascavel, tá concorrendo a reeleição de novo e a gente vê subir na tribuna bater em cima de uma mesa, defender a reforma agraria como um todo no país. Então, eu digo assim, que o PCdoB e o MST tem um vínculo muito grande.

BN: Você foi fundador do partido aqui em Quedas, né, Nego?

AB: Fui um fundador junto com você. Nós tavamos juntos e eu acredito que aonde você for você vai levar o PCdoB junto com você, e espero; (pausa).

Assim, Barbara, as coisas mudam muito na vida da gente e não tem, eu me sinto assim, que estou quase a ponto de explodir de falar do MST, as bandeiras que nós levantamos e vamos fincar muito mastros. Espero que esse estudo ajude nós a ganhar mais espaço no meio da burguesia. Entendeu?

BN: Sim, tomara que leiam pelo menos.

Ademir César

BN: Meu nome é Barbara entrevistando o Ademir sobre o MST em Quedas do Iguaçu. Pode se apresentar, falar sua idade e contar para nós parte de sua história.
AC: Barbara, primeiro queria dizer que é um orgulho para gente de hoje ter essa capacidade, essa disponibilidade, de estar ajudando os companheiros. Você, que a gente conhece a tanto tempo. Então pra gente é um motivo de orgulho, mesmo, né? Eu sou Ademir, tenho 30 anos, no início, puxando a questão do histórico, dentro da identidade Sem Terra, é, no início eu também tinha vergonha do próprio movimento. Né? Eu também, assistindo as mídias, que a gente sabe que impõe uma ideologia, é, negativa sobre os movimentos sociais, inclusive de criminalização. A gente também tinha essa visão, né, assistindo televisão todos os dias, a gente acabava tendo essa visão, essa mentalidade que o Sem Terra é ladrão, é um vagabundo, é tudo de ruim que tem na sociedade. Então nasci e me criei num país vizinho, no Paraguai, então fui alfabetizado também lá. Tenho oito irmãos, minha mãe e meu pai são analfabetos, né? A minha mãe muito guerreira e batalhadora, sempre insistiu pra que os filhos pudessem tá é, estudando, sempre insistiu nessa tecla, não queria que repetisse a mesma sina, de que, como a gente sempre ouvia dela, ela falava que era uma sina. A gente sabe do histórico, do momento histórico na vida dela era outro, né. A distância da escola, a dificuldade e até a questão da sociedade machista de não permitir que as mulheres tivessem acesso à educação, então, era mais limitado. Até, nunca me esqueço de uma frase que ela me falou e me emociona muito, e mencionar esse pedido que ela me fez. É, eu tinha a faixa etária

de uns treze anos e a gente ia vender galinha, pra ajudar em casa, como a família era grande, sempre trabalhando de arrendatário, ou seja escravizado, naquela vez a gente não sabia disso, até por falta de formação. Mas sempre trabalhando na lavoura, sempre fomos agricultores e toda vez, a produção, sempre tinha a renda, que era o lucro da gente, era a renda que tinha que pagar para o patrão. É, ela me fez um pedido, lembro como se fosse hoje, ela disse "Ademir, meu filho estude, pra um dia você dar orgulho pra tua mãe". Esse foi o pedido que ela me fez, e isso daí me comove muito, né, porque, realmente, toda vez, todo momento de dificuldade no estudo, na vida da gente, a gente acaba olhando essas pessoas que não tinham nem condições de ler, de fazer leitura de um papel, imagina leitura de mundo, né? Hoje a gente entende a dificuldade que eles tinham e a gente tenta no máximo possível é, que eles não sofram, assim como já sofreram pra criar a gente. Então, essa mensagem que ela deixou, acho que por uma pessoa analfabeta, que poderia às vezes ter abandonado a família, abandonado o filho como a gente vê. Ela não, ela insistiu, então minha mãe é meu ídolo. Meu pai também, sempre trabalhador, sempre guerreiro, mas a visão dele era mais de que um filho homem tinha que aprender a trabalhar. O momento histórico era outro, hoje a gente entende isso. Então ela fez esse pedido, e que eu nunca, nunca me esqueci. E hoje, inclusive, todo momento de fraqueza aquilo é um combustível pra gente poder superar as dificuldades da vida.

Então, mesmo no Paraguai, minha mãe, ela cansou, chegou um momento que ela se cansou de tanto trabalhar e nunca conseguir, tava, conseguia male mal tratar dos filhos, né? E ficou sabendo dessa questão do Movimento Sem Terra no Brasil, lá no Paraguai a Via Campesina. E a gente, claro, não tinha essa formação e não tínhamos esse conhecimento. E tinha medo de fato, a mídia ensina pra gente, pra mente das pessoas que não conhecem, passa a imagem que Sem Terra é bandido, sem terra é ladrão, é vagabundo, é o lixo da sociedade. E a minha mãe pegou meu irmão mais velho que eu e veio. Teve coragem de vim, a gente plantava algodão no Paraguai e algodão, todo mundo sabe que se chover estraga, então, ela veio no primeiro acampamento que teve aqui em Rio Bonito no Buraco que se chamava de Buraco, devia ser um lugar, uma baixada, né. Sofreu muito, a gente tinha curiosidade de saber como funcionava, tudo certinho, mas ela relata que nesse acampamento é em outros períodos da história, dos governos de extrema direita e

radical, ela viu muitas crianças morrer de fome, sede de doença. Teve alguns relatos de envenenamento da água que as pessoas podiam utilizar. Foi o maior acampamento da região na história do país. E realmente todo mundo de origem oriunda, de trabalho.

BN: Isso foi em noventa e nove?

AC: Esse foi antes, esse que deu origem ao Marcos Freire, Ireno Alves, Rio Bonito. Em noventa e nove, foi depois da bacia, né. Então só pra você ter uma ideia, só para você resumir esse trecho ali. Ela veio com meu irmão mais velho, a gente trabalhou no Paraguai tentando manter aqui, meu pai não era muito favorável a luta, ele com o sistema machista, e que você tem que conseguir tudo trabalhando, no serviço braçal, a gente sabe que nem sempre é viável, por mais que a gente trabalhe, trabalhe, mas nem sempre é viável. Então, a minha mãe acabou tendo que sair desse acampamento, dali dois meses saiu o assentamento. Ela participou tudo da ocupação, a gente ficava assim com aquela ansiedade de vir mesmo pro nosso país, pro nosso país de origem, pra que a gente pudesse ser reconhecido, porque no Paraguai, a gente trabalhava lá, morava lá, mas para estudar, você tinha que se naturalizar num determinado sétimo ano. Lá eles falam sétimo grado, e a gente tinha que fazer toda a documentação Paraguaia. A minha mãe sempre falou que a última coisa que ela queria é que os filhos dela fossem ser do exército ali no Paraguai, ela sempre teve esse medo, também, um pouco por falta de conhecimento. Então ela imediatamente tentou buscar uma forma da gente vir pro Brasil. Mas devido a toda a circunstância de perda lá do algodão, choveu, a dificuldade na vida das pessoas de origem agricultura, né. É sempre, nunca foi fácil, essa é a verdade, sempre teve esse grau de dificuldade. Então havia essa dificuldade, ela teve que retornar pra lá, e a gente acabou se desligando do movimento, naquele momento. Em determinado período, meu pai percebeu que a gente realmente não tinha condições de ficar lá, veio visitar o assentamento Ireno Alves e Marcos Freire, tinha um amigo ele que também morava lá e que tava também aqui. E se interessou, achou bacana e acabou vindo pra cá. A gente pegou todas as nossas coisas que tinha lá, vendeu o que a gente podia vender e uma boa quantidade de coisas a gente trouxe nos ônibus. Sofremos muito, se perdimos, porque daí a gente também não conhecia nada, não tinha o conhecimento. Então, pensa na história do pessoal que vem do Norte, hoje a gente vê, assiste essas reportagens e se identifica, né, com essa

população. Conseguimos chegar com muito sofrimento, tivemos que morar num barraquinho já de início. Chegamos a passar quase necessidade, mas graças ao trabalho, nós já trabalhava, roçando o capim, rolando pedra, o que tinha pra fazer na nossa frente a gente fazia, pra não passar necessidade. Em 2002, resumindo a história, nesse trecho, 2002 a gente veio, a gente, saiu a eleição de presidente para república, então, isso é interessante na história, a gente tava vendendo tudo as coisas, porque aqui também a gente não ia conseguir ficar, arrendatário, morando de agregado, né. Em 2002, o Lula, o ex-presidente Lula se elegeu e saiu esse acampamento na beira da BR e então, a gente tava indo pra São Paulo, uma cidade grande, onde meus primos hoje, a maioria se desviaram. Minha mãe com muito medo, eu lembro como se fosse hoje, muito medo de levar os filhos dela pra lá, a gente criado na roça, a formação nossa era aquela ali, então a gente tinha aquela inocência de simples agricultor.

Então, ela resolveu, depois de ter vendido um monte das nossas coisas já, resolveu encarar novamente o acampamento. E ela pegou minha irmã mais nova, meu irmãozinho que tinha, acho que, dois anos de idade, se não me engano. Meu irmão mais velho, outro guerreiro, que muito me orgulha, inclusive, falar nesse rapaz. Eles foram pra BR, levaram uma loninha furada, eu lembro que a gente rachou palmito, pé de palmeira pra poder fazer a estrutura do barraco. E levou uma lona que a gente trouxe do Paraguai. Eu lembro como se fosse hoje dele saindo bem no dia do aniversário dele, isso é bem marcante, né. Eles foram, tinha um pessoal embarcando pra lá e eles acabaram embarcando e foram. Fizeram barraco, a estrutura, eles ficaram três meses na BR. Eu, meu pai e o meu irmão mais novo que eu, ficamos no assentamento tentando ajudar eles no que a gente podia. Então, determinado dia, era meia noite, saiu o resultado, é uma longa história, mas a gente tentando enxugar um pouco, saiu o resultado e que eles iam tá ocupando a fazenda Araupel mais uma vez. É, eu me lembro que era frio muito frio, geada, extremamente frio. A gente embarcou num caminhão e fomos pra ajudar ele a desmanchar o barraco, fazer a mudança, fazer o transporte. É engraçado, que eu cheguei lá, a gente foi tirar a lona, tava empoçado, uma poça de água e tava praticamente congelada, né. E meu irmão não tinha, todo mundo desmanchando, naquela correria, e aquela água derramou nas costas dele e ele simplesmente congelou. Mas não podia parar, tinha que continuar, então ele passou aquela noite toda molhado, a

gente veio dentro do ônibus, a minha mãe tinha feito bastante bolinho frito pra poder, a gente não sabia quando a gente ia parar e muito menos quando a gente ia comer, né. Então acabou que não coube todos nós num ônibus só, a gente se separou da minha mãe, minha mãe procurava nós, nós procurava ela. Ela com os pequenos e eu e ele num outro ônibus. A gente veio, coube, teve caminhão que trouxe doze, treze barracos, ela veio enroscando no galho das árvore. Manhã gelada, frio mesmo, a gente dormiu em pé, às vezes escapava a mão do ônibus, porque o sono era muito forte, muito cansativo e a gente caia de quatro pé e levantava novamente. E toda aquela tensão, porque tinha toda a questão da fazenda, dos jaús da fazenda, dos guardas. E a gente tinha aquela tensão, porque todos os assentamentos, os acampamentos, antes de sair os assentamentos existia um conflito, assim como tem até hoje. E simplesmente, geralmente, o lado que morria era o dos assentado, acampado, assentado. Então a gente chegou nesse lugar chamado silo, um depósito grande da empresa Araupel, onde que era a granja que pertencia essa empresa. E ali ficamos por mais três anos. Dali, eu vim pra cá, pro acampamento, ajudar eles também. Meu pai e meu irmão mais novo ficou lá, a gente trabalhava com grande dificuldade. Sobra, realmente, pros arrendatários as piores terras, né. É, e daí surgiu a oportunidade de entrar na escola. Eu me interessei, na verdade eu ia pra Santa Catarina trabalhar. Minha mãe sofreu muito, chorou muito e enfim, eu entendia a situação dela e ela sugeriu “oh tem uma escola aí abrindo no acampamento, vá lá ver se você tem como trabalhar ali”. Eu tinha simplesmente o ensino fundamental completo, então, fui na escola, pedi as orientações lá, e o pessoal disse que em sala de aula não tinha naquele momento uma oportunidade, porque já estava bastante gente no coletivo e sobrou pra mim ser zelador da escola. E isso é com muito orgulho que eu falo, porque a gente aprende a base da vida do sujeito é o aprendizado, é a prática e limpei muito banheiro. Limpava as salas de aula, varria, e até um dia, um rapaz que tava naquele momento achou que eu tava fazendo castigo, porque eu tava limpando lá. Tinha isso pra quem fizesse algo errado lá, pra manter a disciplina, o respeito pra se manter, pense na quantidade de pessoas, cada um com uma diversidade de cultura, realmente tem que se ter uma disciplina, que é uma, isso faz parte da própria organicidade do próprio movimento. Se não, não tem como, pessoas oriundas de todos os lugares, todos os estados, vários países. E determinado dia uma professora não pode vir assumir a sala de

aula e me chamaram e assumi a sala de aula, e a partir daquele momento fiquei como sendo educador da escola itinerante. A primeira escola itinerante inclusive, não é, Sônia? É a Sônia faz parte desse processo. A primeira escola itinerante, a Sônia que tá aqui do lado, realmente, a gente dividiu a mesma sala, somos parceiros de trabalho, com grande dificuldade, não tinha diploma, mas grande vontade de ensinar. A gente via necessidade naquelas crianças que olhavam com o olhar triste, né, ao mesmo tempo alegre. Por que surgiu a escola itinerante? Simplesmente por necessidade, porque na cidade, onde a gente não é reconhecido como cidadão quedense, então os jovens que iam pra cidade, eles eram discriminados, essa é a verdade, então surgiu essa necessidade de ter a escola itinerante, a escola dentro do próprio acampamento, a primeira escola itinerante do Paraná, em estágio de aprovação. Então, a gente passou por esse processo, depois fomos educadores de escola itinerante durante três anos, né. Quando surgiu a oportunidade de ser coordenador da escola logo após assentamento, todos pelos pais, nunca fui indicado político, nada, nunca tive essa função de indicado político. Fiz magistério também, concluí em 2007, comecei a faculdade de história, terminei em 2010. Fiz três especializações, um em educação no campo, um em história e geografia e um em educação especial. Teve eleição pra diretor de escola, concorri e fui eleito. Trabalhei por dois anos nessa função, a minha profissão é professor. Hoje sou professor e depois de terminada a questão política ali, não teve mais eleição, me tiraram, enfim, foi um aprendizado, porque nem tudo que é negativo é o que te traz, você ter que abaixar a cabeça pra esse tipo de coisa. É, agora nesse ano passado, 2015, teve eleição novamente, 2016 teve eleição e concorri com uma outra professora que tava na direção da escola e fui eleito novamente. Então, é uma questão de honra, hoje, a gente poder fazer parte da Celso Furtado. Melhorou muito nossa vida e dá de ver no relato, que a gente não era nada, simplesmente não tinha perspectiva de nada, eu sei que minha mãe vivia preocupado com que a gente ia fazer no dia de amanhã. Então, com um assentamento, a gente conseguiu um lote, nunca é dado, não ganha lote com a reforma agrária, a gente conquista quando faz parte desse processo. Isso e o processo de convivência com as pessoas, eu sempre digo que isso é a faculdade da vida. Ela realmente forma o sujeito pra ser um sujeito humano, ela traz essa questão da humanidade, do companheirismo, porque todas as pessoas são iguais. Se teu vizinho tá passando fome, as vezes você também tá, você se ajuda,

pega um pouquinho de arroz daqui, um pouquinho de feijão. Então, você tem aquele companheirismo, mas isso faz parte de um processo de formação que graças ao movimento, essa organicidade do próprio movimento, que traz pra gente essa formação. E a gente vai se formando, estudando, a gente aproveitou essa oportunidade, a gente teve essa oportunidade, que a maioria não tem essa oportunidade de estudar, né, devido ao trabalho, devido a vida corrida. Aproveitou esse tempo, fomos estudando, estudando e hoje tamo aí, né, formados, graças a deus, atuando e trabalhando, inclusive, sou professor do estado, pelo PSS, dentro do próprio assentamento, trabalhei nas escolas da cidade, mas minha prioridade é o assentamento onde o público, o diálogo com esse público é mais fácil de trabalhar. E você pode realmente por a sua ideia, né, falar a respeito dessa organicidade, não deixar essa identidade morrer, e não deixar com que, a nossa principal luta hoje é que nossos alunos, nossos filhos, nossas crianças, não sinta vergonha dessa identidade. Porque a mídia é massacradora, a grande mídia, ela massacra, ela faz os próprios filhos sentir vergonha dos pais hoje dentro do assentamento. Então hoje, no assentamento Tomás Balduíno, meus irmão tão lá, e eles tão com esperança de também conseguir seu pedaço de terra pra sua família, para melhorar sua condição de vida, porque esse é o principal objetivo.

Porque o Movimento Sem Terra, na verdade, ele luta pra que não tenha Sem Terra, o povo fala cada vez aumenta mais o Sem Terra, Não, a ideologia pro movimento é pra batalhar que todo Sem Terra seja assentado e que você tendo seu pedaço de terra, você tem dignidade, construir uma dignidade, ter onde você morar, não precisar tá pagando aluguel, poder produzir também os alimentos pra sua família, acho que isso dignifica realmente o sujeito. E a educação, como dizia Mandela, é a arma que a gente pode transformar a sociedade, essa formação, eu adquiri dentro do próprio movimento, da própria luta, conhecendo, olhando, participando, vendo o sofrimento do povo. Então essa é um pouco do relato da história da minha trajetória dentro da identidade do povo Sem Terra.

BN: Muito obrigado, muito obrigado.

Claudemir Torrente Lima

Meu nome é Claudemir Torrente Lima, então é, fala um pouco, não tanto, da história de vida, mas mais da história um pouco antes da gente ingressar no MST né, nós viemos do Paraguai pra Quedas de Iguaçu em 1989 e meus pais pequenos agricultores é moramos aqui no interior de Quedas de Iguaçu né, comunidade Jardim Alegre e também no interior do Espigão Alto do Iguaçu, na época ainda era Quedas do Iguaçu, né, então, portanto era só, só Quedas, é, e o pai tinha um alqueire, um alqueire e meio de terra mais ou menos, terra bastante dobrada e né, a declividade bem, bem elevada e pouca fertilidade então era, era muito difícil a sobrevivência e nesse sentido em 96, é meu pai foi pro Rio Bonito né, tinha a oportunidade, tava se formando lá um grande acampamento do MST e meu pai foi pra lá em busca de um pedaço de terra, foi e ficou acampado no final daquele ano e eu e meu irmão continuamos aqui em Quedas né, é, meu irmão trabalhava, trabalhava aqui, tinha emprego com carteira assinada aqui na cidade e eu no, lá na água do meio, e no final daquele ano de final de 96, começo de 97, nós fomos

também lá pro Rio Bonito de Iguaçu, ficar junto lá com, com meu pai no acampamento e nesse, nesse, durante esse período de tempo lá acampado, nós tivemos então esse contato com o MST em si né, com um pouco da teoria do MST, eu acabei me envolvendo com o setor da educação na época, é, fui educador do EJA né lá no, nesse acampamento do Rio Bonito do Iguaçu e comecei a militância no movimento então naquele período, é, comecei também a, a fazer, fazer as lutas né, fui na época, fui propor, talvez por essa inserção lá no setor de educação, é acabei, acabei exercendo uma liderança nos estudantes lá de Rio Bonito lá do acampamento naquela época e fui eleito presidente do grêmio estudantil, formamos né, um grêmio estudantil de todos os estudantes da, da, lá do, do, do, que hoje é assentamento Ireno Alves dos Santos e Marcos Freire né, na época era acampamento ainda e aí assim que o pessoal se espalharam que foram pra cima dos lotes, a gente tinha um problema muito sério de transporte escolar né, que praticamente foi um município novo que se formou, a estrutura das escolas precárias, transporte não tinha né, o prefeito na época lá se negava a fornecer o transporte e eu com mais alguns alunos acabamos liderando lá uma luta pelo transporte escolar, pela construção dos prédios nas escolas né e com base nisso em 98, final de 98 o movimento, o MST me procurou, eu e meu irmão e chamou a gente pra gente é, exercer a militância mais, formamos um novo acampamento né que daria continuidade na luta que começou lá em 96, é nós fomos então, no final de 98 pra rodovia lá pra 158, começamos o acampamento, eu ainda não tinha 18 anos completo, tinha 17 anos e, e, né, quase completando 18, quase não 18, tinha 17 anos né porque fazia em agosto né, fiz 17 anos, em dezembro nós começamos este acampamento lá e aí é, o acampamento cresceu bastante né, cresceu rápido e quando foi em 10 de maio de 1999, a gente já tinha em torno de 1.200 famílias né acampadas e fizemos a ocupação aqui da área chamado Bacia né, hoje é a comunidade 10 de Maio né, e o acampamento também ficou conhecido como acampamento 10 de Maio, é uma lembrança né, uma alusão a data que foi feita a ocupação, na época nós enfrentamos um período muito difícil né, foi o segundo governo do Jaime Lerner e o segundo governo do FHC que foi considerado o período, o período mais repressivo da história do MST né, então foi aquele período, aqueles 4 anos que tanto o governo federal, o governo do FHC, como o governo do Paraná tinham assumido a tarefa, a missão de acabar com o MST, eles achavam

que através da repressão eles iam acabar com o MST, eles inclusive mandaram uma boa parte aqui do Paraná, né, uns dos principais comandantes da Polícia Militar do Paraná fazer treinamento em Israel pra poder combater os movimentos sociais e naquela época o movimento acabou definindo né três focos de resistência, como as pequenas ocupações tavam todas sendo despejadas com cerca como aconteceu lá na região de Querência do Norte, o movimento definiu três focos de resistência que era Quedas do Iguaçu, Cascavel né, com a Cajati e lá no município de Jardim Alegre, numa grande ocupação que tinha, foram as únicas três que resistiram, que não foram despejadas, justamente pelo volume de gente que tinha, pelo nível de organização e tudo mais, é, mas ainda sim né, várias tentativas de desocupação aconteceram né, é, era frequente a visita aqui de, de um contingente alto de policial pra tentar fazer a desocupação a, e essa repressão, ela acabou tendo em frentes diferenciadas né, mas aqui em Quedas, teve aqui um, um, nesse período um judiciário extremamente dedicado nessa tarefa aí de criminalizar os movimentos sociais, a gente tinha um delegado de polícia também com essa função né, que era o Doutor Ítalo Biancardi Neto na época, promotor de justiça muito alinhado com o delegado e o juiz também, então assim aconteceram os maiores absurdo né e nesse período aconteceu o despejo ali da Solidor, que era um assentamento já antigo, onde mais de uma dezena de assentados foram presos e aqui no nosso acampamento na época do acampamento 10 de Maio é, nesse, com esse trio aí trabalhando junto saiu 23 mandato de prisão né contra lideranças do acampamento, dos 23, eu fui um que fui preso, eu e outro companheiro Jair Lazareti, nós fomos presos, eu fiquei 23 dias preso e ele ficou 21 dias preso, inclusive eu não tinha completado ainda os 18 anos né, completei 18 anos dez dias depois que eu saí da cadeia, saí dia 18 de agosto e faço aniversário no dia 28 de agosto, é voltamos pra cá, continuamos a luta né, é, e enfim esse período de repressão só findou depois que, final de, no começo de 2002 né quando o presidente Lula tomou posse e aqui no Paraná o Requião né que virou governador do Paraná tratou de dialogar com os movimentos sociais, buscar saída pra fisca, enfim, foi adotada aí uma política progressista pelo governo do Paraná e também pelo governo federal, então nesse sentido e também já nesse novo cenário aconteceu a ocupação do silo que foi em 2002 e massificou pela expectativa que todo mundo tinha de que o governo Lula faria Reforma Agrária numa canetada né como era, o Lula falava no começo depois

quando ele assumiu ele viu que não é bem assim né que você tem o Estado de direito né que é um caminho colocado que não tem muito como fugir, você pode ir ajustando, mas pra mudar a legislação depende do Congresso Nacional pra poder avançar você depende do judiciário também onde nosso judiciário é um dos mais conservadores que tem, um judiciário voltado pra proteger a propriedade privada né e enfim, aqui conseguimos avançar nesse sentido né, foi criado então o assentamento Celso Furtado em 2004, na verdade começou as negociação em 2002 é, acabou a negociação de, de, de aquisição não avançou por causa da titulação da área né porque a procuradoria da União já tinha né ressalvas, já tinha, uma, uma, já defendia a nulidade desse título e assim a União não podia adquirir, na época a União fechou negócio com a Araupel por 135 milhões de reais mas esse negócio aí foi barrado pela procuradoria justamente porque tinha essa discussão aí da titulação né, da validade dos títulos e nesse sentido em 2004 então a União propôs uma ação, uma ação é que declarava, uma ação que visava declarar a anuidade dos títulos e conseguimos a liminar né que possibilitou a criação do assentamento Celso Furtado, é eu, nesse período comecei a fazer o curso de direito, então não, até por incompatibilidade do estudo com a função que eu exercia até então de dirigente do movimento, eu acabei me afastando da função de dirigente do movimento do MST e fui me dedicar aos estudos né, comecei o curso de direito, em 2003 na verdade, não foi em 2002, foi em 2003 e durante esse período né continuei militando mas não era né, não exercia a função de dirigente, é em 2008 aí, em 2004 né, não acabou saindo, período 2004-2005, entre a emissão de posse, a seleção de famílias, concretizar o PDA do assentamento que é o plano de desenvolvimento do assentamento, em 2005 é que acabamos sendo efetivamente assentados né, durante esse período continuei estudando, em 2008 aí é eu me candidatei né, já tinha me candidatado na verdade na eleição de 2004, não fui eleito né, fui o mais votado do partido na época mas não conseguimos fazer legenda, em 2008 eu fui candidato e também o companheiro da época do acampamento o Silas né que o companheiro Silvano, fomos candidatos e fomos eleitos né e a partir de 2009 começamos a exercer então o mandato de vereador é em 2009 também, na metade de 2009 eu concluí o curso de direito né e no começo de 2010 fiz o exame da ordem e passei e comecei a atuar como advogado é, estamos aí findando dois mandatos de vereador né, oito anos, tanto eu como meu colega Silvano e durante

esse período tivemos aqui muitos desafios né é, um deles, aliás a maior parte deles girou em torno do assentamento porque o assentamento Celso Furtado foi feito na área que era da Araupel, uma área praticamente deserta né, que não tinha nada construída em cima, então passou desde o começo né, do começo da estruturação do assentamento é, em ajudar, em dar voz ao assentamento em possibilitar de alguma maneira ajudar a luta das famílias por moradia né e foi conquistada, foram construída em torno de 1.100 moradias, é pela implementação do programa Luz para todos que foi implantado e hoje tem luz elétrica pra todas as famílias do assentamento a, pela busca de recursos, de investimentos né e chegou aqui mais de 21 milhões de créditos em investimentos pra pode fomentar a produção do assentamento, é e a luta inclusive pra buscar recursos pra poder viabilizar a estrutura comunitária né como é unidades básicas de saúde no próprio PDA foi feita a gente teve um mínimo de planejamento como que é que precisava ser o assentamento e geograficamente ele foi distribuído em algumas, em três regiões né, em três grandes regiões é, essas regiões depois foi subdivididas em comunidades de acordo com afinidades das pessoas né e hoje tá em torno de, não me lembro se é 14 ou 15 comunidades que tem no assentamento Celso Furtado mais é todas essas comunidades estão é, subdividas, aliás são subdivididas em comunidades mas elas são divididas geograficamente em 3, 3 regiões né, que é a região do Sila, onde era antigamente o acampamento do Sila, a região da bacia que onde era o antigo acampamento 10 de Maio e a região da Margareth né que tem várias comunidades e a comunidade central hoje é a comunidade Bom Jesus, na região da bacia a comunidade central é a comunidade 10 de Maio e a região do Sila a comunidade central é a comunidade Renascer né, então o que se pensou na época do PDA já é que nessas três grandes comunidades tivesse a estrutura, uma estrutura mais avançada né mais uma estrutura básica pra atender todas as famílias, uma estrutura de saúde, educação, né, basicamente isso e na luta pra que isso fosse concretizando nós conseguimos né viabilizar durante esse período aqui a instalação de três unidades básicas de saúde por exemplo, a do Bom Jesus né que foi a primeira, foi instalada pra atender a região da Margareth, a unidade básica de saúde da comunidade 10 de Maio que visa atender as outras três comunidades, num total de quatro comunidades em torno de 300 famílias na região da bacia né e uma unidade básica de saúde é que está sendo construída, tá em construção na

comunidade Renascer né pra atender as famílias dessa região em torno de, no geral em torno de 300 a 400 famílias em cada região dessa é essas três grandes, essas três regiões também foi projetada né, foi pensada no PDA pra que tivesse a educação desde pré até, até a conclusão do ensino médio e ensino profissionalizante né, então é na comunidade Renascer, na comunidade Renascer tá sendo construída, tá em construção ainda o Colégio Chico Mendes que já se arrasta por algum tempo é, na comunidade 10 de Maio a estrutura física desse, desse colégio ainda não foi construída, não foi começado né mas ele funciona né, ele já funciona na estrutura que na época do acampamento foi improvisada, ela funciona até hoje mas tem a escola funcionando desde o pré, até, dos anos iniciais até o ensino, final do ensino médio né, conclusão do ensino médio e também lá na comunidade Bom Jesus né também tem a escola que funciona na mesma estrutura da escola municipal né mas tem também a escola em funcionamento desde o pré a conclusão do ensino médio, é nós temos, foi construída né algumas escolas municipais nos primeiros anos ali de, de, de assentamento durante ainda o governo Chmiel, prefeito Chmiel né com recursos do governo do estado foram construídas é, se não me engano sete escolas, algumas foram desativadas né e outras continuam em funcionamento, é, essas escolas não foram construídas nem na comunidade 10 de Maio e nem na comunidade Renascer e essas escolas municipais, daquela leva né, na comunidade Bom Jesus foi construída e lá até a escola estadual funciona junto, no mesmo prédio, em horários alternados também foram construídas né, naquela leva a escola na comunidade Nossa Senhora da Aparecida, na comunidade Nova Esperança, na comunidade 12 de Julho, na comunidade dos orgânicos e na comunidade Campo Novo né foram construídas a estrutura física das escolas municipais, agora tá em construção né, duas escolas municipais com recursos do governo federal, com um projeto bem mais arrojado né, bem mais completo num modelo padrão, a escola municipal é Luís Carlos Prestes que é na comunidade 10 de Maio né e a escola municipal aqui na comunidade dos, Roseli Nunes, se não me engano, na comunidade Renascer, também tá né, num bem, em estágio avançado de construção e também conseguimos né, eu estabeleci uma parceria no primeiro momento com o Deputado Federal Doutor Rosinha, depois, agora com o Deputado Zeca e conseguimos várias emendas né, desses dois deputados aí é, finalizando oito anos com oito patrulhas agrícolas entregues né, qual que é o objetivo dessa

patrulha agrícola, é estimular a produção porque quem conseguiu um lote e os lotes são pequenos né, em torno de 4, 5 alqueires cada um, primeiro pra comprar um trator o valor é alto né, então um pequeno agricultor, um assentado não consegue comprar um trator só pra ele, é e também não viável né, não é viável um trator com todos os equipamentos só pra uma propriedade, então a ideia é que funciona através de associação que atenda aí de 30 a 50 agricultores né e nós incentivamos a criação dessas associações, muitas delas foram criadas né e de todas as que foram criadas, através do meu mandato nós conseguimos atender oito, né, oito foram entregues oito patrulhas agrícolas completa pra atender esses grupos de agricultores, através do mandato do vereador Silvano em maio e as parcerias também que ele estabeleceu né, primeiro com o Deputado André Vargas, agora tinha aí uma parceria com o Toninho, ele conseguiu entregar, se não me engano, três patrulhas né, então ao total foram 11 patrulhas entregues é, dez aqui no assentamento Celso Furtado e uma no assentamento Rio Perdido, que tem ajudado muito aí a potencializar a produção né e claro combater um problema que a gente tem que é o arrendamento que queira ou não queira é acaba tendo justamente por isso, porque as pessoas não tem maquinário, não tem equipamento e quando depende de alguém de fora pra prestar esse serviço, essa pessoa que tem os maquinários, geralmente já tem a sua lavoura também né e vai atender prioritariamente a sua lavoura pra depois prestar o serviço fora da propriedade e muitas vezes acaba perdendo a planta né, as vezes, acaba perdendo uma produção depois de pronta que não consegue colher quem, é, a maioria que trabalha com leite é precisa fazer a silagem então se não tem essa patrulha agrícola vai procurar alguém pra fazer e não encontra a, o produto passa do ponto da colheita né, acaba perdendo e depois tem reflexo na produção do leite né, no inverno quando não tem pastagem, então essas patrulhas agrícolas a gente entende que é fundamental né, nós tivemos um avanço muito grande durante esses oito anos de mandato, mas é preciso continuar né, é preciso é, hoje tem com o novo assentamento né, que está sendo criado ali que o Leoniver Oback, em torno de 1.200 famílias, então são poucas ainda, porque as patrulhas atendem em média 50 famílias né, passou disso já fica muito, a gente precisaria ter o dobro ainda né, tem muito desafio ainda pra quem vai assumir essas funções, essas tarefas aí pela frente e o principal, a decepção nossa durante esses oito anos, minha principalmente que não sou

candidato a um terceiro mandato de vereador é em relação as estradas né, porque as estradas pro agricultor é fundamental, não é luxo né, ela é fundamental que, pra quem mexe com a produção de leite diariamente os transportadores de leite precisam circular pra coletar a produção que não coleta, o agricultor perde a produção, então a estrada é fundamental pra isso e nós tivemos aí é uma conquista que foi um convenio né através do INCRA pra fazer a readequação e cascalhamento em todas as estradas principais do assentamento mas por outro lado tivemos a decepção de não ter a manutenção dessas estradas pela administração municipal, depois de pronta né daria muito trabalho de manter mas esses trabalho não foi feito, não foi feito a manutenção e hoje todas essas não, é foi feito é, 235 quilômetros, se não me engano, ou readequado e antes tinha sido feito mais de 100 quilômetros de cascalhamento né, com recursos do governo federal, isso não foi dado é manutenção né, podia tá até hoje impecável, mas não foi dado manutenção e quase tudo se perdeu, então hoje os agricultores do assentamento sofrem muito, é o gargalo, é o ponto crucial, é a questão das estradas e aí não falando ainda da questão do acesso à moradia né, das entradas, que não foi feito praticamente nada, durante, durante os três mandatos que se passaram por aí, tanto do ex prefeito Chmiel quanto do atual prefeito de Jacaré durante oito anos e é mais uma coisa né, as entradas principais claro é se tem o transporte de alunos, tem, tem todo o transporte mais, o transporte da produção de leite depende do transporte de acesso porque se tiver chovendo o transportador de leite não consegue chegar na casa do agricultor pra pode coletar a produção né, então e isso foi feito muito pouco né, durante todo esse tempo então essa é uma, é uma, uma decepção do nosso mandato assim por a gente não ter conseguido avançar, a gente sabe que não é uma função do vereador, o vereador não tem, não tem né o poder de arrumar estrada, de pegar maquina, de pegar a patrola, trator de esteira e ir lá fazer, a gente tem né a, o dever né e o direito de cobrar a administração de fazer isso e nós fizemos mas infelizmente não fomos atendido durante esse período, é mas no mais acho que conseguimos grandes conquistas, muitas coisas tá sendo feita, nós temos muitos desafios pela frente né, temos aí no município né, um grande acampamento que é o Dom Tomás Balduíno é, quase mil famílias né, uma parte hoje tão lá na fazenda da dona Hilda que é o mesmo processo judicial, é faz parte da mesma ação que foi ingressada lá em 2004 e que teve uma decisão agora no ano passado, onde

a justiça reconheceu a nulidade dos títulos e houve decisões posteriores, inclusive liminares que depois foram derrubadas né pelos advogados da empresa Araupel que determinava a criação imediata do assentamento, então de três liminares, duas foram derrubadas, uma permitia a criação do assentamento Tomás Balduíno, uma do assentamento Vilmar Bordin da Dona Hilda e uma do assentamento Leonir Oback na Três Velas, a única que não foi derrubada é essa das Três Velas, portanto avança né, tá avançando o processo de criação do assentamento, os outros, as outras duas tão aguardando aí o desenrolar dos recursos né que tramitam lá no TRS em Porto Alegre e nós estamos aí então num momento decisivo que é essa que vai se aproximando da campanha eleitoral pra mais um mandato, onde a gente espera que, sem barganha, sem aquele tipo de política clientelista, de favorecimento pessoal, a gente consiga canalizar e que os assentados consiga também eleger vereadores que continuem representados né os interesses das famílias do assentamento mas também que a gente consiga um prefeito que veja o assentamento com a potencialidade que tem né, que vê o assentamento como um lugar de hoje produz e movimenta a economia local com mais de três milhões de reais por mês fruto da produção de leite, só da produção de leite, sem falar da produção agrícola que é cada vez maior né e produção de bovinos, produção de suínos, e produção de hortaliças que sustenta a economia local mas infelizmente, pelo poder econômico da empresa Araupel que banca é os meios de comunicação local e regional acaba fazendo uma lavagem cerebral na cabeça da maioria das pessoas que não enxergam esse lado do assentamento né e isso inclusive reflete com a maioria dos políticos no município, nós tivemos uma dificuldade muito grande durante esses oito anos quando o assunto era assentamento, as vozes que se ouviam, eram somente a minha e do vereador Silvano, os outros silenciavam e a gente sente na maioria dos políticos que vê o assentamento, um local é, aonde não se espera muita coisa e que, seria como um peso né, só sabem reclamar, dizer que depois que teve o assentamento aumentou o gasto com saúde, com educação né, com a estrada que é um outro município que tá se criando mas não enxerga o que foi trazido, só pra citar um dado por exemplo, em 2000 Quedas do Iguaçu tinha uma frota de veículos de 4500 veículos, hoje tá já faixa de 15000 veículos e esse crescimento se deve em boa parte aos assentados que hoje tem poder aquisitivo e conseguiram comprar e o que isso significa, significa muito mais oficina mecânica,

muito mais emprego nessas mecânicas, muito mais postos de combustíveis vendendo é, muito mais IPVA, é uma das fontes de arrecadação do município é o IPVA e assim vai, assim segue em todas as áreas né, o comércio hoje seguramente mais, em torno de 30% das vendas do comércio em geral é pros assentados e isso fez com que aumentasse né o volume de, o volume de vendas, e precisa de mão de obra, precisa gerar mais emprego, é uma corrente né, então material de construção é a mesma coisa né só em casas foram em torno de, é, em torno aí de 20 milhões de reais em construção de moradia mais 20 milhões em investimentos, que boa parte disso também é material de construção, imagine quanto isso girou né, nas lojas de materiais de construção da cidade, mas isso infelizmente hoje não é reconhecido porque a imprensa tem se dedicado a desinformar né, a mostrar, dar a impressão que a cidade é totalmente dependente de uma empresa né, que é a empresa Araupel, e nós sabemos que a realidade né, da empresa Araupel o único recurso que fica no município é a folha de pagamento, que é o dinheiro que o funcionário ganha e ele vem gastar no comercio, o restante nada é aplicado aqui né, nada fica na cidade, tudo é, vai pra fora e a geração de impostos né que prega também não é verdade, é um dos que menos arrecada ICMS na região se comparado com qualquer outro município, inclusive se fazer a comparação de população né tem municípios aí que quase empata com a gente em arrecadação de ICMS e tem a metade da população de Quedas do Iguaçu, então a, mais precisa né que se mude essa visão, precise que entre um prefeito que enxergue esse potencial do assentamento, isso ajuda no município e é isso que a gente espera.
BN: Muito obrigada, muito obrigada.
CTL: Não sei se vai ajudar em alguma coisa.

Milton Rocha da Silva

MRS: Meu nome é Milton Rocha da Silva, tenho 47 anos sou de, vim de Foz do Iguaçu, mas de Foz nós, eu fiz o primeiro cadastro lá em Rio Bonito do Iguaçu e só que daí devido que a gente, nós morávamos em Foz e a família não venho pro acampamento na época, nós teríamos que pagar água, luz e aí não tive condições financeiras pra continuar aí tive que voltar a trabalhar em Foz novamente aí

entramos numa crise, vendimos tudo o que tinha aí fomos pra Blumenau aí em Blumenau aonde fomos trabalhar aí vim visita meu pai que ganhou terra lá em Rio Bonito do Iguaçu aí cheguei lá tinha um acampamento, eles estavam acampado lá na BR, lá em Rio Bonito aí tinha aquele acampamento lá e nós tava passando uma crise grande em Blumenau aí procurei entrar no acampamento naquela época só que não tinham vagas no momento, aí voltei, voltei pra Blumenau, aí meu irmão ligou pra mim falando que eles vieram, que aquele acampamento veio pra Quedas do Iguaçu aí eu vim acertar uns rolo do carro que eu já tinha vendido aqui em Rio Bonito do Iguaçu e devido que tava desempregado lá com as condições financeiras bastante precária aí vim correndo pro acampamento, aí cheguei ali também não tinha vaga, já não tinha vaga mais, eles tavam colocando o pessoal de Quedas do Iguaçu que tinha cadastro aqui mas pela graça de Deus deu certo e eu consegui fazer o cadastro, aí já liguei pra minha família né, liguei pra minha esposa e falei: já fizemos o cadastro, fiz o cadastro aqui e vou buscar vocês pra vim pra Quedas do Iguaçu, aí fui, fui, cheguei lá, a situação financeira bastante precária com poucos dinheiro, tudo que a gente tinha era um lotinho lá, aquele lotinho nós trocamos a troco de um, de um Passat, e daí nós viemos, tudo o que a gente tinha; nós aí chega, só que a minha intenção era pegar e deixar minha esposa na casa do meu pai que era assentado no Rio Bonito e eu vinha enfrentar os barracos, só que isso não deu certo porque ela também queria fazer parte dessa luta, desse movimento né, aí fui e busquei ela, aí viemos, aí fizemos um barraco ali no Silo aonde a gente começamos uma luta, porque até então nós não tinha muito conhecimento com as pessoas ali você, e era em torno de 2.220, 2.300 famílias cadastrada no momento, então era gente pra tudo lado porque era um movimento grande, muito grande e nós chegamos ali sentindo um pouco perdido, uma ventania que Deus o livre e a gente fazia barraco, fazia os barracos sem muita experiência pra fazer barraco, fazíamos barraco e aquele vento vinha e derrubava todos os barracos nossos e passamos por várias construções de barraco pra moradia, molhando todas as coisas que a gente tinha dentro de casa e só que a gente nesse entanto a gente foi se enquadrando dentro do movimento né, ela como a gente tinha, a gente já conversava anteriormente que o movimento precisava de pessoas que tivesse um pouco de desenvolvimento né pra se colocar em disposição pra ensinamento lá porque lá não tem, já não chega esse pessoal como professores, como pessoas aptas pro ensino

né, então tem que ser aquelas pessoas que tem mais vocação daí como ela tinha vocação ela chegou e já foi se enquadrando né com Denílson, foi se enquadro com esse pessoal que fazia parte do setor de educação e pra mim foi ótimo, pra mim foi ótimo porque, por que até o momento eu é, eu tinha uma preocupação interior né minha, o que que eu poderia fazer com a minha família debaixo de um barraco, nunca tinha visto é na minha mente a minha família debaixo de um barraco de lona, então tinha aquela preocupação e não só debaixo do barraco, como passando as aprovações do dia a dia, aquela quantidade de gente, pessoas vindo de várias maneiras da sociedade discriminada na sociedade porque o movimento Sem Terra ela é formada de pessoas discriminadas da sociedade, são pessoas que moram em favela, são pessoas que estão desempregados, pessoas que ela não tá, a cidade não tá comportando essas pessoas, as pessoas sem saída vem e se enquadram no movimento e ali tinha essas quantidades de pessoas, aquele movimento grande e minha família ter que pegar eu e a minha preocupação era essa porque não tem, não tinha água suficiente, não tinha lugar pra lavar roupa suficiente, se quisesse tomar banho tinha que descer lá no rio, tomar banho de água fria, tinha que lavar roupa lá no frio, na água fria, né e isso é uma quantidade de pessoas, é uma quantidade de pessoas então se torna um, uma quantidade de pessoas num lugar pequeno e sem preparo pra recepcionar aquela quantidade de pessoas né, mas graças a deus ela se enturmou nesse setor de educação aonde ela ocupou a mente, a mente dela em ajuda ao próximo né, e eu também, eu também fui me encaixando né, a gente passou umas dificuldades financeiras porque nós tínhamos só o carro de lá, a única coisa financeira que a gente tinha era aquele carro, então não teve alternativa a não ser com o meu carro, nós vendimos, conseguimos vender o carro né, conseguimos vender o carro e aí nós fomos se alimentando daquele carro, fomos se alimentando daquilo que nós tínhamos e trabalhando desde quando a gente pegava e colhia feijão, ia prestar serviço e ela foi se enturmando também no setor, nesse setor aonde os primeiros tempos trabalhou de graça né, trabalhou pra formar o setor de educação, ela faz parte do início desse setor da educação onde só era o barraquinho de lona né, onde era só os aluninhos e os professores era um sofrimento tremendo né, então ela se enturmou ali e eu também me adaptei e me enturmei aonde passei a ser coordenador de brigada, primeiro comecei a ser coordenador de um grupo de dez pessoas né e aí depois passe a ser coordenador

de um grupo de cinquenta e aí a gente teria o papel de trabalhar com essas cinquenta pessoas, com essas cinquenta famílias e não é fácil, não é fácil porque você vai ter que lidar com pessoas de diferentes situações então tem seus problemas, os problemas financeiros que todos tinham a sua realidade, os problemas de família que cada um tem sua formação de família então você convive com várias famílias, muitas vezes pessoas de favela, pessoas que a sociedade já discriminou, discriminado pela sociedade né, crianças, crianças briguentas, crianças né, com palavrões, crianças sem formações porque foram criadas em favelas, então nós crescemos né, nossos filhos cresceu ali junto com aquelas crianças, então foi uma dificuldade tremenda, porque pra você pegar a água, você tinha que pegar fila, era uma filona super imensa, pra, a construção de banheiros, então imagina aquela quantidade de pessoas, a disputa por espaço, a disputa por plantio, depois nós conseguimos uns lotinhos pra plantio, as disputas por plantios então foi, e você tem que conviver com aquelas pessoas, sem contar assim, você tem que conviver de uma forma dinâmica, de uma forma é pra não arrumar confusão, porque, porque dessas duas mil e trezentas famílias o trabalho do movimento é uma reciclagem de famílias, uma reciclagem de pessoas, então vem essa quantidade de pessoas pro movimento mas tem pessoas que não se enquadra, ela vem, ela vem colocando a forma dela ser, muitos roubam, muitos brigam, muitos bebem e tomam decisões precipitadas e essas pessoas são excluídas novamente pros seus lugares, entende, então você passa por essa reciclagem, essa reciclagem é formação de pessoas e eu como líder de cinquenta famílias, tava na minha mão também essa, fazer essa reciclagem, então quer dizer, a partir desse momento você também fica, você também se coloca numa situação perigosa porque, porque você tem que fazer essa reciclagem, muitas vezes você tem que expulsar pessoas que tomam decisões, pessoas que roubam, pessoas que, que, que não respeita a família, então você tem que fazer essa reciclagem pra crescimento do movimento, mas Graças a deus, esse movimento ele vem diminuindo, essa reciclagem vem diminuindo essa quantidade de pessoas aí quando nós chegamos no período, no período de, porque nós viemos recebendo formação dentro dos movimentos, vem pessoas trabalhando com a gente, formando, formando a mente da gente é, ensinando até como plantio porque quando às vezes as pessoas olham pelo movimento, pelas pessoas que estão assentadas hoje e fala assim, mas não tem perfil de agricultor, mas nós não temos

perfil mesmo porque nós sempre fomos bóias frias, nós sempre fomos bóias frias, nós ganhávamos pouco pra fazer determinado serviço, um bóia fria, o que que o bóia fria faz, o bóia fria vai carpir a soja, o bóia fria vai carpir o feijão, o bóia fria não sabe, não soube como plantar o feijão porque ele tá, ele foi formado naquele setor né, então, aí vinha gente formando a gente, trabalhando junto com o movimento, junto com o pessoal né, e nessas formações vem crescendo aquelas pessoas que tem interesse, o perfil pra roça, a fim de respeitar, afim de trabalhar, se colocando como perfil de agricultor e as pessoas que venho pra roubar, que venho pra, não significa que não tenha pessoas nesse perfil no nosso meio, tem, tem pessoas ali que roubam, tem pessoas que tem seus problemas, mas é que nem eu falo, nós viemos de uma sociedade discriminada, nós viemos às vezes, às vezes venho lá da favela justamente o ladrão, justamente as pessoas com problemas mas ela teve uma formação, uma mudança de quadro, o movimento trabalha em transformação dos seres humanos então as pessoas mudaram seus quadros foi colocado na mão das pessoas uma responsabilidade, foi colocado na mão de cada um de nós é um, uma terra, quer dizer é a sociedade, o movimento trouxe pra gente uma fatia de participação dentro da sociedade e de discriminados, (pode continuar) nós viemos de discriminado e nós viemos a fazer parte de uma fatia, de uma luta do movimento porque cada um ganhou um pedaço de terra, cada um ganhou, ganhou assim uma, como é que eu falo, cada um ganhou uma forma de sobrevivência, cada um ganhou um voto de, da sociedade, falou, não, você vai ser um agricultor dessa parte da terra, você vai ser agricultor dessa, você vai ser agricultor dessa, sabe o preço, as vezes as pessoas olham pro movimento hoje e falam assim, ah, mas é fácil a pessoa saí de lá e vem ocupar a terra dos outros, não, nós não, nós pagamos o preço, nós pagamos o preço, nós sofremos, nós enfrentamos geada nos lombos em guaritas, nós batalhamos, entendeu, nós somos reciclados, entendeu, nós passamos por vários discriminação da sociedade de Quedas de Iguaçu, passamos por discriminação na sociedade de Quedas de Iguaçu, nós ia na cidade de Quedas de Iguaçu com nossos bonezinhos vermelhos, nós éramos discriminados sim entendeu, é, e mas ganhamos, só que houve uma, é, ganhamos mas em partes porque quando nós chegamos na época de divisão dos lotes, essas 2.300 famílias que já tinha começado, ela já só tava em 1.110 famílias, só que só 40% dessas famílias foram beneficiadas, 60% dessas famílias ainda foram discriminadas, no

caso, ainda, não, quer dizer não comportou, não comportou essa quantidade de terra pra essa quantidade de família, então o que que fez, aí você teve que selecionar 40% de família agora você imagine se a parte de um coordenador de brigada, você ter 50 famílias e você ter que pegar 23 famílias e assentar 23 famílias, aquelas outras, aquelas outras 27 famílias que sobrou, ela te detesta, ela te detesta porque ela lutou com o mesmo, com a mesma ênfase, com a mesma garra que aquelas outras, mas sobrou na nossa situação pra que nós tomasse essa posição aonde foi favorecida as pessoas que tem filhos, aonde foi favorecida as pessoas mais sofridas, aonde foi favorecida as pessoas que mais precisava da terra no momento, as pessoas que mais se dedicavam pro crescimento do movimento né, aí fomos, ganhamos a terra, só que não ganhamos completo porque ficou 27% né, 27 famílias de cada 50 famílias, ficou 27 famílias pra trás, quer dizer nós teríamos que continuar na luta, só que nós fomos pra cima da nossa terra, as pessoas ficaram revoltadas aonde houve a destruição do Silo, a destruição de mercado, aonde colocaram fogo em carro, houve a revolta, a revolta desse percentual de 60% daquelas pessoas assentadas no Silo, 60% não foram beneficiada, então houve uma revolta muito grande. BN: Quantas famílias foram assentadas? Foram quatrocentos e sessenta e alguma coisa. Das mil e pouca? MRS: Das 1.100 famílias, então aí, essas outras que não foram assentadas se revoltaram, aí quebraram mercado, quebraram o silo, marcaram pessoas então houve um certo exagero da personalidade deles até porque todos acreditavam que ganhariam sua terra, aí muitos voltaram para suas terras, para suas cidades, porque que nem eu falei, tava conversando anteriormente, é quando eu vim pro movimento eu passei por várias atribulações, vontade de desistir, vontade de voltar, mas voltar pra onde, a gente não tinha pra onde voltar, voltar pra casa dos familiares seria humilhante, voltar pra cidade da onde venho que tava desempregado ia continuar desempregado, sem sonho, sem projeto, mas dentro da luta você tinha um projeto de conquistar a terra, aí vem a frustação dessas quantidade de pessoas que não conquistaram essa terra, voltar pra onde, teve que voltar pro desemprego, teve que voltar pra sua cidade, teve que voltar pra um campo de humilhação porque muitas pessoas torcem contra aquelas pessoas que estão na luta, voltaram pro seu campo de discriminados, outras quantidade ficaram em volta do silo, ficaram ali em volta do silo, as vezes as pessoas reclamaram depois assim, mas aquele povo lá tá

estorvando construção de colégio, ta estorvando aquilo, ta estorvando isso, mas de uma forma de chamar atenção, de falar nós estamos aqui, nós queremos também nossa terra, nós batalhamos, nós queremos ainda, aí houve, houve depois do assentamento, que assentaram 40%, aí houve uma luta aonde foi assentado as pessoas do corredor, que a princípio, a princípio Celso Lacerda falou que existia uma falha mas não liberava o corredor, existia uma falha se ele liberasse o corredor, mas a pressão, porque tudo funciona da seguinte forma, tudo funciona na luta, na garra, na determinação porque sabe, cada um sabe porque luta, ele luta porque necessita, a gente não tá cobrando uma coisa que a gente não necessita, a gente não tem saída, então eles não tinha saída, eles lutaram até que cederam o corredor, onde foram assentadas mas 110 famílias né, que foram beneficiadas, satisfeitas, apesar de que o movimento fez a luta, o movimento teve a garra, a determinação pra luta sofrendo a discriminação, sofrendo suas perseguições dentro de Quedas de Iguaçu que até hoje, até o momento ainda sofrem né, mas o movimento fez essa luta e está assentado esse povo, hoje, hoje vivemos, vivemos, cada um tem sua casa né, esses 110 famílias ainda não conquistaram a sua casa porque o INCRA, o INCRA não tem conseguido desenvolver um trabalho que nem foi prometido que aqui seria o maior assentamento, seria o mais belo assentamento, teria todo o desenvolvimento porque ia ser os espelhos da Reforma Agrária né, e isso colocou uma ilusão, vivam a ilusão, as vezes somos cobrados como espelho, o movimento, o povo são cobrados como um espelho, mas o INCRA tem sido, tem sido lento, quase parado relacionado ao povo assentado, muitas vezes o povo assentado tem arrendado terra, discriminado por arrendar terra mas não tem outra saída, o comércio de Quedas do Iguaçu relacionado ao plantio, relacionado ao movimento da agricultura tem trancado as portas pro povo assentado, o povo assentado ultimamente em cooperativas dentro de Quedas de Iguaçu só compra se for no dinheiro, ele tem trancado as portas pra turma do movi da, da, é a turma assentada entendeu, pro crescimento de que, visando o que, visando arrendamentos de terras, porque, porque é muito fácil um granjeiro grandão chegar lá e comprar na cooperativa porque ele tem, ele tem algo pra deixar empenhorado e nós da luta não temos nada pra deixar empenhorado porque as terras é do movimento, as terras é do INCRA, a terra é da União, nós não temos nada pra empenhorar, então eles, aí aumenta, aumenta o crescimento dos granjeiros, de pessoas que vem arrendar

terra, o INCRA entra protestando contra os agricultor, a sociedade fala mal de nós lá dentro porque nós arrendamos a terra, mas ninguém vai na raiz do problema e vê que é uma falta do INCRA, da responsabilidade que ele falou que teria com nós, não investe nada dentro do movimento, dentro da luta dos, que nós que estamos assentados, então nós não temos recursos aí a sociedade simplesmente critica, mas nós que estamos sofrendo com isso, nós sabemos, eu tenho vontade de plantar meu lote, todos os agricultor lá tem vontade de plantar seu lote, mas um plantio é caro, hoje pra você comprar um saquinho de 20 quilos de milho pra plantio você paga 500 reais no saco, pra você vender um saco de 50, 60 quilos pra cooperativa você vai vender ali, até esses tempos atrás o preço do milho era 20 reais, você paga 500 reais pra comprar um de 20 Kg pra plantar e vende um de 60 Kg por 20 reais, hoje aumentou o preço, tá 30 e pouco reais, mas agora você imagina, se for pra 30 e pouco reais, imagina quanto nós vamos pagar pra plantio novamente e produzir 20 kg, então o movimento fez sua parte, o movimento é guerreiro, a turma do movimento tem seus problemas, tem, tem suas dificuldades, têm, as turmas falam em muitas vezes que tem pessoas mal intencionadas dentro do movimento quanto tem pessoas mal intencionadas dentro da política, quanto tem pessoas mal intencionadas dentro das igrejas, quanto tem pessoas mal intencionadas em todos os seus lugares, tem pessoas mal intencionadas também dentro do movimento sem-terra, isso tem, só que a população, eles preferem cobrar dentro do movimento, porque, porque vai ofender nós pequenos, nós pequenos que não temos nada a vê com a luta, entendeu, então, tem seus problemas, tem, mas o movimento tem trabalhado, graças ao movimento nós conseguimos ser assentados, a bacia conseguiu uma quantidade de pessoas que foram assentadas, nós conseguimos, aqui dentro do Celso Furtado, é mil, mil e cem famílias foram assentadas, estamos conseguindo assentar mais esses acampamentos né, então o movimento ele tem trabalhado a benefício dessas pessoas que tavam em favelas discriminados pela sociedade a qual eu era um, a qual minha família era um sem chance nenhuma de futuro, e hoje não, hoje graças ao bom deus e graças a luta do movimento nós estamos aqui formando nossos filhos, estudando, muitos, minha esposa se formou através da força do movimento, através da Reforma Agrária, através do povo humilde, então nós crescemos, ele abriu esses sonhos pra essas famílias, então nasceu-se os sonhos nessas famílias que estão assentadas, a sociedade tem que

começar a enxergar esse ponto, até o momento nós, a nossa luz estava apagada, sem projetos, sem sonhos, sem decisões, a luta do movimento, a luta da Reforma Agrária, o MST deu a oportunidade de nascer a esperança pra nós. BN: Deus abençoe, mais uma pergunta só, tô bem emocionada (risos), é, sobre agroecologia, teve alguma formação pra isso, alguma instrução pra haver um plantio agroecológico ou alguma coisa do gênero? Tem aqui no assentamento? MRS: Nós tivemos, tivemos formação pra agroecologia, né, nós é, vem pessoas de fora, trabalharam com a gente, mas, e tudo se tornou muito lindo, muito belo, até porque, eu até escolhi essa área, porque eu fui assentado em um lote participantes dos orgânicos né, eu sou já do lado dos orgânicos né, só que dentro de uma teoria é muito fácil, mas quando você parte para as práticas teria que ter um apoio, um apoio pra essas, não só em formação de teoria, mas em práticas, em práticas, apoio financeiros, eu, eu pegueis nos orgânicos, eu plantei, eu plantei milho, eu não passei veneno, eu fiz na enxada, eu e minhas crianças nós fizemos na enxada, nós trabalhamos na enxada, quando fui vender na cooperativa os grãos era o mesmo preço do convencional né, era o mesmo preço do convencional, aí falei com o cara da cooperativa, inclusive e falei mas vem cá isso aqui é grão orgânico nós não passamos veneno e ele falou, ah, então você devia vender até mais barato porque vocês não tiveram tanta despesas, então não vem uma formação agroecológica entendeu, a sociedade tem que aprender a recepcionar também o esforço do agricultor, então tem que ter o que, tem que ter um apoio, um apoio, tem que ter uma formação, tem que ter um apoio, a população tem que vê esses produtos com um produto sacrificado, porque sacrifica o agricultor né, porque é muito simples passar veneno, você consegue é fazer um montante e a agroecologia, os orgânicos, você já não consegue aquela quantidade, você consegue a qualidade, a qualidade mas não a quantidade, enquanto não existir a formação do povo agricultor, enquanto não existir os investimentos nessas áreas e principalmente assim que a sociedade saiba valorizar o esforço do agricultor a gente vai ter dificuldade em crescimento orgânico, agroecológico né, porque, porque são produtos muito bons pra sociedade, todo mundo quer viver mais, todo mundo quer saúde mas pagar o preço pro agricultor é muito pouco. BN: Muito obrigada Milton, muito obrigada mesmo, é, e o regimento da época, você tava junto a hora que fizeram o regimento? Do acampamento aqui?

MRS: A gente tava.

BN: Tava? Será que eu consigo uma cópia em...